



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Lidiane Lessa de Jesus Santos

**A representação do Sonho Americano em *Aqui estão os sonhadores*, de
Imbolo Mbue, e *Americanah*, de Chimamanda Adichie**

São Gonçalo

2023

Lidiane Lessa de Jesus Santos

A representação do Sonho Americano em *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue, e *Americanah*, de Chimamanda Adichie



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S237 Santos, Lidiane Lessa de Jesus.
A representação do Sonho Americano em *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue, e *Americanah*, de Chimamanda Adichie / Lidiane Lessa de Jesus Santos. – 2023.
124f.

Orientadora: Prof.^a Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Adichie, Chimamanda Ngozi, 1977 – Crítica e interpretação – Teses. 2. Mbue, Imbolo – Crítica e interpretação – Teses. 3. Sonho americano – Teses. I. Carreira, Shirley de Souza Gomes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 869(669)-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Lidiane Lessa de Jesus Santos

A representação do Sonho Americano em *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue, e *Americanah*, de Chimamanda Adichie

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários

Aprovada em 07 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Daniele Ribeiro Fortuna
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO

Prof. Dr. Paulo César Silva de Oliveira
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a Lúcia e Eliane Lessa. Vocês são e sempre serão a melhor parte de mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus avós e aos meus pais, por todo o suporte e incentivo que me deram ao longo desta jornada. Vocês serão para sempre o meu porto seguro.

Agradeço àqueles que não puderam me acompanhar até aqui, mas marcaram a minha trajetória. A saudade será para sempre um lembrete da sua ausência, mas nunca deixarei de me sentir abençoada por cada minuto e segundo que pude estar com vocês.

Agradeço à Gabriella, minha amiga de todas as horas, por me ouvir e me apoiar.

Agradeço à minha orientadora Prof^a. Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira, por ter aceitado me acompanhar em mais essa jornada e por acreditar em mim quando eu mesma não conseguia.

Agradeço também à Prof^a. Dra. Daniele Ribeiro Fortuna e ao Prof. Dr. Paulo Cesar Silva de Oliveira por aceitarem o convite para fazer parte da banca.

I lived alone, in the woods, a mile from any neighbor, in a house which I had built myself, on the shore of Walden Pond, in Concord, Massachusetts, and earned my living by the labor of my hands only.

Henry David Thoreau

There are two kinds of people in the world, those who leave home, and those who don't.

Tayari Jones

RESUMO

SANTOS, Lidiane Lessa de Jesus. *A representação do Sonho Americano em Aqui estão os sonhadores, de Imbolo Mbue, e Americanah, de Chimamanda Adichie*. 2023. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

O objetivo da dissertação é analisar a representação do Sonho Americano nos romances *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue (2016), e *Americanah*, de Chimamanda Adichie (2013), e demonstrar como as obras abordam questões cruciais no mundo hodierno, tais como a diversidade étnica, cultural e de classe, bem como o racismo, que concorrem para a corrosão desse ideal de sucesso, mostrando a face mais sombria da sociedade estadunidense. Para tanto, recorreremos a teorias sobre os fluxos migratórios e as diásporas contemporâneas (COHEN, 2008; KEVIN, 2013), os processos de aculturação (BERRY, 1997, 2004) e a reconfiguração identitária dos imigrantes (CUCHE, 1999; HALL, 2006). Abordaremos também o surgimento e a consolidação do Sonho Americano (CULLEN, 2003), bem como os eventos que levaram à crise econômica global que serve de pano de fundo ao romance de Mbue. Procederemos à análise dessas questões no âmbito dos romances, investigando os fatores de atração implícitos no ideal do Sonho Americano sob a perspectiva dos Estudos culturais e Pós-Coloniais. Demonstraremos, também, como as hierarquias de classe, raça e gênero (CRENSHAW, 2020) influenciam as mobilidades transnacionais nas duas obras e atuam no processo de reconfiguração identitária das personagens, causando impacto sobre suas relações interpessoais.

Palavras-chave: Sonho Americano. Imigração. *Aqui estão os sonhadores*. *Americanah*.

ABSTRACT

SANTOS, Lidiane Lessa de Jesus. *The representation of the American Dream in Behold the dreamers, by Imbolo Mbue, and Americanah, by Chimamanda Adichie*. 2023. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

The aim of this thesis is to analyze the representation of the American Dream in the novels *Behold the dreamers*, by Imbolo Mbue (2016), and *Americanah*, by Chimamanda Adichie (2013), and demonstrate how the works address issues that are crucial in contemporary world, such as ethnic, cultural and class diversity, as well as racism, which contribute to the erosion of this ideal of success, showing the darkest face of American society. In order to do so, we will resort to theories about migratory flows and contemporary diasporas (COHEN, 2008; KEVIN, 2013), the processes of acculturation (BERRY, 1997, 2004) and the reconfiguration of immigrants' identities (CUCHE, 1999; HALL, 2006). We will also approach the emergence and consolidation of the American Dream (CULLEN, 2003), as well as the events that led to the global economic crisis that serves as a background to Mbue's novel. We will proceed to the analysis of these issues within the scope of the novels, investigating the factors of attraction implicit in the ideal of the American Dream from the perspective of cultural and post-colonial studies. We will also demonstrate how class, race and gender hierarchies (CRENSHAW, 2020) influence transnational mobility in both works and act in the characters' identity reconfiguration process, impacting their interpersonal relationships.

Keywords: American Dream. Immigration. *Behold the dreamers*. *Americanah*.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	MIGRAÇÃO E IDENTIDADE	14
1.1	Das diásporas às migrações contemporâneas: sujeitos em trânsito	14
1.2	Identities em trânsito: processos de reconfiguração identitária e aculturação	19
1.2.1	<u>Modos de aculturação do imigrante</u>	24
1.3	O imigrante e o sonho americano	27
1.3.1	<u>Imigração e interseccionalidade</u>	32
2	SONHOS EM MOVIMENTO: A IMIGRAÇÃO E O SONHO AMERICANO EM <i>AQUI ESTÃO OS SONHADORES</i>	35
2.1	Imbolo Mbue: a dona da voz	35
2.1.1	<u>Breve reflexão sobre a literatura camaronesa</u>	36
2.1.2	<u>Mbue e a pós-colonialidade intersticial e liminar</u>	38
2.2	A dissolução do Sonho Americano em <i>Aqui estão os sonhadores</i>	40
2.2.1	<u><i>Aqui estão os sonhadores</i>: breve sinopse</u>	40
2.2.2	<u>O sistema político e econômico estadunidense como antagonista</u>	41
2.2.3	<u>A representação dos imigrantes em <i>Aqui estão os sonhadores</i></u>	43
2.2.4	<u>Identities que se cruzam e fronteiras que as separam</u>	54
2.2.5	<u>A dissolução do sonho e o retorno</u>	63
3	A EXPERIÊNCIA DIASPÓRICA EM <i>AMERICANAH</i>	74
3.1	Chimamanda Adichie: literatura e ativismo	74
3.1.1	<u>A escrita de Adichie no panorama literário contemporâneo</u>	75
3.2	A representação do Sonho Americano em <i>Americanah</i>	76

3.2.1	<u>Americanah: breve sinopse</u>	76
3.2.2	<u>A representação dos imigrantes em Americana</u>	78
3.2.2.1	Ginika	80
3.2.2.2	Tia Uju	81
3.2.2.3	Obinze	83
3.2.2.4	Ifemelu	86
3.2.3	<u>Gênero e raça como categorias de análise da desigualdade social</u>	89
3.2.4	<u>The immigrant writes back: a escrita como instrumento de afirmação</u>	96
3.2.5	<u>O retorno como recomeço</u>	101
4	REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO SONHO AMERICANO EM <i>AQUI ESTÃO OS SONHADORES E AMERICANAH</i>	106
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	117

INTRODUÇÃO

O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer com que ela seja sua história definitiva.

Chimamanda Adichie

O ato de migrar é inerente à espécie humana e, ao longo da história literária, há inúmeros registros, ficcionais e empíricos, de viagens, deslocamentos e estabelecimento de indivíduos em uma nova terra. Se, no passado, muitos partiram rumo ao desconhecido para escapar a perseguições religiosas e políticas ou mesmo guiados por um espírito aventureiro, no mundo contemporâneo, a fome, a falta de oportunidade de trabalho, os conflitos bélicos e a globalização têm sido alguns dos principais fatores para a mobilidade humana (MARTINE, 2005). Segundo Carreira (2017, p. 25), “esses fatores foram responsáveis por uma nova cartografia mundial e, em consequência, surgiram manifestações na literatura e nas artes que têm buscado refletir as transformações que ocorreram em todos os aspectos da vida humana”.

Tendo a mobilidade ocupado um lugar de destaque no imaginário cultural contemporâneo, surgiu uma vertente literária voltada para esses fluxos migratórios, ficcionalizando as diásporas transnacionais por meio de personagens que tipificam a “modernidade líquida”, descrita por Zygmunt Bauman (2001), e vivenciam crises identitárias (HALL, 2006) geradoras de identidades fluidas e fragmentadas. Contraditoriamente, em meio à fluidez da “sobremodernidade” (AUGÉ, 1994), eles se atiram à busca de definição identitária, de uma ancoragem mínima.

Boa parte da literatura contemporânea em língua inglesa tem sido produzida por escritores migrantes ou descendentes de imigrantes que relatam as experiências decorrentes do deslocamento territorial e cultural e o impacto destas nas identidades. De acordo com Carreira (2017, p.28),

é possível estabelecer algumas linhas de força nas narrativas contemporâneas que abordam a mobilidade cultural associada à representação identitária:

- I- Narrativas que abordam especificamente o choque cultural e os processos de aculturação do migrante;
- II- Narrativas com a predominância de um narrador errante, incapaz de construir relações de pertencimento;
- III- Narrativas sobre o exílio (físico, psíquico, fictício), com a problematização, via ficção, das relações entre cultura, poder e política, e

IV- Narrativas que associam a mobilidade transnacional a uma releitura crítica dos espaços e das práticas culturais.

Em todas essas linhas de força, que de modo algum esgotam as possibilidades de narrar o deslocamento, há uma relação intrínseca entre a representação identitária, o trânsito espacial e cultural e a memória.

Seja qual for a linha de força predominante na literatura sobre a migração, as narrativas são sempre permeadas por obstáculos não apenas econômicos, mas também de ordem sociocultural.

Desde a sua descoberta, o continente americano representou para os europeus um Novo Mundo, uma terra de oportunidades para os desafortunados e os perseguidos que buscavam nele um modo de escapar à ordem social do Velho Continente. À medida que os Estados Unidos da América se configuraram como um espaço onde havia a oportunidade de se criar uma sociedade justa, fraterna e tolerante, essa imagem se constituiu como um *ethos* nacional, dando origem a um ideal mundialmente conhecido como Sonho Americano, que levou milhões de pessoas a emigrar para satisfazer tanto a ânsia de riqueza como o desejo de liberdade.

Um elemento-chave do sonho americano é a crença de que, por meio de trabalho árduo e perseverança, qualquer um pode ascender “da miséria à riqueza”, tornando-se financeiramente bem-sucedido e socialmente móvel. Se alguns efetivamente conseguiram alcançar seus objetivos, houve outros tantos para quem o Sonho Americano não passou de uma utopia.

A questão da imigração foi objeto da pesquisa que desenvolvemos em nosso trabalho de conclusão de curso de graduação, no qual analisamos a obra *The house on Mango Street*, de Sandra Cisneros, focalizando mais especificamente as relações de gênero em uma comunidade de imigrantes chicanos. O contato posterior com as obras de duas autoras africanas radicadas nos Estados Unidos, a camaronesa Imbolo Mbue e a nigeriana Chimamanda Adichie, despertou nosso interesse em investigar o percurso de personagens que emigraram impulsionados pela aura mítica do Sonho Americano.

Os romances *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue, e *Americanah*, de Chimamanda Adichie, narram as trajetórias de imigrantes africanos nos Estados Unidos. O primeiro situa os sujeitos diaspóricos em plena crise financeira de 2008, enquanto o segundo cobre cerca de quatorze anos de permanência da protagonista em solo americano, a partir de 1997. Conquanto ambas as autoras sejam imigrantes bem-sucedidas, os romances se reportam objetivamente aos obstáculos que normalmente os sujeitos das diásporas contemporâneas enfrentam nos países anfitriões e apontam na direção de uma descolonização

cultural, uma vez que desconstruem as crenças associadas à ideologia hegemônica do *American Dream*.

O objetivo desta dissertação é analisar a representação da falácia do Sonho Americano nos dois romances e demonstrar como as obras abordam questões cruciais no mundo hodierno, tais como a diversidade étnica, cultural e de classe, bem como o racismo, que concorrem para a corrosão desse ideal de sucesso, mostrando a face mais sombria da sociedade estadunidense.

Para atingir os propósitos desta dissertação, dividimos o trabalho em quatro capítulos. O primeiro versa sobre as relações entre migração e identidade, partindo do conceito mais tradicional de diáspora para abordar as diásporas transnacionais do século XX. Como a experiência de adaptação cultural é inerente ao movimento de deslocamento territorial, seja ele transnacional ou não, e, independentemente da situação na qual se encontre, o sujeito migrante passará por transformações identitárias resultantes da negociação entre duas culturas, focalizamos também o processo de aculturação tendo como base teórica a Psicologia Intercultural, mais especificamente, o modelo bidimensional de John Berry (2004).

Ainda nesse primeiro capítulo, abordamos o surgimento e a consolidação do Sonho Americano, bem como os eventos que levaram à crise econômica global que serve de pano de fundo ao romance de Mbue. Finalizamos o capítulo com uma breve discussão a respeito dos efeitos da interseccionalidade (CRENSHAW, 2020) na identidade dos imigrantes a fim de demonstrar como as hierarquias de classe, raça e gênero influenciam as mobilidades transnacionais e atuam no processo de reconfiguração identitária dos protagonistas, causando impacto sobre suas relações interpessoais.

O segundo capítulo, que analisa o romance *Aqui estão os sonhadores*, contém uma breve apresentação da autora Imbolo Mbue, um panorama da literatura camaronesa, bem como a exposição do contexto gerador da crise econômica global que serve de pano de fundo ao romance. Além da representação do Sonho Americano, são focalizadas as hierarquias de classe, raça e gênero como elementos complicadores da mobilidade transnacional, bem como o processo de reconfiguração identitária dos imigrantes camaroneses e seu impacto sobre as relações interpessoais.

O terceiro capítulo apresenta uma breve biografia de Chimamanda Adichie e analisa o romance *Americanah*, abordando as adversidades enfrentadas pelos imigrantes africanos, com ênfase na questão do racismo e do gênero e como esses fatores contribuem para diferentes percepções do Sonho Americano. O capítulo discute, ainda, o gênero e a raça como categorias

de análise de desigualdade social, o processo de aculturação dos migrantes no âmbito do romance e o modo como a protagonista usa a escrita de um *blog* como um contradiscurso.

O último capítulo reflete comparativamente sobre a representação do Sonho Americano nos dois romances e as implicações do retorno, segundo a tipologia desenvolvida por Francesco Cerase (1974).

1 MIGRAÇÃO E IDENTIDADE

Que coisa estranha, que coisa esquisita deve ser: largar o país, a língua, abandonar a família em direção a algo completamente novo e, sobretudo, incerto.

Tatiana Salem Levy, A chave de casa.

1.1 Das diásporas às migrações contemporâneas: sujeitos em trânsito

A migração sempre fez parte da história humana e tem se tornado um assunto cada vez mais em evidência na atualidade. Antes que a prática da agricultura fosse desenvolvida, o nomadismo era a forma pela qual os humanos asseguravam sua sobrevivência. Para os primeiros humanos, era essencial migrar para encontrar os recursos que garantiriam sua sobrevivência, e assim que esses recursos se esgotavam era necessário voltar a deslocar-se novamente, pois, estar vivo significava manter-se em constante movimento.

Logicamente as motivações e meios pelos quais o processo migratório ocorreu sofreram alterações ao longo dos anos. Se, de início, migrar era quase um ato instintivo de buscar alimentos e recursos necessários à manutenção da vida, quando o nomadismo deu lugar ao sedentarismo, os fluxos migratórios persistiram por outros motivos. As primeiras migrações históricas foram provocadas por guerras e conquistas. Muitos desses movimentos configuraram-se como diásporas, ou seja, um deslocamento massivo de seres humanos, caracterizando a dispersão de populações através de fronteiras.

A etimologia da palavra diáspora vem do grego: *diaspeirein*, espalhar, contendo no prefixo *dia* a ideia de movimento através, de afastamento e passagem, e em *speirein* o significado de semear ou dispersar. O termo não possui uma definição fechada, e segundo Cohen (2008) é frequentemente relacionado ao modelo da diáspora judaica, de sofrimento, opressão e trauma. Kenny (2013) aponta um consenso nas variações do conceito em que diáspora está associada ao exílio e ao sofrimento. Para Hall (2003) a experiência diaspórica é

caracterizada por um sentimento de se estar constantemente à deriva, distante de seu ponto de partida e ausente de um destino final.

Bhabha denomina esse lugar indistinto, habitado pelos sujeitos da diáspora, “terceiro espaço” ou “entrelugar”, um “terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade” (BHABHA, 1998, p. 20), um espaço em que surgem identidades caracterizadas por sua natureza híbrida. Ou seja, é possível caracterizar diáspora como a saída de um povo, de sua terra natal, preservando conexões com esta através da língua, cultura, tradições e história, aspectos estes que são responsáveis por definir e diferenciar variadas comunidades e indivíduos diaspóricos.

Cohen (2008) separa os estudos sobre diásporas em quatro fases. A primeira é a diáspora clássica, que corresponde principalmente ao estudo da diáspora judaica, que teve seu campo de estudo expandido abarcando as diásporas africana, armênia, irlandesa e mais tarde, também a palestina. Trata-se de um modelo de migração forçada e traumática em que um povo é vítima de um opressor que força o movimento diaspórico.

A segunda fase tem início a partir de 1980, quando o termo diáspora passa a ser utilizado para designar pessoas de diferentes categorias, expatriados, refugiados políticos, estrangeiros e imigrantes, os fluxos de indivíduos nessas situações eram classificados como diáspora pela quantidade crescente de pessoas que se deslocavam, pelas experiências que compartilhavam e pelas suas narrativas coletivas.

A terceira fase teve início a partir dos anos 90, marcada por críticas sociais dos teóricos da segunda fase que temiam a generalização do conceito após sua expansão, ainda que a evolução do campo tivesse mostrado que as identidades já eram frequentemente desterritorializadas e desestabilizadas, e que conceitos como o de diáspora precisavam ser flexíveis o bastante para acomodar tais mudanças.

A quarta fase foi marcada por transformações históricas na virada do século e manteve o foco na complexidade da questão da desterritorialização e seus efeitos sobre as identidades.

O fato é que, já no século XV, as Grandes Navegações deram início a um período de exploração e colonização de novas terras, impulsionando as correntes migratórias. Entretanto, há uma tendência entre historiadores de considerar o século XVIII como o marco histórico no qual as sociedades sofreram as grandes transformações que alteraram sua organização. Transformações essas que foram irreversíveis e funcionaram como o pontapé inicial para a modernidade. O século XVIII foi o século do Iluminismo, da Revolução Industrial e da modernização, eventos que mudaram os modos de vida existentes.

A Revolução Industrial teve um papel preponderante nas migrações modernas, pois a utilização de máquinas na produção industrial fez com que muitas pessoas ficassem desempregadas. Deste modo, ocorreram migrações em massa, primeiramente do campo para as cidades e, posteriormente, continentais, entre os países europeus, e intercontinentais, com destaque para o “Novo mundo”, em particular para os Estados Unidos.

O interesse pelo estudo das migrações modernas teve início entre o final da década de sessenta e início da década de setenta do século XX e tem se intensificado, tornando-se pauta em diferentes campos teóricos e disciplinas acadêmicas, como a Antropologia, História, Sociologia, Psicologia, Geografia e Economia, entre outros. Cada campo de estudo se debruça sobre um aspecto referente à migração, produzindo conhecimento sobre o tema em diferentes perspectivas. A natureza multifacetada da migração torna a unificação de sua pesquisa enquanto objeto de análise praticamente impossível, pois contextos diferentes geram resultados diferentes em campos diferentes de estudos, porém a interdisciplinaridade do assunto enquanto ciência ressalta o quão prósperas são as diferentes abordagens para o aprofundamento do conhecimento sobre o tema.

Se os motivos que levam o indivíduo a migrar são diversos – como conflitos bélicos, perseguições religiosas ou políticas, desastres naturais, ou a busca por melhor condição econômica –, a experiência migratória parte da construção de expectativas do migrante sobre o local de acolhimento, assim como depende em muito da relação que ele tem com sua terra natal.

Muitos desses deslocamentos ocorrem de forma temporária, havendo a expectativa de retorno, principalmente quando são de ordem econômica. O deslocamento temporário motivado por aperfeiçoamento profissional ou educacional é mais frequente entre indivíduos com maior *status* social e maior aporte financeiro, que são os que passam por esse processo com menores obstáculos.

Hodiernamente, há uma forte tendência migratória em países outrora colonizados, por parte de pessoas que nutrem o desejo de ascender socialmente e acreditam que suas chances de realizar tal desejo se encontram em outros territórios. É comum que indivíduos de ex-colônias partam para as antigas metrópoles em busca de educação e emprego por acreditarem que apenas assim conseguirão galgar degraus na hierarquia social (FONGANG, 2018). Para Edward Said, a enorme quantidade de pessoas deslocadas deve-se aos conflitos imperialistas e pós-coloniais:

À medida que a luta pela independência produzia novos Estados e novas fronteiras, ela também produzia andarilhos sem-teto, nômades, vagabundos, não assimilados às estruturas emergentes de poder institucional, rejeitados pela ordem estabelecida por sua intransigência e rebeldia obstinada. (SAID *apud* CRESSWELL, 2006, p. 44. Tradução nossa).¹

Muito embora não seja possível fazer generalizações no contexto das migrações hodiernas, indubitavelmente, o processo de colonização transformou os grandes centros econômicos do Ocidente em pontos de atração para imigrantes oriundos de países outrora colonizados.

A par disso, o temor de uma ruptura dos laços familiares se dissolveu com os avanços tecnológicos, e tem se tornado cada vez mais fácil para os imigrantes manterem conexões virtuais com aqueles que ficaram em sua terra natal. Simultaneamente, eles tentam criar novas conexões empíricas na pátria de acolhimento. Os imigrantes não transitam apenas entre territórios físicos, mas também entre culturas. Assim, o processo migratório não interfere apenas na forma com que um indivíduo interage socialmente, mas também com a recepção por parte dessa outra sociedade.

A cada ano aumenta o número de pessoas que cruzam fronteiras geográficas. Esses indivíduos têm expectativas e necessidades variadas que os levam a migrar. Ao lançarem-se nessa empreitada, eles enfrentam deslocamentos físicos, emocionais, culturais, sociais e identitários, além de muitos arriscarem-se ao passar pelo processo ilegalmente.

Spivak (2000) se reporta ao cenário global contemporâneo, caracterizado intensos deslocamentos, utilizando o termo “mundo transnacional”. A autora faz uma separação entre novas e velhas diásporas. As velhas diásporas, segundo ela, são aquelas que seguem o modelo de diáspora clássica, resultantes de opressão religiosa, guerras e escravidão. Já as novas diásporas seriam os deslocamentos gerados por indivíduos oriundos de ex-colônias europeias que migram para as antigas metrópoles em busca de asilo e emprego.

Muito embora haja uma clara separação entre os termos diáspora, migração, expatriação, refúgio e exílio no que diz respeito aos contextos em que ocorrem, são muitos os textos, teóricos ou não, em que se intercambiam por guardarem uma relação de sentido entre si, conforme Judith T. Shuval sinaliza em “Diaspora migration: definitional ambiguities and a theoretical paradigm”:

¹ Texto no idioma original: “*As the struggle for independence produced new states and new boundaries, it also produced homeless wanderers, nomads, vagrants, unassimilated to the emerging structures of institutional power, rejected by the established order for their intransigence and obdurate rebelliousness.*”

O termo diáspora adquiriu um amplo domínio semântico. Agora abrange uma variedade heterogênea de grupos, como refugiados políticos, residentes estrangeiros, trabalhadores convidados, imigrantes, expulsos, minorias étnicas e raciais e comunidades no exterior. É usado cada vez mais por pessoas deslocadas que sentem, mantêm, inventam ou revivem uma conexão com um lar anterior. Os conceitos de diáspora incluem uma história de dispersão, mitos/memórias da pátria, alienação no país de acolhimento, desejo de retorno eventual – que pode ser ambivalente, escatológico ou utópico – apoio contínuo à pátria e, uma identidade coletiva definida pela relação exposta acima. (SHUVAL, 2000, p.42, tradução nossa)².

Nesse mesmo texto, Shuval se reporta a definições de teóricos como Sheffer (1986, p. 3), para quem as diásporas modernas se resumem a grupos étnicos minoritários residentes em outros países que mantêm fortes elos com sua terra natal, e Kearney (1995), que defende a opinião de que o que distingue a diáspora é um persistente elo, a lealdade do sujeito à cultura e à terra de origem. Para Safran (1991), diáspora ou comunidade diaspórica se tornaram termos metafóricos que generalizam deslocamentos territoriais. Com o intuito de ampliar a simplificação de Walker Connor (*apud* SAFRAN, 1991) que define como diáspora os indivíduos vivendo fora de sua terra natal, Safran adota como definição de diáspora uma comunidade minoritária expatriada e traça uma lista de características compartilhadas para que os membros dessas comunidades possam ser denominados diaspóricos. São elas:

1) eles, ou seus ancestrais, foram dispersos de um "centro" original para duas ou mais regiões periféricas ou estrangeiras; 2) eles mantêm uma memória coletiva, visão ou mito sobre sua terra natal – sua localização física, história e realizações; 3) eles acreditam que não são –e não poderão ser– totalmente aceitos em suas sociedades anfitriãs e, portanto, permanecem parcialmente alienados e excluídos; 4) eles consideram sua terra natal como, seu verdadeiro e ideal, para qual eles, ou seus descendentes irão, ou deverão retornar eventualmente – quando as condições forem apropriadas; 5) eles acreditam que devem, coletivamente se comprometer com a manutenção, restauração, a segurança e prosperidade de sua terra natal original; e 6) se relacionar pessoal, ou virtualmente com aquela terra natal, de uma forma ou de outra, e que sua consciência étnico-comunitária e solidariedade são importantemente definidas pela existência de tal relação. (SAFRAN, 1991, p. 84, tradução nossa)³

² Texto no idioma original: “*The term diaspora has acquired a broad semantic domain. It now encompasses a motley array of groups such as political refugees, alien residents, guest workers, immigrants, expellees, ethnic and racial minorities, and overseas communities. It is used increasingly by displaced persons who feel, maintain, invent or revive a connection with a prior home. Concepts of diaspora include a history of dispersal, myths/memories of the homeland, alienation in the host country, desire for eventual return – which can be ambivalent, eschatological or utopian—ongoing support of the homeland and a collective identity defined by the above relationship*”.

³ Texto no idioma original: “*1) they, or their ancestors, have been dispersed from a specific original "center" to two or more "peripheral," or foreign, regions; 2) they retain a collective memory, vision, or myth about their original homeland—its physical location, history, and achievements; 3) they believe that they are not—and perhaps cannot be—fully accepted by their host society and therefore feel partly alienated and insulated from it; 4) they regard their ancestral home-land as their true, ideal home and as the place to which they or their descendants would (or should) eventually return—when conditions are appropriate; 5) they believe that they should, collectively, be committed to the maintenance or restoration of their original homeland and to its safety and prosperity; and 6) they continue to relate, personally or vicariously, to that homeland in one way or another,*

Para esses teóricos esse vínculo com a terra natal idealizada é um componente essencial para a caracterização de indivíduos como diáspora, e não interfere necessariamente na integração do sujeito diaspórico à sociedade de acolhimento.

1.2 Identidades em trânsito: processos de reconfiguração identitária e aculturação

A questão da identidade tem sido profundamente estudada, destacadamente no campo dos estudos culturais. A popularidade do tema reflete uma preocupação com a crise das identidades modernas, postas em xeque em decorrência da alteração dos sistemas de representação simbólicos que outrora orientavam o mundo social, fazendo-as entrar em declínio. Como resultado do desequilíbrio nas paisagens culturais de raça, etnia, classe, gênero e sexualidade, as velhas identidades em crise fizeram com que surgissem novas identidades que correspondem às necessidades do sujeito, pleno de questões não resolvidas, anseios e carências que o tornam fragmentado, deixando para trás a ideia de uma identidade fixa e unificada.

Embora a identidade seja um conceito imaterial, cuja definição é permeada de complexidade, a sua construção produz um efeito social real, logo ela não é ilusória, (CUCHE, 1999). Stuart Hall (2006) evidencia a complexidade na qual o conceito de identidade está envolto:

O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas (HALL, 2006, p. 8-9).

Segundo o sociólogo, a globalização provocou uma mudança estrutural nas sociedades no final do século XX, que se deu em escala global, de forma a conectar comunidades e atravessar fronteiras interligando nações de forma nunca antes vista. A globalização alterou as bases nas quais os indivíduos se alicerçavam, fazendo com que essas identidades entrassem em colapso. Se no passado acreditava-se na existência de sujeitos centrados cujas identidades

and their ethno communal consciousness and solidarity are importantly defined by the existence of such a relationship.”

eram estáveis e firmemente ancoradas, esses ideais mostraram-se frágeis quando as paisagens culturais nas quais esses sujeitos apoiavam se fragmentaram:

Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2006, p.9).

O processo transformador decorrente dessa crise nega qualquer concepção essencialista de fixidez que se possa ser atribuída às identidades, pois estas estão em crise; crise esta que afeta tanto identidades individuais quanto nacionais. Dubar (2005) concorda com Hall quanto ao afirmar que:

As identidades, portanto, estão em movimento, e essa dinâmica de desestruturação/reestruturação às vezes assume a aparência de uma “crise de identidades”. Cada configuração identitária assume hoje a forma de um misto em cujo cerne as antigas identidades vão de encontro às novas exigências da produção e em que as antigas lógicas que perduram entram em combinação e às vezes em conflito com as novas tentativas de racionalização econômica e social (DUBAR, 2005, p. 330).

As identidades nem sempre foram vistas como algo mutável. A existência de uma identidade fixa, segundo Hall (2006), coadunava-se com os ideais iluministas, quando se pensava haver um núcleo ou essência fundamental ao ser humano. Hall apresenta três definições de identidade, e discute como estas se relacionam com as mudanças ocorridas na modernidade, a saber: a identidade do sujeito do iluminismo, a identidade do sujeito sociológico e a identidade do sujeito pós-moderno.

A identidade do sujeito do iluminismo é baseada na existência de um indivíduo totalmente centrado que permaneceria fundamentalmente o mesmo desde seu nascimento:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele- ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2006, p. 10).

Hall (2006) considera essa concepção individualista, pois se baseia numa ideia de que os sujeitos contêm um centro interior nato e inalterável, compreendendo assim sua identidade como um elemento totalmente desconectado de seu meio por não sofrer influências do mesmo.

A ideia de que o sujeito estivesse preso a uma identidade fundamental, invariável e centrada que definiria sua vida desde o nascimento até sua morte, tornou-se obsoleta. Por mais resistentes que alguns valores e símbolos possam se mostrar, ao entrarem em contato com as novas demandas culturais e sociais, os sujeitos já não conseguem permanecer estáticos, são forçados, lentamente, a reagir e adaptar-se às transformações dos tempos; pois a modernidade, segundo Harvey (*apud* HALL, 2005, p. 16), implica “um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente”, que se caracteriza como um processo infinito de “rupturas e fragmentações”.

A identidade do sujeito sociológico representa a segunda concepção de identidade apresentada por Hall (2006), cujo núcleo interior não é autônomo e independente. O sujeito sociológico é concebido como um produto do meio que o cerca, de como ele interpreta sua cultura e equilibra o meio privado e o meio público no qual transita, ou seja, a identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade. Apesar de se distanciar de uma concepção rígida, a identidade do sujeito sociológico ainda mantém a ideia de um núcleo interior nato:

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público. (HALL, 2006, p. 11).

Com a mudança das paisagens sociais trazidas pela modernidade as estruturas institucionais e políticas que centravam as sociedades entram em colapso. A globalização e as ondas migratórias são as maiores razões para a crise das identidades. As sociedades estão interagindo com valores e tradições diferentes e, muitas diametralmente opostas, em um cenário em que é necessário aprender a relacionar-se com o diverso. Nesse novo cenário, as culturas são mistas e o sujeito é híbrido. As noções de classe, nacionalidade, etnia, raça, gênero e sexualidade já não fornecem uma base concreta em que o indivíduo possa se estruturar; se tornaram noções flutuantes que estão sempre em xeque, sendo constantemente desconstruídas e questionadas. Em meio a essa crise de identificação surge o sujeito pós-moderno⁴, a mais dinâmica das concepções de identidade, por advir da mobilidade e transitoriedade. A identidade pós-moderna é tida como uma “celebração móvel”, dado o seu caráter de estar sempre em trânsito, não é fixa, não é permanente e não é unificada; ela se transforma continuamente em relação aos modos como é interpelada. Não precisa ser

⁴ O pós-modernismo consiste na rejeição das metanarrativas, ou seja, de interpretações teóricas de larga escala, pretensamente de aplicação universal, privilegiando a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural. (HARVEY, 1989, p. 19).

coerente, pois é múltipla e composta por todas as identificações que o sujeito assume em diferentes momentos ao longo de sua vida.

Segundo Hall (2006), os sujeitos possuem múltiplas identidades contraditórias que seguem em direções diferentes, de modo que os mecanismos pelos quais nos identificamos são constantemente deslocados, tornando existência da identidade unificada em uma “fantasia”, pois “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possível, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p. 13).

A identidade está relacionada a discursos e práticas discursivas que produzem subjetividades. Hall (2000) compara a identidade a um ponto de sutura, unindo discursos e demandas externas ao indivíduo, que nos levam a assumir uma postura enquanto sujeitos sociais (público), e discursos particulares produtores de subjetividades que compõem o eu particular (privado). Ainda segundo o autor, as identidades que os sujeitos assumem seriam “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 2000, p. 112), ou seja, são as diversas posições assumidas pelos indivíduos quando confrontados por discursos e práticas sociais. Essas identidades e posicionamentos são fluidos, flexíveis, sempre assumindo novas configurações articuladas estrategicamente para comportar demandas sociais.

Conforme aponta Silva (2000),

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade. (SILVA, 2000, p. 4).

Por sua vez, Dubar (2006) discorre sobre definições de identidade propostas por duas correntes de pensamento filosófico: essencialista e existencialista. Segundo Dubar, o conceito de identidade da corrente essencialista data do século X a.C. e se debruça sobre a crença em realidades essenciais e imutáveis, em que: “a identidade dos seres existentes é o que faz com que permaneçam idênticos, no tempo, à sua essência” (DUBAR, 2006, p. 8).

A segunda corrente, a existencialista (ou nominalista), defendida por Dubar, e é oposta à anterior. Nessa perspectiva a existência precede qualquer essência, não existem essências

eternas e a mudança é tida como uma constante. A identidade estaria sujeita ao momento histórico vivido e à perspectiva adotada para sua observação. Ou seja, a corrente existencialista concorda com a concepção defendida por Hall de que as identidades são variáveis e moldadas historicamente.

Woodward (2000) concorda com as visões de Hall e Dubar sobre a identidade ser um produto resultante de diferentes elementos sociais, culturais, políticos e históricos. Segundo a autora, a identidade é gerada de modo a significar a experiência cultural, dessa forma seria possível optar pela identidade que se adéqua às necessidades de dada situação, no entanto é necessário ter em mente que as possibilidades culturais são infinitas, assim como as relações sociais, tornando o processo de identificação eternamente inacabável.

No que tange à questão das identidades, apesar dos descentramentos e mobilidade, há uma constante busca por estabilidade que parece se encontrar eternamente fora de alcance. Os referenciais responsáveis por orientar e desorientar as identidades humanas não são controláveis. A construção da identidade ocorre no interior de relações socioculturais que posicionam os indivíduos através de relações de oposição entre aqueles com quem ele se identifica e não se identifica. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação (CUCHE, 1999, p. 183). Dubar (2005) chama atenção para esse dualismo entre a identidade para si e a identidade para o outro, pois essas identidades são inseparáveis e dependentes, necessitando de reconhecimento e distinção. Não há como saber precisamente se a identidade atribuída a si e a identidade atribuída pelo outro são compatíveis.

O produto resultante da autopercepção é chamado de autoidentidade, e aquele resultante da percepção definida por outros indivíduos é chamada de heteroidentidade. A negociação entre essas duas identidades resulta na formação da identidade individual. Quando essa negociação falha, surge uma identidade negativa que é permeada por estereótipos e promove a marginalização do indivíduo (CUCHE, 1999).

É, entretanto, possível rejeitar essa identificação e buscar identificar-se de outra forma, pois “todas as identidades são denominações relativas a uma época histórica e a um tipo de contexto social. Assim, todas as identidades são construções sociais e linguagem que são acompanhadas, em maior ou menor grau por racionalizações e reinterpretações.” (DUBAR, 2005, p. XXI).

A heteroidentidade é frequentemente utilizada como ferramenta em contextos de dominação e colonização. “Semelhante à teoria de Lacan, a subjetividade é construída através do discurso: o indivíduo se identifica ou reage contra várias posições de sujeito oferecidas por

uma variedade de discursos num dado momento” (BONNICI, 2009, p. 257). Um grupo dotado de mais influência é investido do poder simbólico de, através do discurso, definir como um grupo considerado inferior é representado, gerando histórias alternativas que marginalizam e estigmatizam os indivíduos pertencentes a esse grupo.

1.2.1 Modos de aculturação do imigrante

O intenso deslocamento de pessoas ao redor do globo fez emergir questões culturais ligadas à identificação e reconhecimento de um outro que ora se faz igual, ora se faz diferente. O termo “aculturação” foi cunhado em 1895, pelo antropólogo americano Otis Tufton Mason, que estudou as diferenças etnográficas entre índios nativos, nativos do Alasca, africanos e sua relação com os europeus do Novo Mundo (HERSKOVITS *apud* ARAÚJO, 2017). Mais tarde, em 1936, Redfield, Linton e Herskovits assim definiram pela primeira vez o termo:

Os fenômenos que resultam quando grupos de pessoas de diferentes culturas entram em contato contínuo de primeira mão, com posteriores alterações aos padrões culturais originais de um ou de ambos os grupos[...] sob esta definição aculturação será distinguido de assimilação, que às vezes é uma fase de aculturação. (REDFIELD et al., *apud* ARAÚJO, 2017, p. 22-23).

Segundo Araújo (2017, p. 23), “quatro décadas depois, Szapocznik, Scopetta, Kurtines e Aranalde (1978) propuseram que a aculturação envolve mudanças em duas dimensões: comportamentos e valores”. Por sua vez, Cuellar, Arnold e González (1995) definiram a aculturação em termos de transformações que ocorreriam em três níveis de funcionamento: comportamental, afetivo e cognitivo, abrangendo linguagem, costumes e expressões culturais e emoções que têm conexões culturais. Na concepção atual do termo, ele abrange o processo pelo qual grupos culturais diferentes adotam os costumes e comportamentos culturais de uma outra cultura.

Por longo tempo e por questões de hegemonia, a condição percebida como a ideal para o migrante passava pelo processo de assimilação, em que este deveria abrir mão de suas raízes e abraçar a cultura do país de acolhimento; a única condição em que poderia ser visto como um igual. A questão da integração e assimilação dos imigrantes nos Estados Unidos foi o foco das pesquisas da Escola de Chicago. Seus teóricos acreditavam na capacidade da sociedade americana em assimilar suas minorias étnicas.

O polo oposto estaria no âmbito da “outremização”, termo cunhado por Gayatri Spivak para definir o processo pelo qual o discurso imperial fabrica o outro (ASHCROFT et al., 1998). Importa, assim, estabelece diferença entre “alteridade” e “outremização”, uma vez que aquele, derivado do Latim *alteritas*, significa o estado de ser outro ou diferente, enquanto que este implica a criação de estereótipos sobre o diferente.

Entretanto, o migrante necessita integrar-se ao país que o recebe e, no ponto de vista da Psicologia Intercultural, a integração é um processo no qual estão presentes grupos que mantêm suas heranças culturais enquanto se acomodam às necessidades de um grupo majoritário.

Segundo John W. Berry,

A clássica definição de aculturação foi apresentada por Redfield Linton e Herkovits (1936, p.149): “aculturação compreende fenômenos que resultam quando grupos individuais de diferentes culturas mantêm contato com mudanças na cultura original de cada um dos grupos. Embora aculturação seja um termo neutro em princípio (a mudança pode ocorrer em um ou nos dois grupos), na prática aculturação tende a induzir mais mudanças em um dos dois grupos do que no outro (BERRY, 1997, p. 7, tradução nossa).⁵

Em seus estudos sobre a migração, Berry denomina os grupos majoritários “dominantes” e os minoritários “não dominantes” e esclarece ainda que “no primeiro plano, a aculturação é uma mudança na cultura do grupo; no último, a aculturação é uma mudança na psicologia do indivíduo” (BERRY, 1997, p. 7, tradução nossa). Essa distinção explica que nem todos os indivíduos experimentam a aculturação vivida pelo grupo.

Conforme Carreira explicita:

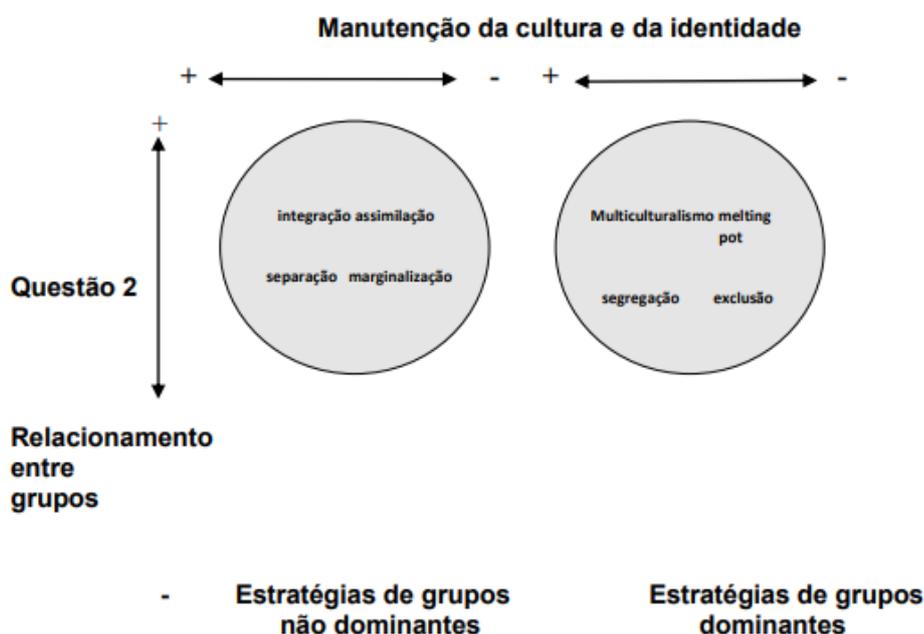
em “Migração, Aculturação e Adaptação”, para quem a aculturação ocorre de modo bidimensional, abrangendo não apenas o nível de adesão do imigrante a uma nova cultura, como também a receptividade que obtém desse grupo social majoritário. O processo de adaptação pode ocorrer de formas diferenciadas (BERRY, 1997, p.7), que variam de uma total assimilação, que afeta a identidade cultural e implica rejeição das próprias raízes, à integração, quando o imigrante é capaz de integrar-se ao novo ambiente sem, no entanto, abdicar dos seus referenciais identitários (CARREIRA, 2020, p.5).

A integração só pode ser "livremente" escolhida por grupos não-dominantes quando a sociedade dominante é aberta e inclusiva em sua orientação para a diversidade cultural. Assim, é necessária uma acomodação mútua para que a integração seja alcançada.

⁵ Texto no idioma original: “The classical definition of acculturation was presented by Redfield, Linton, and Herskovits (1936, p.149): “acculturation comprehends those phenomena which result when groups of individuals having different cultures come into continuous first-hand contact with subsequent changes in the original culture patterns of either or both groups”

Estabelecendo como critério a manutenção da cultura e da identidade e o relacionamento entre os grupos dominantes e não-dominantes, Berry demonstra no gráfico a seguir as estratégias adotadas pelos grupos na vigência de um contato intercultural.

Figura 1- Variedades de estratégias interculturais em grupos dominantes e não dominantes



Fonte: BERRY (2002, p.33)

Como Pessanha e Carreira sinalizam,

A assimilação implica no total desenraizamento; a integração consiste em um processo simultâneo de manutenção das raízes e de interação com outros grupos; a separação é gerada pelo apego à herança cultural associado ao desinteresse em interagir com o grupo dominante e, finalmente, a marginalização ocorre mediante a perda das raízes e a concomitante rejeição do contato com outros grupos. (PESSANHA; CARREIRA, 2015, p.7),

Porém, as estratégias precisam ocorrer de parte a parte e a escolha nem sempre depende do migrante. Ainda segundo Pessanha e Carreira,

quando é o grupo dominante que impõe certas regras de relacionamento, ou mesmo restringe a interação, a dimensão é outra, passando por estratégias que variam do multiculturalismo à exclusão. Assim, o multiculturalismo resulta de uma acomodação mútua; o melting pot (cadinho cultural) de uma assimilação conduzida pelo grupo dominante; a segregação, de uma separação imposta, e a exclusão é o resultado da imposição do processo de marginalização. Claro está que essas estratégias também se aplicam às migrações internas. (PESSANHA; CARREIRA, 2015, p.7).

Embora seja verdadeiro que, imbuídos de um desejo de sucesso, muitos migrantes não apresentem objeção à ideia de assimilação, na prática, o que ocorre na maioria das vezes é um processo integrativo, em que, sem abrir mão de sua herança cultural, o migrante adere a determinados valores e/ou comportamentos da cultura majoritária.

De especial relevância é o fato de que, ao contrário de uma primeira geração de imigrantes, que sofre de maneira drástica o choque cultural, as gerações posteriores estão sujeitas a crises identitárias decorrentes do duplo referencial cultural, do racismo e da xenofobia.

Esta reflexão ganha importância na medida em que buscaremos analisar a trajetória do casal Jonga, em *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue, e de Ifemelu e outros personagens imigrantes, em *Americanah*, de Chimamanda Adichie, não apenas pelo viés da adesão à cultura estadunidense, mas também pelo critério de recepção por parte da mesma. A resposta das personagens diante das situações, principalmente de ordem econômica, que se apresentam corroboram a proposta de leitura do romance como dissolução do sonho americano.

1.3 O imigrante e o Sonho Americano

Aprendi isso, pelo menos, com meu experimento: se alguém avança confiante na direção de seus sonhos e se esforça para viver a vida que imaginou, encontrará um sucesso inesperado nas horas comuns.⁶

Henry David Thoreau, Walden.

Como um ideal utópico, a narrativa do Sonho Americano serviu historicamente como um *ethos* central das aspirações americanas sobre mobilidade de classe e sucesso econômico.

Embora haja muitos questionamentos sobre a possibilidade de realização, nos dias de hoje, da promessa de mobilidade de classe e sucesso financeiro embutida no sonho e,

⁶ Texto no idioma original: “*I have learned this, at least, from my experiment: that if one advances confidently in the direction of his dreams, and endeavors to live the life he has imagined, he will meet with a success unexpected in common hours*”.

inclusive, sobre se alguma vez ela foi realisticamente alcançável pela maioria da população dos EUA, o Sonho Americano continua sendo uma narrativa potente na história contemporânea. Ele continua a inspirar muitos cidadãos e imigrantes a trabalhar duro e aspirar a obter uma renda mais alta, um emprego de prestígio, casa própria, bem como segurança econômica e independência (HOCHSCHILD, 1995).

Em *American Dream: a short history of an idea that shaped a nation*, Jim Cullen (2003) traça um panorama histórico do surgimento do Sonho Americano, partindo do imaginário que impulsionou os puritanos a enfrentar o oceano e aportar na América no início do século XVII. Embora o principal motivo fosse a crença de que estariam livres para professar sua fé na nova terra, eles também viam nela a oportunidade de prosperar. A riqueza material circunscrita ao princípio moral e senso comunitário não se dissociava da esfera espiritual e “esse conceito puritano de prosperidade, ancorado pelos objetivos religiosos, foi um dos pilares que sustentaram as fundações do sonho americano”⁷ (BRAGA, 2020, p. 36, tradução nossa). A essa crença inicial, associaram-se os princípios de igualdade da Declaração da Independência (1776) e à figura do *self-made man*, emblematizada e encorajada por Benjamin Franklin, muito embora essa expressão só tenha sido cunhada por Henry Clay, em 1842, justamente para descrever indivíduos cujo sucesso depende deles mesmos e não das condições externas. Digno de nota é o ensaio do ex-escravo Frederick Douglass (1872) sobre os *self-made men*, em que assim os define:

[Self-made men] são os homens que, sob dificuldades peculiares e sem a ajuda ordinária das circunstâncias favoráveis, alcançaram conhecimento, utilidade, poder e posição e aprenderam por si mesmos os melhores usos a que a vida pode ser dada neste mundo e em os exercícios desses usos para construir um caráter digno. São os homens que pouco ou nada devem ao nascimento, relacionamento, ambiente amigável; à riqueza herdada ou aos meios de educação aprovados antecipadamente; quem são o que são, sem o auxílio de quaisquer condições favoráveis pelas quais outros homens costumam ascender no mundo e alcançar grandes resultados. ... Eles são os homens que, em um mundo de escolas, academias, faculdades e outras instituições de ensino, muitas vezes são compelidos por circunstâncias hostis a adquirir sua educação em outro lugar e, em meio a condições desfavoráveis, a cavar para si mesmos um caminho para o sucesso, e assim tornar-se os arquitetos de suas próprias boas fortunas [...] Das profundezas da pobreza, como essas, muitas vezes vieram [...] Da fome, dos farrapos e da miséria, eles vieram [...] inesperados nas horas comuns[...].⁸

⁷ Texto no idioma original: “*This early understanding of prosperity, which is anchored by religious aims, is one of the pillars that sustain the foundations of the American Dream*”.

⁸ Texto no idioma original: “*Self-made men are the men who, under peculiar difficulties and without the ordinary helps of favoring circumstances, have attained knowledge, usefulness, power and position and have learned from themselves the best uses to which life can be put in this world, and in the exercises of these uses to build up worthy character. They are the men who owe little or nothing to birth, relationship, friendly*

Como Braga (2020) nos faz lembrar, se é no século XIX que a ideia do Sonho Americano começa a ser forjada mais concretamente, é também nessa época que as contradições que a circunscrevem emergem, pois passa a se tornar evidente que a visão idealizada dos primeiros colonizadores puritanos, com princípios nobres e senso comunitário, entra em conflito com a conquista do Oeste, a ganância que a impulsiona e o genocídio dos nativos norte-americanos.

A criação do conceito do Sonho Americano, entretanto, é atribuída a James Truslow Adams, um historiador e escritor independente, que, em 1931, o utilizou pela primeira vez no livro intitulado: *The Epic of America*. Ele já havia ganhado o prêmio Pulitzer de História com a obra *The Founding of New England*, em 1922. Em suas palavras, o sonho americano deveria ser

aquele sonho de uma terra em que a vida seja melhor, mais rica e mais plena para todos, com oportunidades para cada um de acordo com sua capacidade ou realização. É um sonho difícil para as classes altas europeias interpretarem adequadamente, e muitos de nós nos cansamos e desconfiamos dele. Não é apenas um sonho de automóveis e altos salários, mas um sonho de ordem social em que cada homem e cada mulher possam atingir a estatura mais completa de que são inatamente capazes e ser reconhecidos pelos outros pelo que são, independentemente das circunstâncias fortuitas de nascimento ou posição (ADAMS, 1931, p.405, tradução nossa).⁹

Delineada como uma terra de oportunidades para aqueles dispostos a trabalhar com afinco, a América assume diante do mundo a imagem que se difundiu desde então, bem como a crença de que o sucesso individual é responsável pelo sucesso coletivo.

Como Cullen (2003) argumenta, a “onipresença” do termo se deve à difusão de que ele descreve algo contemporâneo, quando, de fato, se reporta a uma longa tradição. Para o crítico, os peregrinos, embora não tivessem verbalizado dessa forma, com certeza haviam compreendido a ideia. Ideia que acompanhou os “pais fundadores” da nação e que persiste no

surroundings; to wealth inherited or to early approved means of education; who are what they are, without the aid of any favoring conditions by which other men usually rise in the world and achieve great results. [...] They are the men who, in a world of schools, academies, colleges and other institutions of learning, are often compelled by unfriendly circumstances to acquire their education elsewhere and, amidst unfavorable conditions, to hew out for themselves a way to success, and thus to become the architects of their own good fortunes[...] From the depths of poverty such as these have often come [...] From hunger, rags and destitution, they have come[...]”.

⁹ Texto no idioma original: “*That dream of a land in which life should be better and richer and fuller for everyone, with opportunity for each according to ability or achievement. It is a difficult dream for the European upper classes to interpret adequately, and too many of us ourselves have grown weary and mistrustful of it. It is not a dream of motor cars and high wages merely, but a dream of social order in which each man and each woman shall be able to attain to the fullest stature of which they are innately capable, and be recognized by others for what they are, regardless of the fortuitous circumstances of birth or position”.*

imaginário de cada um dos imigrantes que pisam o solo americano. Os Estados Unidos são, de acordo com o teórico, uma criação do imaginário coletivo,

uma nação que tem sido recriada como um ato deliberado de escolha consciente toda vez que uma pessoa desembarca nestas margens. A fidelidade explícita, não a herança involuntária, é a base teórica da identidade americana. (CULLEN, 2003, p.16).¹⁰

Cullen argumenta que, ao contrário do que se poderia imaginar, mesmo os menos favorecidos continuam a acreditar no Sonho Americano. Ele menciona, inclusive, como, em *Facing Up to the American Dream: Race, Class, and the Soul of the Nation*, a cientista Jennifer Hochschild (1995) apresenta dados que sugerem que os americanos negros da classe trabalhadora creem no *American Dream* com uma intensidade que desconcerta e até amedronta os afro-americanos mais abastados, que veem o sonho “como um opiáceo que induz as pessoas a ignorar as barreiras estruturais que impedem o progresso coletivo e pessoal” (CULLEN, 2003, p.16), exercendo um poder mítico que emana justamente da ambiguidade, da incerteza do alcance da meta.

Em seu livro, Cullen aborda o sonho a partir de alguns vieses que se revelam os pilares que o sustentam: o sonho de igualdade, o sonho de mobilidade social e o sonho de propriedade. Ao longo da obra, resgatando dados históricos, ele mostra que a ideia de mobilidade social surgiu atrelada à expectativa gerada pelo rápido crescimento do país no século XIX, porém, o sonho de igualdade provou ser uma falácia desde a abolição da escravidão, que concedeu aos escravos a liberdade sem proporcionar-lhes condições igualitárias de sobrevivência, dando lugar a um regime de segregação racial. Ele se reporta ainda à desigualdade quanto ao gênero que faz da mulher pertencente a uma minoria racial um ser duplamente subalternizado. Por fim, a prática norte-americana de a elite buscar viver em amplas propriedades no subúrbio criou uma espécie de elemento identificador do sucesso. Basta recordar que o desejo de posse de uma propriedade, seja ela qual for, impulsionou a economia americana e criou a bolha imobiliária que levou à crise financeira de 2008, que vem a ser o contexto do romance que constitui o *corpus* ficcional desta dissertação.

A pesquisa de Jennifer Hochschild a que nos referimos anteriormente surgiu exatamente de uma tentativa de compreender o que leva as classes e grupos étnicos menos

¹⁰ Texto no idioma original: “*And it is a nation that has been re-created as a deliberate act of conscious choice every time a person has landed on these shores. Explicit allegiance, not involuntary inheritance, is the theoretical basis of American identity*”.

favorecidos a continuar acreditando na igualdade de oportunidade, ainda que os fatos provem o contrário.

Em *Nativism and immigration: regulating the American Dream*, Brian Fry (2007) aborda as políticas de imigração americanas a partir do século XIX e discute os aspectos que levaram a uma maior rigidez, desde questões econômicas até as de ordem política, enfatizando restrições pautadas no letramento, na raça e na religião. Obviamente essas restrições não impediram a imigração ilegal, mas tornaram mais duras as penalidades dela decorrentes.

Os imigrantes ilegais enfrentam perspectivas de emprego severamente limitadas que, em muitos casos, significam que são relegados a empregos não oficiais e subalternos, que os colocam à mercê de empregadores não confiáveis ou exploradores. Por outro lado, como reforça Augusta Irele (2020), a xenofobia subjacente à ansiedade americana sobre a segurança do emprego com baixos salários e a exploração de recursos do governo depende principalmente de estereótipos infundados sobre os chamados imigrantes “ilegais”, quem têm sido particularmente direcionados aos migrantes oriundos da América do Sul e Central. Diante do corrente discurso de sucesso relacionado a imigrantes de primeira e segunda geração, em especial a nigerianos, Irele adverte que

Embora seja verdade que muitos dos migrantes nascidos na África para os Estados Unidos alcançam níveis de estabilidade econômica que podem não ter sido possíveis em seus países de origem, uma proporção significativa desses imigrantes contemporâneos permanece política e economicamente vulnerável durante todo o período de sua residência nos Estados Unidos (IRELE, 2020, p.8).¹¹

É desse tipo de imigrante em particular que esta dissertação trata, ao focalizar a narrativa ficcional de Imbolo Mbue: o imigrante africano economicamente desfavorecido, para quem o sonho americano continua sendo uma miragem, sempre inalcançável, pois, “mais do que simplesmente difícil, os Estados Unidos acabam sendo inóspitos e, em alguns casos, hostis a esses migrantes contemporâneos” (IRELE, 2020, p.8).¹²

A ciência dessa hostilidade é o que leva Jande, protagonista do romance *Aqui estão os sonhadores*, a omitir a sua real situação no país em uma entrevista de emprego:

¹¹ Texto no idioma original: “While it is true that many of the African-born migrants to the United States achieve levels of economic stability that may not have been possible in their countries of origin, a significant proportion of these contemporary immigrants remain politically and economically vulnerable for the duration of their residence in the United States.”

¹² Texto no idioma original: “More than simply difficult, the United States turns out to be inhospitable and, in some cases, hostile to these contemporary migrants as they strive to realize the aspirations of success in America that drove them from their home countries in the first place.”

O que teria dito se o sr. Edwards tivesse feito mais perguntas? Como teria explicado que sua autorização de trabalho e sua carteira de motorista eram válidas somente enquanto seu pedido de asilo estivesse pendente ou fosse aprovado, e que se seu pedido fosse negado, todos os documentos se tornariam inválidos e não haveria nenhum green card? (MBUE, 2016, p. 13)

O romance de estreia de Imbolo Mbue chama a atenção do leitor para “as narrativas amplamente ignoradas de migrantes africanos para quem Nova York, na metonímia do país como um todo, figura como um espaço distópico do qual eles devem finalmente escapar” (IRELE, 2020, p.8).

De especial relevância, visto que diz respeito à literatura em si, é a perspectiva de Christopher Bollen (2015), ao afirmar que

Pode-se argumentar que o sonho americano é o tema de todos os romances americanos, uma espécie de obsessão nacional de olhos embaçados em ter tudo e sair por cima, ou no caso da maioria da literatura baseada em enredos, os fracassos e colapsos nessa busca quase nobre.

Ao fazê-lo, ele curiosamente nos chama a atenção para o fato de que as obras cujos relatos giram em torno do Sonho Americano, em sua maioria, têm um desfecho distante do objetivo das personagens, caso, por exemplo, de *O grande Gatsby*, de Scott Fitzgerald (1925), e *A morte do caixeiro viajante*, de Arthur Miller (1949), *O homem invisível*, de Ralph Ellison (1952), *O sonho americano*, de Edward Albee (1960) e *Um sonho americano*, de Norman Mailer (1964), dentre outras.

1.3.1 Imigração e interseccionalidade

Embora o foco da pesquisa desenvolvida no presente trabalho não seja especificamente a questão racial, ambos os romances que compõem o *corpus* da dissertação apresentam personagens negros que, ao migrar para os Estados Unidos, têm que lidar com a complexa dinâmica racial estadunidense.

No romance *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue a questão racial está presente, porém não de forma destacada. Diferentemente, *Americanah*, de Chimamanda Adichie, centrado na personagem Ifemelu, evidencia a sua representatividade em relação a questões que são caras às imigrantes negras, como a reafirmação de sua subjetividade ante o lugar comum canônico, de perfil WASP, ou seja, de branco, de origem anglo-saxã, protestante e

masculino. Ao contextualizar as vivências do imigrante, o romance aponta para uma gama de fatores que se interseccionam.

O termo interseccionalidade foi utilizado pela primeira vez em 1989 pela jurista, professora e intelectual estadunidense Kimberlé Crenshaw no intuito de demonstrar que as formas de opressão a que mulheres brancas de classe média eram submetidas diferiam das que eram experimentadas pelas negras e pelas mulheres das classes mais baixas. Embora seja um conceito destinado a pensar as desigualdades, tem sido usado como uma ferramenta de intervenção política.

Segundo Crenshaw (2002), a interseccionalidade aborda as “consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação” e, mais especificamente, “da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outros” (CRENSHAW, 2002, p. 177). A interdependência das relações de poder, de raça, sexo e classe revela que esses fatores não se organizam de forma hierárquica, ou seja, não se sobrepõem, e, sim, constroem identidades num espaço de subalternidade, afetando profundamente as identidades.

Para Mbembe (2018), raça e racismo são mecanismos estabelecidos pelo Estado para manter estruturas de controle social, e, enquanto sistema, essas estruturas favorecem grupos específicos e seus interesses. Logo, a manutenção de uma subalternidade negra faz-se fundamental para a continuidade da narrativa de inferioridade negra.

Dentro deste panorama, imigrantes ocupam um espaço conflituoso no que tange especificamente a questão racial. Esses indivíduos são vítimas de todas as instâncias nas quais o racismo interfere na vida da população negra dos Estados Unidos, no entanto, não estão inteiramente incluídos na comunidade negra estadunidense, pois não há um ponto de identificação em comum além do senso de ancestralidade que compartilham devido às suas raízes africanas. Os valores, a história e as culturas são diferentes, ou seja, as identidades do negro africano e do negro afro-americano são distintas.

O racismo nos Estados Unidos tem sua raiz na escravidão, quando justificativas utilizadas para embasar a objetificação e comercialização de seres humanos moldaram permanentemente a percepção sobre os negros. O apelo econômico e a continuação do ideal de superioridade branca foram os motivadores das atrocidades infringidas aos africanos.

Ao fim da Guerra Civil Americana e com a abolição da escravatura em todo o território nacional, iniciou-se um lento processo de integração dos ex-escravizados. Em resposta a essa tentativa de inclusão, surgiram grupos nos estados do Sul que pregavam a

supremacia branca e foram promulgadas leis que limitavam os direitos dos negros e a sua participação na sociedade. A segregação racial correspondeu à institucionalização da exclusão social, restringindo severamente o acesso a serviços públicos de qualidade, como educação e saúde, e limitando oportunidades de emprego.

Posteriormente, houve avanços significativos nessa tentativa de integração dos negros na sociedade estadunidense, e, em 2 de julho de 1964, o presidente Lyndon B. Johnson sancionou a Lei de Direitos Civis, que acabou com a discriminação no espaço público dos Estados Unidos. Entretanto, o racismo continua entranhado na sociedade e requer uma necessidade permanente de luta para que esses direitos sejam preservados.

A exclusão racial nos Estados Unidos foi intensa o bastante para influenciar a organização geográfica, com a formação de bairros destinados a populações negras e imigrantes, como o Harlem e Chinatown.

O romance de Adichie, em particular, chama a atenção para os efeitos do racismo e o modo como afeta diferentemente negros afro-americanos e negros africanos. Estes últimos sofrem uma dupla discriminação, por serem negros e imigrantes.

Os Estados Unidos são uma nação formada a partir da imigração, no entanto, não há incentivo à integração dos imigrantes, apenas uma intensa pressão para assimilação do idioma e costumes locais sem garantias de que um dia eles possam ser efetivamente incluídos na sociedade, visto que a diferença étnica faz com que muitos cidadãos estadunidenses, como negros e chicanos, sejam tratados como cidadãos de segunda classe e tenham seus direitos desrespeitados.

A marginalização da população negra norte-americana cria estereótipos responsáveis por perpetuar o preconceito ao propagar uma imagem de que o negro estadunidense seria arquetipicamente violento, criminoso, sem formação escolar, ou com formação escolar incompleta, inferior. Essa visão estereotipada contribui para tornar ainda mais complexa a adaptação do imigrante negro.

Durante o processo de adaptação cultural a um novo território, os imigrantes, muitas vezes, são forçados a lidar com a xenofobia e os estereótipos negativos à etnia. No caso dos imigrantes oriundos do continente africano, além do choque cultural e as dificuldades geradas pela experiência de viver em outro país, eles também têm de lidar com a discriminação racial. No caso específico da mulher africana há, assim, uma tripla discriminação, cujos elementos se interseccionam: o gênero, a raça e a condição de imigrante.

2 SONHOS EM MOVIMENTO: A IMIGRAÇÃO E O SONHO AMERICANO EM *AQUI ESTÃO OS SONHADORES*

There are two kinds of people in the world, those who leave home, and those who don't.

Tayari Jones

2.1 Imbolo Mbue: a dona da voz

Assim como os protagonistas de seu romance *Aqui estão os sonhadores*, Imbolo Mbue nasceu em Limbe, Camarões, em 1981, em uma casa sem eletricidade ou água corrente. Aos dezessete anos, Mbue emigrou para os Estados Unidos, com o auxílio financeiro de sua tia, para cursar o ensino superior. Formou-se em administração de negócios pela Rutgers University e em seguida conquistou seu M.A pela Columbia University. Em 2014, a autora recebeu a cidadania norte-americana.

A recessão de 2008, que constitui o pano de fundo para o romance, afetou a própria autora, assim como os seus personagens. Após vender aspiradores de pó de porta em porta enquanto cursava o mestrado, Mbue acabara de conseguir um emprego em sua área de formação quando a crise financeira explodiu e ela retornou à condição de desempregada. Durante caminhadas pela cidade, ela frequentemente via os choferes esperando seus patrões em frente a grandes prédios. Ao imaginar como seria o relacionamento entre empregado e patrão, o enredo de seu romance começou a tomar forma em seu imaginário. Mbue não possuía experiência com escrita, mas, inspirada pela obra de Toni Morrison intitulada *A canção de Salomão*, aventurou-se e começou a escrever seu próprio romance.

Segundo a autora, escrever enquanto criava seus filhos foi uma das coisas mais difíceis que fez. Durante três anos, o romance intitulado *Aqui estão os sonhadores* foi rejeitado por diversos agentes editoriais, até que a *Random House* decidiu publicá-lo em 2016. A obra foi adquirida por um valor exorbitante, que permitiu a Mbue, diferentemente de seus personagens, construir uma história de sucesso nos Estados Unidos.

O romance já foi traduzido para onze idiomas e a autora espera que um dia ele seja publicado também em Camarões, sua terra natal. Segundo Mbue, a parte de Camarões na qual

creceu foi colonizada pelo império britânico e ela só havia tido contato com a literatura e cultura britânicas. Assim, espera que, um dia sua obra possa ser lida por seus conterrâneos.

Aqui estão os sonhadores foi escolhido para fazer parte do clube do livro da apresentadora Oprah Winfrey, além de ter recebido os prêmios: PEN/Faulkner de ficção em 2017, Blue Metropolis Words to Change, e o Notable Book of the year pelo *New York Times* e pelo *Washington Post*. A obra também teve seus direitos cinematográficos adquiridos pela Sony Pictures e foi adaptada para o teatro.

Imbolo Mbue reside atualmente em Manhattan e leciona na Universidade de Columbia. Em sua trajetória, provou tanto das frustrações e fracassos vivenciados pelos imigrantes que rumam aos Estados Unidos, quanto do sucesso que poucos conseguem atingir. Seus personagens foram inspirados pelas histórias que Mbue viu se desenrolar ao seu redor e em histórias de conhecidos que, de alguma forma, chegaram até ela. Com o romance, ela busca dar um rosto e uma história a algumas das pessoas anônimas que fazem parte da estatística usada para falar sobre a quantidade de imigrantes que se aventuram em busca do sonho americano. Em agosto de 2021, Imbolo Mbue publicou seu segundo romance, *How beautiful we were*.

2.1.1 Breve reflexão sobre a literatura camaronesa

Camarões é um país bilíngue, em que cerca de 80 por cento da população fala francês e os 20 por cento restantes se expressam em inglês. Em um artigo intitulado “Preface to a History of Cameroon Literature in English” Stephen Arnold aborda a questão da invisibilidade da literatura produzida por escritores anglófonos de Camarões:

apesar de sua existência, a escrita anglófona de Camarões estava consciente de si mesma apenas em fragmentos, tendo sido isolada da corrente principal da literatura no continente, e mesmo dentro de suas próprias fronteiras nacionais pela circunstância histórica peculiar de Camarões (ARNORLD, 1983, p. 498, tradução nossa)¹³.

Ainda que tenham se passado 54 anos desde a escrita desse artigo, ainda há uma falta de expressividade da literatura camaronesa em inglês. A história do país, colonial e pós-

¹³ Texto no idioma original: “*in spite of its existence, anglophone Cameroon writing was conscious of itself only in fragments, having been isolated from the mainstream of literature on the continent, and even within its own national boundaries by Cameroon’s unique historical circumstance*”.

colonial, aponta para um desequilíbrio das produções literárias nos dois idiomas (ARNOLD, 1983, p. 500).

Embora os portugueses tenham sido os primeiros colonizadores a chegar ao país, um surto de malária impediu que Portugal conseguisse colonizar o território efetivamente. Em 1884, o território camaronês, assim como seus territórios vizinhos se tornaram a colônia alemã de Kamerun, porém após a Primeira Guerra Mundial, com a derrota da Alemanha, a colônia foi ocupada pelos exércitos britânico e francês, e mais tarde se tornou um protetorado das Nações Unidas, repartido entre Grã-Bretanha e França.

Nos dias atuais, ainda há tensões entre as regiões onde predominam falantes de língua francesa e de língua inglesa. Os falantes franceses são maioria e detêm o maior poder político, enquanto a região com maioria de falantes do inglês está dividida entre diferentes sistemas tribais e não apresenta uma frente unificada diante do conflito linguístico. Os embates muitas vezes violentos, já tiraram a vida de milhares de cidadãos de ambos os lados e refletem um descontentamento pela parte do povo que se excluída pelo governo, que, em seu ponto de vista, parece governar apenas para os cidadãos francófonos.

Apesar dos problemas políticos, Camarões é um dos países mais prósperos da África e tem na agricultura a maior fonte de renda, embora essa riqueza seja mal distribuída para a população. Mbue, assim como os protagonistas de seu romance, nasceu em Limbe, uma cidade costeira anglófona, e, em uma entrevista a para a divulgação de seu segundo romance, *How beautiful we were*, a autora fala sobre como foi crescer na região rica em produção de óleo e ver que a população local não conseguia empregos na refinaria de óleo. Na década de 1980, Camarões se tornou um dos três maiores produtores de óleo do continente africano, e, embora a produção fosse altamente rentável, a população da região não tinha acesso a essa riqueza.

Alguns críticos camaroneses, como Joyce Ashuntantang (2016), argumentam que os autores do período de 1959-1984 criticam a outremização dos povos outrora colonizados em textos escritos pelos colonizadores. Como um contradiscurso, as obras dos escritores camaroneses buscam conceder voz a personagens subalternas de modo a expor a estratégia de negativização dos sujeitos oriundos das ex-colônias.

Na década de 1960, não havia editoras em Camarões e publicar um livro constituía um desafio. Poemas e contos eram publicados em revistas e jornais. De acordo com MacViban (2014), os principais textos escritos na época foram *Promise*, de Jedida Asheri (1969) — primeiro romance publicado por uma mulher camaronesa anglófona—, *The White Man of God*, de Kenjo Jumbam (1980), *Taboo Love*, de Ngonwikuo (1980), e *The Good Foot*, de

Nsanda Eba (1977). Muito embora tenham sido publicados 20 anos mais tarde, os romances de Linus Asong intitulados *A Stranger in his Homeland* (1994, 2010), *The Crown of Thorns* (1993, 2009), e *No Way to Die* (1993, 2009), pertencem a esta fase por terem sido escritos na década de 1970.

Segundo Ashuntantang (2016), uma segunda fase da literatura camaronesa anglófona iniciou-se a partir da metade dos anos de 1980, alcançando o seu auge nos anos noventa. A literatura desse período resultou em uma resposta ficcional às sérias questões de ordem política, social e econômica que se apresentavam no mundo empírico. A crise econômica que assolou a África nos anos oitenta afetou seriamente a economia de Camarões. Lyonga (1993, p.158) denomina a literatura anglófona então produzida “estética de vitimização”, que tanto era direcionada aos líderes francófonos que oprimiam a minoria anglófona como aos líderes anglófonos que, tendo se esquecido de suas origens, assim como a liderança da situação, os tratavam como cidadãos de segunda classe. Segundo Emmanuel Fru Doh (*apud* MACVIBAN, 2014), essa condição corresponde a um “colonialismo horizontal”.

A terceira fase da literatura camaronesa anglófona está em curso e, segundo Dzekashu MacViban (2014), abrange temas como apolítica, o feminismo e a experiência diaspórica.

2.1.2 Mbue e a pós-colonialidade intersticial e liminar

Em “For Chinua Achebe: the resilience and the predicament of Obierika”, Biodun Jeyifo (1991), professor emérito e pesquisador da Universidade de Harvard, apresenta duas concepções antinômicas para a pós-colonialidade: a pós-colonialidade da normatividade e designação proléptica e a pós-colonialidade intersticial e liminar. Na primeira, ele alinha os autores cujos discursos advogam para si a representação de um novo Estado-nação independente, pregando o retorno às raízes culturais por meio da “reafirmação ou reinvenção das tradições que o colonialismo, não sem considerável sucesso, havia buscado destruir ou desvalorizar”¹⁴ (JEYIFO, 1991, p. 53). A segunda reúne os autores que problematizam as polarizações centro e margem, metrópole e periferia, ocidental e não ocidental, porém distanciando-se do caráter monolítico da anterior e assumindo uma perspectiva mais inclusiva e flexível de pós-colonialidade. Porém, como Braga nos faz lembrar,

¹⁴ Texto no idioma original: “[...] reassertion or reinvention of traditions which colonialism, not without considerable success, had sought to destroy or devalue.”

Ato Quayson (2000), ao comentar as pós-colonialidades de Jeyifo, ressalta que as duas tipologias desenvolvidas – a pós-colonialidade da normatividade e designação proléptica e a pós-colonialidade intersticial e liminar – não raro vêm justapostas e entrelaçadas em um mesmo texto. Portanto, não devem ser vistas como antagônicas e excludentes, mas como um continuum dialético. (BRAGA, 2019, p. 39).

Podemos, assim, dizer que é nessa segunda concepção— aberta e heterogênea, “por considerar o hibridismo e a ambivalência e por destacar o deslocamento, seja diaspórico ou exílico, como parte da [sua] condição” (BRAGA, 2019, p.42)— que a escrita de Imbolo Mbue se insere ao trazer para a ficção não apenas a problemática política e econômica de um país outrora colonizado, mas também o modo como a desigualdade afeta os imigrantes nos Estados Unidos. A condição pós-colonial contemporânea deriva de uma tensão dialética, mas também de uma busca de negociação entre culturas.

Albert Memmi, em *Decolonization and the decolonized* (2006), já preconizava uma evasão intelectual em decorrência do silenciamento imposto por regimes ditatoriais nas ex-colônias. Entretanto, também discorre sobre imigrantes descolonizados pertencentes a diferentes camadas sociais cujas frustrações determinam um duplo fracasso: aquele vivenciado na terra de origem e o que experimenta na terra hospedeira.

Em uma entrevista a Arun Venugopal (2021), Mbue relata que foi agraciada com a oportunidade de estudar nos Estados Unidos, porém sempre teve, desde criança, a consciência do que é viver sob um governo ditatorial, uma vez que o presidente de Camarões, Paul Biya, está no poder desde 1982. Segundo a autora, o seu fascínio por dissidentes e revolucionários advém dessa experiência. Mbue se tornou cidadã norte-americana em 2014 e votou pela primeira vez em 2016.

A literatura produzida por Imbolo Mbue é muito crítica quanto às condições de vida e cerceamento político em sua terra natal, o que pode ser observado na citação abaixo, retirada de uma entrevista em que comentou sua surpresa ao ver que nos Estados Unidos era possível criticar abertamente o governo:

Eu disse a mim mesma, espere, isso é real? Nunca havia me ocorrido que as pessoas poderiam criticar publicamente o seu presidente e não ir para a prisão,” ela disse. “Eu sou uma cidadã Americana agora. Eu sei o quão imperfeito esse país pode ser, mas isso não tira a minha admiração pela democracia americana (MBUE, 2021).¹⁵

¹⁵ Texto no idioma original: “I said to myself, wait, is this for real? It had never occurred to me that people could publicly criticize their president and not go to prison,” she said. “I am an American citizen now. I know how flawed this country is, but that doesn’t take away my admiration for American democracy.” Cf. <https://www.nytimes.com/2021/02/19/books/imbolo-mbue-how-beautiful-we-were.html>.

Entretanto, ao retratar as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes em *Aqui estão os sonhadores*, a autora prova sua imparcialidade. Como muitos autores de origem africana, sua obra reflete a busca de uma descolonização cultural que visa a dismantelar os resíduos do imperialismo que ainda norteiam concepções binárias e perpetuam formas de exclusão.

Ao constatarem a falácia do Sonho Americano, os protagonistas do romance passam a ver possibilidades de reestruturação de suas vidas na terra natal e o retorno é o desfecho resultante dessa percepção.

2.2 A dissolução do sonho americano em *Aqui estão os sonhadores*

Let America be the dream the dreamers dreamed.

Langston Hughes

2.2.1 *Aqui estão os sonhadores*: breve sinopse

O romance *Aqui estão os sonhadores* narra a história de duas famílias, que, como aponta Braga (2020, p. 39), podem ser vistas como “retratos paradigmáticos de comunidades maiores”. Os protagonistas são os Jongas, que representam a experiência contemporânea dos camaroneses que emigram, formando enclaves, comunidades diaspóricas, em países como os Estados Unidos. Os Edwards representam a típica família americana de classe alta branca, descendentes de imigrantes europeus.

O romance se situa temporalmente no outono de 2007, um pouco antes da crise econômica que teve repercussão mundial, e a ação se desenrola principalmente em Nova Iorque.

Jende Jonga vive no Harlem com a esposa, Neni, e o filho de seis anos. O primeiro capítulo relata a alegria do personagem ao conseguir um emprego como *chauffeur* de Clark Edwards, principal executivo do banco de investimentos Lehman Brothers. Desde quando chegara aos Estados Unidos, em 2004, ele só obtivera subempregos, porque o visto provisório que a Embaixada Americana, em Camarões, lhe concedera era de apenas três meses. Após

dois anos como imigrante ilegal, Jende conseguiu trazer a então namorada, Neni, e o filho de ambos, Liomi, para junto de si.

Para tentar obter o *green card*, Jende pede asilo, instruído por um advogado trapaceiro, que o impele a contar uma história mirabolante à Imigração lhe prometendo sucesso. Neni, que conseguira um visto de estudante, trabalha como cuidadora de idosos e estuda química na faculdade comunitária, com a esperança de se tornar farmacêutica.

A função de motorista permite que Jende e Clarke se tornem bastante próximos e compartilhem detalhes de suas vidas. Quando, eventualmente, Neni substitui a empregada dos Edwards, ela descobre que a vida familiar dos patrões não condiz com a imagem pública, pois eles enfrentam problemas de relacionamento, que levam Cindy, a esposa de Clarke, a se tornar dependente de álcool e barbitúricos.

Quando a falência do Lehman Brothers se torna pública, os receios de Jende se concretizam e ele é demitido. O apego ao sonho americano faz com que Neni cogite, inclusive, divorciar-se de Jende e casar-se com o primo de uma amiga. A situação se mostra cada vez mais complicada, culminando com a dificuldade de Jende para conseguir outro emprego, a negativa do pedido de asilo e a impossibilidade de Neni conseguir uma bolsa para cursar Farmácia. Por fim, os Jonga aceitam a derrota e retornam a Camarões.

2.2.2 O sistema político e econômico estadunidense como antagonista

O início do século XX foi marcado por um período de crescimento econômico mundial, com expressivo aumento da produção industrial e do nível de investimento global. Na década de 80, devido a processos de desregulamentação econômica, houve uma crescente fragilização financeira nos Estados Unidos com um aumento de dívidas a partir da década de 2000.

Em 2007, verificou-se uma crise no *subprime*, ou seja, em uma forma de empréstimo de **segunda linha** para o setor imobiliário (hipotecas) que possuía taxas mais altas e alienava a residência do tomador. Muitos bancos estadunidenses passaram a disponibilizar mais créditos para empréstimos imobiliários, atraindo consumidores e gerando uma valorização do mercado imobiliário, como consequência da alta procura as taxas de juros foram elevadas a cima da capacidade de pagamento dos credores.

Créditos imobiliários foram disponibilizados sem comprovação de renda, logo muitos cidadãos acreditaram que aquela seria a chance de conquistar a desejada casa própria, mesmo que os mesmos não tivessem condições de pagar os empréstimos. Com os créditos facilmente liberados houve o crescimento na procura e venda de imóveis, o que por sua vez gerou o encarecimento dos mesmos. O setor imobiliário cresceu, mas não por sua valorização e sim pela procura por imóveis, resultando na chamada bolha imobiliária, pois imóveis eram vendidos por preços acima do seu real valor.

Os bancos passaram a aumentar a taxa de juros sobre o valor dos empréstimos, e logo o pagamento dos empréstimos se tornou irrealizável, sem o retorno dos valores fornecidos, muitos bancos foram descapitalizados e decretaram falência.

Embora houvesse uma preocupação dos economistas de que ela viesse a gerar uma recessão mais profunda no país, havia também uma crença geral de que as dificuldades no setor não teriam maior repercussão com o contínuo aumento da renda e do emprego nos Estados Unidos. Entretanto, em setembro do ano seguinte a crise do *subprime* levou a um colapso financeiro, com a falência do banco *Lehman Brothers*. Muitas tentativas foram feitas no intuito de sanar o sistema financeiro norte-americano, porém, foram ineficazes e a crise, considerada por muitos economistas como a pior crise econômica desde a Grande Depressão, assumiu um caráter global, afetando de maneira drástica os países emergentes.

Tendo sido ela mesma vítima da crise, em seu primeiro romance, Imbolo Mbue promove uma leitura histórica da crise do ponto de vista de um dos segmentos mais frágeis da população, os imigrantes. Ao tornar um dos protagonistas motorista particular de um dos executivos do *Lehman Brothers*, ela constrói para a personagem um olhar de testemunha não especializada, que, sem entender de finanças, percebe os movimentos que o levarão novamente ao desemprego.

O sistema político e econômico estadunidense é representado com o principal antagonista, na medida em que o fato de as personagens terem emigrado justamente em um período de crise econômica não apenas evidencia ainda mais as desigualdades sociais, mas também operações financeiras escusas que visam à manutenção das classes mais privilegiadas.

No romance, o protagonista inveja seus compatriotas, como Arkamo e Sapeur, que, tendo conseguido o *green card*, tornaram-se aptos a comprar imóveis de quatro quartos com quintal por meio de hipotecas:

Olhavam as fotografias que Arkamo e Sapeur mandavam de suas casas espaçosas e SUVs gigantescos e, por mais que se esforçasse, Jende achava impossível não sentir inveja deles. Esses rapazes, e outros que conhecia nessas cidades, vieram de Limbe mais ou menos na mesma época. Ganharam a mesma quantia de dinheiro que ele ganhara (ou menos, trabalhando como assistentes de enfermagem qualificados ou encarregados de almoxarifado em lojas de departamentos), e, no entanto, estavam comprando casas — casas de três quartos estilo rancho; casas de quatro quartos com quintais onde os filhos brincavam e onde, no Quatro de Julho, faziam churrascos repletos de milho grelhado e soya. (MBUE, 2016, p.96).

Mbue ilustra, assim, como os recém-chegados desavisados foram seduzidos a abraçar uma ilusão de prosperidade nos EUA, negligenciando o fato de que provavelmente nunca seriam capazes de pagar as hipotecas de suas casas e provavelmente passariam suas dívidas para seus filhos. Esses detalhes mostram como os grupos financeiros ludibriaram aqueles que tinham uma fé cega no Sonho Americano e como esse sonho se tornou insustentável devido à ganância desenfreada.

Tendo também como pano de fundo a eleição de Barack Obama, em 2008, Mbue ficcionaliza os mecanismos de identificação popular com o filho de um imigrante queniano e de uma mulher branca do Kansas que se tornou o primeiro negro a ocupar o cargo. A eleição de Obama, caracterizada por uma mensagem de esperança e mudança, ofereceu aos estadunidenses uma trégua das misérias infligidas por um setor financeiro não regulamentado, como execuções recordes de hipotecas e altas taxas de desemprego.

2.2.3 A representação dos imigrantes em *Aqui estão os sonhadores*

O *American Dream* designa não tanto um projeto nacional quanto uma massa de aspirações individuais à autorrealização. Como Chomsky (2017, p. 9) no faz lembrar, “No passado, imigrantes vindos da Europa tinham chances de atingir um nível de riqueza, privilégios, liberdade e independência que não teria sido imaginável em seus países de origem”. Muitas pessoas que emigraram para os Estados Unidos o fizeram— e ainda o fazem— com a intenção de construir vidas melhores para si mesmos e suas famílias em um novo território. Para a grande maioria, o caminho para alcançar esse objetivo é pavimentado por inúmeros obstáculos e pela discriminação enfrentada diariamente durante a residência no país. Enquanto alguns são efetivamente bem-sucedidos e concretizam o sonho americano, a grande maioria dos imigrantes não o consegue.

Conquanto os Estados Unidos tenham contado em grande parte com a mão de obra imigrante para o seu crescimento econômico, a política de imigração estadunidense tem se mostrado cada vez mais rígida e deportado indivíduos de diferentes origens étnicas. Ao longo da história, a legislação estadunidense tentou por várias vezes encontrar formas de barrar imigrantes e, inclusive, foram criadas leis que dificultavam a imigração de indivíduos de nacionalidades específicas, como, por exemplo, o ato de exclusão chinesa de 1882¹⁶. Essa rigidez é exposta no romance de Mbue, ao retratar as exigências da Embaixada americana para a entrada no país mesmo que temporariamente:

-Quanto tempo planeja ficar em Nova York? – o encarregado consular lhe perguntara.

-Só três meses, senhor – fora sua resposta. – Só três meses, e prometo que vou voltar.

E havia apresentado evidências para atestar sua alegação: a carta de seu supervisor no trabalho descrevendo-o como um funcionário diligente que adorava tanto o emprego que jamais o abandonaria para vagar sem rumo nos Estados Unidos; a certidão de nascimento do seu filho, para mostrar que nunca ficaria nos Estados Unidos e desertaria a criança; a escritura de um terreno que seu pai lhe dera, para mostrar que pretendia retornar e construir naquela terra; uma carta do escritório municipal de planejamento, que pagara a um tio distante que trabalhava ali para que conseguisse, declarando que havia solicitado permissão para construir uma casa; uma carta de um amigo que declarou sob julgamento que Jende não permaneceria nos Estados Unidos porque pretendiam abrir um bar juntos quando ele voltasse.

O encarregado consular se convencera. (MBUE, 2016, p.24)

O diálogo ilustra o processo pelo qual Jende passa para conseguir a aprovação de um visto turístico com validade de três meses. Obviamente, o protagonista nunca teve a intenção de permanecer no país apenas pelo período da validade do visto, que, aliás, fora obtido com o auxílio de seu primo Winston Jende, de modo que, uma vez que estivesse nos Estados Unidos, pudesse solicitar um *green card*:

Não, gente como ele não visitava a América. Ia para lá e lá ficava, até conseguir voltar para casa como um vitorioso com os bolsos cheios de dólares e fotos de uma vida feliz. Foi por isso que no dia em que embarcou no voo da Air France de Duala para Newark com conexão em Paris, tinha certeza de que não veria Camarões novamente até ter reivindicado sua parcela de leite, mel e liberdade que corria no paraíso-para-batalhadores chamado Estados Unidos!(MBUE, 2016, p. 25)

Ao chegar aos Estados Unidos, Jende fica em um apartamento de dois quartos no Bronx, com seis outros imigrantes. Durante esse período, o protagonista trabalha incansavelmente em três empregos para economizar a quantia necessária para pagar o visto de estudante de sua namorada, Neni, o visto de visitante de Liomi, o filho que tivera com ela, e

¹⁶ O Ato de exclusão chinesa foi uma tentativa de reduzir a imigração de cidadãos chineses para os EUA.

as passagens aéreas dos dois. Após dois anos, ele atinge o seu objetivo de não apenas se reunir aos seus entes queridos, mas também de pagar pelo dote, o que lhe permitiu, após mais de uma década, casar com Neni.

O ideal do sonho americano foi moldado sobre ideais individualistas que prometiam liberdade e prosperidade para todos aqueles se esforçassem o bastante para colher os frutos de seu esforço e, como mencionado anteriormente, essa promessa tem atraído imigrantes como os protagonistas do romance de Mbue desde a colonização da América.

De fato, há um espírito de “nós podemos” que impulsiona um indivíduo a seguir regras, ter sucesso e se destacar. A terra da oportunidade perpetua o mito do Sonho Americano e atrai milhões e milhões de indivíduos em todo mundo para este espaço vasto e horizontal para se refazerem e se tornarem americanos. A imigração é o maior resultado do sonho americano; inversamente, o sonho americano é a causa e a razão da imigração nos EUA. No entanto nem todos cantam louvores ao sonho americano. (YANG, 2020 p. 179, tradução nossa)¹⁷.

Como afirma Yang (2020), esse espírito de que toda conquista é possível com trabalho árduo é o que dá esperanças de prosperidade aos Jongas. Uma vez que a família está reunida, o novo objetivo passa a ser economizar para a compra de um apartamento. Para tanto, era necessário que conseguisse um emprego fixo. Na entrevista a que comparece para uma vaga de motorista, Jende afirma estar em situação legal, ter um documento de autorização de trabalho, enquanto espera pelo *green card*:

O terror que tinha apertado seu peito quando Clark Edwards mencionou a palavra “documentos” foi aos poucos soltando as garras. Fechou os olhos e deu graças ao Ser misericordioso, grato por uma meia verdade ser suficiente. [...] Como poderia ter explicado seu pedido de asilo?(MBUE, 2016, p.13-14)

Graças a uma manobra prévia de Winston, primo do protagonista, este consegue ser aprovado na entrevista. As exigências de Clark perpassam questões como lealdade, confiabilidade, pontualidade e cumprimento de obrigações sem questionamentos. Jende assina um contrato em que se compromete a nunca dizer nada sobre o que ouvir ou vir. O emprego permite que a renda familiar aumente significativamente, tornando o sonho da casa própria uma realidade possível:

¹⁷ Texto no idioma original: “Indeed, there is a “we-can” spirit that propels an individual to play by the rules, succeed and excel. The land of opportunity perpetuates the myth of the American Dream and flaws millions and millions of individuals around the world to this vast and horizontal space to remake themselves and become Americans. Immigration is the single biggest result of the American Dream; conversely, the American Dream is the cause and the reason of immigration in the U.S. However, not all sing the American Dream’s praises”.

– Ela sorriu de novo, os olhos se estreitando como se estivesse sonhando com esse dia. – Vamos ter nosso próprio apartamento, dois quartos. Você vai ganhar mais dinheiro como chofer. Eu vou ter um bom salário de farmacêutica. Não vamos mais estar morando neste lugar cheio de baratas. (MBUE, 2016, p. 37)

As esperanças de Neni eclodem não sem motivo. Em Camarões, a corrupção do governo se alastrava por todos os setores da sociedade e apenas aqueles indivíduos com condições financeiras elevadas e os que possuíam contatos conseguiam cargos bem remunerados, fazendo com que os cidadãos de alta classe mantivessem sua posição financeira e os de classes mais baixas não tivessem chance de melhorar suas condições de vida. Para Jende, a curta estadia nos Estados Unidos rendeu mais frutos do que o tempo em que viveu em Limbe. Embora viva com a família em um apartamento pequeno, alugado irregularmente, eles possuem motivos para acreditar que poderão alcançar seus objetivos.

O romance mostra em determinadas passagens que, embora gratos por terem tido a oportunidade de obter empregos, os Jongas têm uma rotina árdua. No excerto a seguir, Jende narra à Neni como foi o seu primeiro dia de trabalho:

Ele voltou e pegou a sra. Edwards, relatou Jende, levou-a para seu escritório e depois para um compromisso no condomínio Battery Park City e depois para outro no Soho, antes de levá-la para casa e buscar Mighty na escola e levá-lo junto com a babá a um edifício no Upper West Side onde tomava aulas de piano. Depois da aula, levou Mighty e a babá de volta para casa e aí foi buscar o sr. Edwards no escritório para levá-lo a uma steakhouse em Long Island e de volta para a cidade por volta das dez horas. Reabasteceu a gasolina, estacionou o carro na garagem e pegou o ônibus para atravessar a cidade da zona leste para a zona oeste. Então pegou a linha 3 do metrô de volta para casa. — Êêê! — ela exclamou. — Não é muito trabalho para uma pessoa num dia? Claro, pode ser, ele respondeu. Mas para a quantidade de dinheiro que estavam pagando, não era de se esperar? Ela não devia se esquecer, disse ele, de que duas semanas antes ele estava ganhando só metade do que o Sr. Edwards lhe pagava, guiando o táxi de luxo doze horas por dia. (MBUE, 2016, p. 36)

Jende e Neni têm uma rede de amigos que, assim como eles, são imigrantes tentando melhorar de vida nos Estados Unidos. Entre eles se destacam Sapeur e Arkamo, que conseguiram alcançar o objetivo de ter casa própria. Para Jende é difícil não se comparar com os amigos quando considera o fato de que ambos chegaram ao país na mesma época que ele e passaram pelas mesmas dificuldades, enfrentando múltiplos empregos mal remunerados com o mesmo objetivo.

Durante o período que antecedeu a crise financeira de 2008, o processo de conseguir uma hipoteca era mais fácil e sem checagem de crédito, tornando a compra de imóveis um processo popular. Desse modo, as promessas que alimentavam o sonho americano continuaram a nutrir as esperanças dos imigrantes:

Arkamo contou a Jende como nesses dias era fácil conseguir uma hipoteca, e prometeu que tão logo Jende estivesse pronto, ele o apresentaria para um responsável por empréstimos que poderia lhe arranjar uma hipoteca sem entrada para uma bela mini mansão. Tudo soava maravilhoso para Jende (uma das muitas coisas que faziam dos Estados Unidos um país realmente ótimo), mas ele sabia que essa opção não lhe seria acessível sem documentos. (MBUE, 2016, p. 96)

Segundo K-Sue Park (2016) em *Money, Mortgage, and the Conquest of America*, a criação da hipoteca não é algo novo, advém do início da formação da América. Na América colonial, possuir terras era a forma de os colonos acumularem riquezas e era possível levantar valores hipotecando terras. Isso significava que um indivíduo abastado, ou uma instituição (banco) poderia emprestar dinheiro em troca dos direitos sobre a primeira produção da terra. Diferentemente dos dias atuais, caso a produção fosse de valor inferior ao empréstimo ou o devedor não pudesse pagar o mesmo, suas terras não seriam tomadas.

Atualmente, a hipoteca já não é mais uma forma de obter dinheiro com propriedades e sim o contrário, é uma forma de obter propriedades quando não se tem dinheiro. Como funciona como um empréstimo à habitação, com pagamento obrigatório, se a dívida não for quitada, o imóvel é confiscado, vendido e o acordo entre indivíduo e banco é encerrado.

Nos Estados Unidos, para um indivíduo ser elegível a crédito bancário, precisa obedecer a uma lista de critérios, e uma das principais exigências é ser um cidadão americano ou estar legalmente no país. Arkamo e Sapeur possuíam *green cards*, que lhes permitiam ter acesso serviços que ainda estavam distantes para Jende. Entretanto, o sucesso de ambos fomentava suas esperanças sobre a vida na América. Para o protagonista, o que lhe faltava para sua sorte acontecer era conquistar a documentação legal:

Arkamo e Sapeur já tinham os deles – Arkamo por intermédio de uma irmã que se tornara cidadã e que se responsabilizara por ele; Sapeur por meio de um casamento com uma mãe solteira americana que conhecera quando apareceu numa boate trajando um terno com colete laranja e um chapéu de feltro vermelho. Eles podiam dar-se ao luxo de tomar empréstimos a juros altos que levariam trinta ou mais anos para serem pagos porque eram portadores de *green cards*. Jende também compraria uma bela casa numa dessas cidades se tivesse documentos. Assim que pudesse, iria mudar-se, mais provavelmente para Phoenix, onde Arkamo vivia num condomínio fechado. Para ele não haveria mais dias congelando; não mais manhãs de vapor saindo pela boca aberta como se ele fosse uma chaleira de água fervendo. (MBUE, 2016, p. 97)

Para os imigrantes, que todos os anos abandonam seus países arriscando tudo por uma parcela do sonho americano, não é uma tarefa fácil atender à lista de exigências que os qualificam para receber qualquer tipo de ajuda financeira disponível, seja este um financiamento imobiliário ou um empréstimo estudantil.

Muitas pessoas emigram sem emprego, sem laços, sem instrução e sem saber falar o idioma do país ao qual se dirigem. Essas situações colocam os imigrantes em condição de vulnerabilidade, pois os programas sociais existentes nos Estados Unidos são direcionados majoritariamente a nativos. Estando à margem, os imigrantes não têm escolha a não ser recorrer a moradias insalubres, empregos mal remunerados e estar à mercê de aproveitadores como o advogado de Jende, Bubakar, que é conhecido por advogar pedidos de asilo e cuja postura não passa confiança. Ele havia sido recomendado por um amigo de Winston e, por esse motivo, seus serviços são contratados, como mostra a passagem a seguir:

Winston contratou um advogado para ele, um nigeriano persuasivo em Flatbush, Brooklyn, chamado Bubakar, que era tão baixo quanto sua fala era rápida. Bubakar, haviam dito a Winston, não era só um grande advogado de imigração com centenas de cliente africanos em todo país, mas também um perito na arte de dar aos clientes as melhores histórias de perseguição para obter asilo.

— Como você acha que fazem todas essas pessoas que conseguem asilo? – o advogado perguntou aos primos quando se reuniram para uma consulta gratuita. - Acham que todos estão realmente fugindo de algo? Por favoor. Deixe-me dizer uma coisa: acabei de conseguir no mês passado asilo para a filha do primeiro ministro de um país da África Oriental.

— É mesmo? — indagou Winston.

— É mesmo, sim senhor— Bubakar respondeu, cinicamente. -O que está querendo dizer com “é mesmo”?

—Só estou surpreso. Que país?

—Prefiro não mencionar, o.k.? Realmente não importa. Meu ponto é que o pai dessa moça é primeiro—ministro, hein? Ela tem três pessoas limpando sua bunda depois de que ela caga e mais três pessoas tirando o ranho do seu nariz. E aqui está ela, dizendo que está com medo da sua vida lá no país dela. —Zombou. — Todos fazemos o que temos de fazer para nos tornamos americanos, *abi*? (MBUE, 2016, p. 25-26).

De acordo com o site oficial do Departamento de Segurança Interna (*Homeland Security*), um pedido de asilo é solicitado por um refugiado, ou seja,

[...] uma pessoa fora de seu país de nacionalidade que é incapaz ou não está disposta a retornar ao seu país de nacionalidade por causa de perseguição ou um medo fundado de perseguição por conta de raça, religião, nacionalidade, adesão a um determinado grupo social ou opinião política. Um asilado é uma pessoa que atende à definição de refugiado e já está presente nos Estados Unidos ou está buscando admissão em um porto de entrada.¹⁸ (HOMELAND SECURITY, 2022- tradução nossa).

¹⁸ Texto no idioma original: “A *refugee* is a person outside his or her country of nationality who is unable or unwilling to return to his or her country of nationality because of persecution or a well-founded fear of persecution on account of race, religion, nationality, membership in a particular social group, or political opinion. An *asylee* is a person who meets the definition of refugee and is already present in the United States or is seeking admission at a port of entry”. Disponível em: <https://www.dhs.gov/immigration-statistics/refugees-asylees>”.

Winston acredita que a melhor chance de o primo regularizar sua situação é por meio de um pedido de asilo, porém Jende não se enquadra de fato na modalidade. Então, Bubakar cria uma história exagerada e pouco verossímil do que motivaria o pedido: “Tecemos uma história sobre como você tem medo de voltar para casa porque tem medo de que a família da sua namorada queira matá-lo para que vocês dois não se casem” (MBUE, 2016, p.29). Quando Jende e seu primo duvidam do plano, o homem sugere que falsifiquem provas:

— Ah, meu irmão— disse ele pousando a caneta e inclinando-se para a frente.

— Será que eu preciso explicar para você? Você tem que usar o seu bom senso e conseguir para mim alguma coisa que eu possa mostrar a essa gente. Hein? É como diz aquele cara Jerry Maguire, mostre-me o dinheiro. Essa gente do Serviço de Imigração vai dizer, mostre-me as evidências. Mostre-me as evidências! Está me entendendo?

E riu da própria piada. Winston bufou. Jende não reagiu – nunca tinha ouvido falar de um sujeito chamado Jerry Maguire.

— Temos que mostrar muita coisa para convencê-los, está me entendendo? De um jeito ou de outro, fabricamos um monte de evidências. (MBUE, 2016, p. 30)

Muito embora Jende tenha efetivamente estado preso por quatro meses quando a família de Neni o denunciou por tê-la engravidado, o pai dela nunca o ameaçara de morte. A história criada por Bubakar não é convincente, mas, como todo o processo jurídico que envolve a solicitação de visto é demorado, o advogado encontra um meio de explorar o desespero de Jende, como fizera com outros imigrantes, para lucrar enquanto o processo é analisado pela justiça.

A experiência de adaptação cultural é inerente ao movimento de deslocamento territorial seja ele transnacional ou não, portanto, todo migrante está sujeito a esse processo. Para muitos imigrantes, a chegada em um novo território pode resultar em uma grande decepção, tendo em vista obstáculos como rejeição, preconceito e racismo. Independentemente da situação na qual o sujeito migrante se encontre, ele certamente passará por transformações identitárias. Para alguns, elas são bem-vindas.

Neni, a esposa de Jende, sempre sonhara em deixar Camarões e migrar para os Estados Unidos e nunca poderia esquecer a emoção que sentira ao chegar à América:

Lembrava-se de como o apartamento — que Jende achara havia pouco, após quase dois anos dividindo um apartamento de dois quartos num subsolo no Bronx com seis porto-riquenhos — encheu-se naquela noite com o riso de Jende e a voz dela regalando-o com histórias de casa, junto com os guinchos de Liomi enquanto pai e filho faziam algazarra e cócegas um no outro rolando sobre o tapete. Lembrava-se de como no meio da noite tinham tirado Liomi da cama de casal e o levado para sua cama para poderem deitar-se lado a lado, fazer todas as coisas que haviam prometido em e-mails e telefonemas e mensagens de texto. E ainda lembrava-se claramente de estar deitada junto a Jende depois que terminaram, escutando os sons

da América do lado de fora da janela, a conversa e os risos de homens e mulheres afro-americanos nas ruas do Harlem, e dizendo a si mesma: estou na América, realmente estou na América. (MBUE, 2016, p. 18)

Estar nos Estados Unidos lhe trouxera de volta a capacidade de sonhar. Ela nunca duvidara de que aquele seria o lugar em que todos os seus sonhos seriam realizados:

Agora, um ano e meio depois, Nova York era seu lar, um lugar com todos os prazeres que desejava. Acordava ao lado do homem que amava e virava o rosto para ver seu filho. Pela primeira vez na vida, tinha um emprego, como auxiliar doméstica de saúde por meio de uma agência que pagava em dinheiro vivo, já que ela não tinha permissão de trabalho. Era uma estudante matriculada pela primeira vez em dezesseis anos, cursando química no Borough of Manhattan Community College, sem precisar se preocupar com a anuidade, pois sabia que Jende sempre pagaria os três mil dólares por semestre sem reclamar, ao contrário de seu pai, que se queixava incessantemente de suas dores de cabeça financeiras e fazia um discurso dizendo que os francos camaroneses não cresciam em mangueiras sempre que um de seus oito filhos pedia dinheiro para as mensalidades escolares ou para uniformes novos [...] E pela primeiríssima vez na vida, tinha um sonho além do casamento e da maternidade: tornar-se farmacêutica [...] Três dias por semana ia à escola e, depois das aulas, caminhava pelos saguões carregando seus grossos livros didáticos de álgebra, química, biologia e filosofia, radiante porque estava crescendo para se tornar uma mulher culta [...] Ela teria orgulho de si mesma, faria Jende ter orgulho de sua esposa e Liomi ter orgulho de sua mãe. Havia esperado demais para se tornar alguma coisa, e agora, aos trinta e três anos, finalmente tinha, ou estava perto de ter, tudo que sempre desejara na vida (MBUE, 2016, p.20).

Em “The Politics of the American Dream, 1980 to 2008”, Michael C. Kimmage argumenta que o Sonho Americano tem física e metafísica, um componente material e um espiritual:

O componente material diz respeito à riqueza ou bem-estar [...] sugere a mobilidade de classe [...] O componente espiritual, a metafísica do sonho americano, é uma mistura de otimismo e felicidade, aludida na Declaração de Independência, em que a felicidade é algo a ser perseguido. O sonho americano poderia ser definido como a espiritualização da propriedade e do consumo, o investimento da alegria e da dignidade no consumo e na propriedade. (KIMMAGE, 2011, p.27).¹⁹

Indubitavelmente, Neni é a personagem que melhor ilustra essa concepção. Apesar das dificuldades que enfrenta, equilibrando a maternidade, o trabalho e os estudos, a crença no Sonho Americano a impulsiona, fazendo com que ultrapasse até mesmo os seus limites físicos. De todos os membros da família, ela é a que mais deposita esperança em um futuro melhor:

¹⁹ Texto no idioma original: “*The material component concerns wealth or well-being [...] suggests class mobility [...]. The spiritual component, the metaphysics of the American Dream, is a blend of optimism and happiness, alluded to in the Declaration of Independence, in which happiness is a thing to be pursued. The American Dream could be defined as the spiritualization of property and consumption, the investment of joy and dignity in consumption and property ownership*”.

Meia-noite, e ela ainda não havia começado. Primeiro tinham sido as roupas de trabalho de Jende que ela tivera de passar. Depois, a lição de casa que tivera de ajudar Liomi a fazer. Aí havia o jantar do dia seguinte para preparar porque, entre o trabalho e as aulas noturnas, não teria tempo de cozinhar e limpar a cozinha. Ela precisava fazer tudo hoje à noite [...] Entrou na cozinha e tirou o café instantâneo do armário acima do fogão, desviando o nariz enquanto abria a lata para por duas colheres de grãos moídos numa caneca. Nada no cheiro forte ou no sabor seco e amargo do café lhe agradava, mas ela tomou porque funcionava. Sempre funcionava.[...] Duas xícaras e ela podia ficar acordada até o amanhecer. O que não seria tão má ideia esta noite: ela precisava de pelo menos três horas de estudo se quisesse terminar todo o dever de casa e começar a se preparar para a prova de pré-cálculo que estava por vir. (MBUE, 2016, p. 63).

Em suas pesquisas sobre o processo de aculturação do imigrante, Berry (2004) buscou demonstrar que o processo integrativo de adaptação é o mais conveniente e o mais usual, mas é perceptível na personagem uma atitude que se predispõe à assimilação, o que se confirma na seguinte passagem em que ela afirma que “a vida nos Estados Unidos a transformara em alguém que estava sempre pensando e planejando o passo seguinte” (MBUE, 2016, p.65). Para ela, nada se comparava à certeza de que uma nova vida se apresentava diante dela:

Como adorava Nova York! Ainda não podia acreditar que estava ali. Não podia acreditar que estava passeando e comprando Gucci, não mais uma mãe solteira, sem emprego, sentada na casa do pai em Limbe, do nascer ao pôr do sol, estação seca a estação chuvosa, esperando que Jende a salvasse. (MBUE, 2016, p. 18)

Um aspecto digno de nota em *Aqui estão os sonhadores* é a abordagem da problemática da migração sob o ponto de vista masculino e feminino. Por muito tempo se pensou o ato migratório apenas pela perspectiva masculina. Pelo fato de um dos fatores mais importantes dos fluxos migratórios ser a busca por trabalho, tradicionalmente, os homens emigravam primeiro, cabendo às mulheres um papel passivo e secundário nessa conjuntura. Ao se deslocarem para se reencontrarem com seus companheiros quando estes já estavam estabelecidos no novo território, elas se mostravam, na maioria das vezes, dependentes dessa estrutura familiar hierárquica. Assim, não se pensava na diáspora pelo viés do gênero.

Com os avanços dos estudos de gênero, dos movimentos feministas e com a emancipação feminina, as mulheres passaram a participar cada vez mais ativamente no mercado de trabalho. Segundo Collins (2019, p. 123), um aspecto fundamental da sociedade civil norte-americana contemporânea é não simplesmente a marginalização dos homens negros no âmbito do trabalho, mas também as mudanças que afetam o trabalho das mulheres, pois algumas destas migraram do trabalho doméstico para o industrial e administrativo, enquanto outras continuam presas a atividades intermitentes e mal remuneradas. Hoje, as vagas de empregos domésticos, para cuidar de crianças e idosos a preços baixos, são também

frequentemente ocupadas por mulheres imigrantes de países do Sul. Como aponta Collins (2019) os empregos que são hoje ocupados por mulheres imigrantes, principalmente nos Estados Unidos, eram desempenhados por mulheres afro-americanas, as chamadas *mammies*, encarregadas de cuidar das crianças e do serviço doméstico:

Ao considerar as limitações do serviço doméstico, grande parte do progresso das mulheres negras no mercado de trabalho tem sido medida por sua capacidade de sair do serviço doméstico. Atualmente, poucas mulheres negras estadunidenses trabalham como domésticas em residências particulares. Boa parte desse trabalho é feito agora por mulheres de cor imigrantes, sem registro nem cidadania estadunidense. A exploração dessas mulheres se assemelha àquela que coube tempos atrás às afro-americanas (COLLINS, 2019, p. 90)

Embora o processo migratório de Neni tenha aparentemente seguido o padrão usual, ou seja, de acompanhar o marido, ela se mostra disposta a conquistar seu espaço, a construir uma história de sucesso individual.

Ao alternar o foco da narrativa entre o casal de protagonistas, o romance de Mbue propicia uma oportunidade de observação de como os dois personagens enfrentam dilemas diferentes em decorrência de uma mesma situação. Parte de Neni a ideia de economizar para comprar uma casa:

— Calculei o seu salário de trinta e cinco mil por ano, mais os meus dez mil — ela disse enquanto voltava a encher o copo dele. — Depois de você pagar os impostos, as minhas mensalidades escolares, o aluguel, mandar dinheiro lá para casa e todo o resto, ainda podemos economizar uns trezentos ou quatrocentos dólares por mês [...]— Economizamos assim, bébé — disse ela —, se fizermos um grande esforço, podemos economizar cinco mil por ano. Em dez anos, poderíamos ter dinheiro suficiente para dar entrada num apartamento de dois quartos em Mount Vernon ou Yonkers. — Ela aproximou sua mão da dele. — Ou até mesmo New Rochelle [...]— Algum dia vamos começar a pagar mais de quinhentos pelo aluguel, e quarenta e cinco mil para morar no Harlem não vai ser nada. Ela deu de ombros: era bem típico dele pensar nas coisas ruins que podiam acontecer. (MBUE, 2016, p. 37)

A última frase da citação mostra que Jende, embora movido pelo Sonho Americano, é mais cauteloso que a esposa e tem razões para isso.

Em uma terça-feira de abril de 2008, Bubakar, o advogado que Winston lhe arranjava, ligou comunicando que o pedido de asilo fora negado. O caso fora remetido a um juiz de imigração. Jende teria de se apresentar diante do tribunal porque o governo daria início a procedimentos de remoção contra ele. Abalado, Jende interpela Bubakar:

— Achei que tinha dito que era uma boa história, sr. Bubakar. Na verdade, o senhor mesmo disse que acreditariam em mim. Saímos felizes da entrevista. O senhor me disse que eu tinha respondido muito bem a todas as perguntas e que a mulher da

Imigração parecia ter acreditado em mim! — Sim, mas eu lhe disse da última vez que conversamos que não era um bom sinal quando ela nos disse para ir para casa esperar a decisão por correio em vez de nos pedir para voltar ao escritório de asilo em duas semanas para pegá-la lá. Eu não quis tirar muitas conclusões a partir daquilo [...] — O senhor me disse para não me preocupar demais com o fato de eles estarem demorando muito para mandar a decisão por correio, porque a Imigração é muito lenta. Foi isso que o senhor disse! [...] — Foi isso que eu pensei, meu irmão. Pensei que ela tinha ficado satisfeita [...] por enquanto vão marcar uma data para você comparecer diante do juiz da Imigração. Um advogado deles vai estar lá, forçando o juiz a expulsá-lo do país. Eu estarei lá, ao seu lado, forçando para que você permaneça [...] — Então está me dizendo que vai ser o senhor contra o advogado do governo? — Correto. Eu contra o advogado deles. Vence o melhor. — Ah, Deus Papai! (MBUE, 2016, p. 70)

Jende, sem ação, não sabe para quem ligar ou a quem informar o acontecido. Aterroriza-o saber que terá de voltar para casa, de regressar “a um país onde perspectivas de uma vida melhor eram direito de nascença de poucos abençoados, a uma cidade da qual sonhadores como ele fugiam diariamente” (MBUE, 2016, p. 72). Teriam de inventar uma desculpa muito boa para escapar da vergonha e da indignidade. Além disso, indo aos tribunais, eles teriam de gastar todas as economias que haviam feito ao longo dos anos. Os acontecimentos se sucedem. Seis dias depois, Neni é surpreendida com uma gravidez há muito tempo desejada, e Jende segue atormentado com a perspectiva de deportação. Bubakar prefere apostar na lentidão da justiça e tenta acalmá-lo:

Os tribunais de imigração estão neste momento atulhados como nunca vi. Há simplesmente gente demais que o governo quer deportar e não há juízes suficientes ansiosos para mandar toda essa gente embora. Você já deveria ter recebido sua intimação há muito tempo, mas do jeito que o seu caso de asilo está indo, nem sei quando você vai receber porque estou ligando para o escritório de asilo e ninguém me diz nada de útil. Então, talvez você nem tenha que comparecer perante o juiz por mais seis meses, até mesmo um ano. E aí, depois de o juiz atender você, ele vai querer ver você de novo, e a data de audiência seguinte pode demorar. Alá sabe lá quanto tempo. E mesmo que o juiz negue o asilo, meu irmão, ainda podemos apelar da decisão. Podemos até apelar mais de uma vez. [...] Ainda há um longo processo pela frente. — Então eu ainda posso ter alguns anos neste país? — Alguns anos? — Bubakar perguntou em tom de zombaria. — Que tal trinta anos? Conheço gente que vem brigando com a Imigração desde sempre. Durante esse tempo, foram à escola, se casaram, tiveram filhos, começaram negócios, ganharam dinheiro e gozaram a vida. A única coisa que não podem fazer é sair do país. (MBUE, 2016, p. 85)

Jende se preocupa porque a licença provisória que Bubakar conseguira estava prestes a terminar e, como motorista, poderia ser parado a qualquer momento pela polícia. A resposta do advogado sintetiza a situação do imigrante ilegal nos Estados Unidos:

No que se refere à Imigração, há muitas coisas que são ilegais e muitas que são cinzentas, e com “cinzentas” eu quero dizer coisas que são ilegais, mas com as quais o governo não quer perder tempo se preocupando [...] Meu conselho para alguém

como você é sempre ficar perto da área cinzenta e manter a si mesmo e a sua família em segurança. **Fique longe de qualquer lugar que possa dar de cara com a polícia — esse é o conselho que dou a você e a todos os rapazes negros neste país. A polícia é para proteção dos brancos, irmão.** Talvez mulheres negras e crianças negras, às vezes, mas nunca homens negros. Nunca homens negros. Homens negros e polícia são como óleo e água. (MBUE, 2016, p. 86, grifo nosso).

Sem alternativa, os Jongas continuam suas rotinas de trabalho, à espera de que um milagre aconteça ou que algo mude na legislação com o governo de Obama.

2.2.4 Identities que se cruzam e fronteiras que as separam

A trajetória do casal de protagonistas do romance está intimamente interligada à trajetória dos Edwards, um casal branco de alta classe de Nova York. O emprego como motorista de Edwards, executivo de alto escalão do banco Lehman Brothers, é fonte de orgulho e dignidade para Jende, não só porque é seu primeiro emprego fixo nos Estados Unidos, mas também porque a renda que proporciona constitui a possibilidade de sua família conseguir concretizar suas ambições nos Estados Unidos.

Antes disso, Jende tinha de valer-se de múltiplos subempregos para custear as despesas da família. Em um esforço para melhorar suas qualificações, Jende recebeu a ajuda de um consultor de carreiras para que seu currículo parecesse mais adequado às expectativas do emprego. O protagonista nunca teve de se preocupar antes com qualificações, pois sempre tivera funções subalternas, que não exigiam dele mais do que ser um homem saudável para realizar as tarefas:

Nunca tinham pedido que vestisse um terno numa entrevista de emprego. Nunca tinham dito para que levasse uma cópia de seu currículo. Nem sequer tinha um currículo até a semana anterior, quando fora até a biblioteca na Trinta e Quatro com a Madison e um consultor de carreiras voluntário redigira um para ele, detalhando seu histórico profissional para sugerir que era um homem de grandes realizações: agricultor responsável por lavrar a terra e cultivar safras saudáveis; limpador de ruas responsável por assegurar que a cidade de Limbe tivesse uma bela e pura aparência; lavador de pratos em restaurante de Manhattan, encarregado de garantir que os cidadãos comessem em pratos limpos e livres de germes; motorista de taxi de luxo no Bronx, responsável por levar passageiros de um lugar a outro em segurança. (MBUE, 2016, p. 10).

Mesmo sabendo que o emprego fora obtido graças à rede de contatos de Winston — o que mostra uma situação de influências não muito diferente de Camarões — Jende exulta por

se tornar chofer de executivo de Wall Street, assim como se torna ciente desde o início das exigências e limites de suas funções:

Ótimo. Eu o tratarei direito, mas você precisa me tratar direito antes. Eu serei sua principal prioridade, e quando eu não precisar de você, você cuidará da minha família. Sou um homem ocupado, então não espere que eu o supervisione. Você chegou a mim altamente recomendado (MBUE, 2016, p. 15).

As tarefas diárias de Jende também incluem o transporte da esposa e dos filhos do banqueiro. Ao contrário de Clark, Cindy faz com que Jende se sinta tenso em seu primeiro contato.

Cindy Edwards não fora nada além de cordial com ele (respondendo prontamente ao seu cumprimento sempre que segurava a porta do carro aberta para ela; dizendo por favor e obrigada sempre que fosse esperado que dissesse), e, mesmo assim, sempre que ela estava no carro, ele ficava tenso. Estaria respirando alto demais? Será que tinha limpado direito o banco traseiro para que nenhuma poeirinha insistente sujasse o terminho dela? Ele sabia que ela teria de ser uma mulher obcecada por detalhes com a sensibilidade de um cão de guarda de primeira para notar essas transgressões mínimas, mas aquilo não era suficiente para que relaxasse – ainda era novo no emprego e, portanto, precisava ser perfeito. (MBUE, 2016, p. 42).

O trabalho permite que Jende tenha vislumbres da vida pessoal dos patrões. Dada a sua insignificância, há momentos em que se torna um espectador silencioso do relacionamento dos Edwards, precisamente quando não necessitam manter a fachada de um casamento perfeito. Assim, duas semanas após começar no emprego Jende testemunha uma discussão entre Clark e Cindy:

— Acabei de almoçar com ele — ela continuou. — Ele não disse por quê... Não, diz que definitivamente não vai... Eu disse que ele disse que não vai!... Ele vai para um retiro de silêncio na Costa Rica, algo a ver com seu Espírito necessitando terrivelmente de fugir do barulho... O que você quer dizer com “tudo bem”? Não me diga que está tudo bem, Clark. O seu filho decide não passar o feriado com a família, e você vem me dizer que tudo bem?... Não, não espero que você faça nada. Sei que não há nada que você possa fazer, mas você não fica incomodado? Quer dizer, você não se importa de ele não ter noção de família? Ele não vem para o aniversário de Mighty, nem sequer se preocupa em me perguntar antes de resolver viajar no Natal... Não, não vou reprogramar nada... Claro, pode ser que seja tudo para o melhor. Agora você está livre para trabalhar na véspera de Natal e no Dia de Natal, e por que você não fica trabalhando sem parar até o ano que vem?... Não venha me dizer que estou sendo ridícula!... Se você se importasse mais, Clark, só um pouquinho mais, sobre como os meninos vão indo, se estão felizes... Não quero que você faça mais nada, porque você é incapaz de olhar além de si mesmo e botar as necessidades dos outros acima das suas... É isso mesmo, é claro, mas algum dia você vai ter de perceber que não pode continuar o que está fazendo e esperar que de alguma maneira, por puro acaso, os meninos estejam bem. Não é assim que funciona... Nunca vai funcionar assim. Jende a ouviu jogar o telefone no assento. Por um minuto o carro ficou silencioso exceto pelo som da respiração forte dela (MBUE, 2016, p. 42).

Os problemas dos Edwards começam assim a transparecer. Cindy parece estar sempre correndo atrás do filho mais velho do casal, Vince, que apesar de ser fisicamente muito parecido com o pai, não poderia ter ideais mais opostas. O jovem demonstra sentir necessidade de se manter afastado do estilo de vida da classe alta. Idealista, é o único da família a enxergar os Estados Unidos sem a lente das promessas associadas ao *American Dream*. Embora estude Direito na Columbia University, não tem certeza do que realmente deseja fazer na vida, mas acredita que parte de sua missão é combater o materialismo e o capitalismo. Contraditoriamente, Vince ainda desfruta dos privilégios proporcionados por sua posição social.

Jende não consegue deixar de se comover com a solidão e a angústia de Cindy, quando, poucos minutos depois, Clark lhe diz que não vai assistir ao recital do outro filho do casal, Mighty. Aos poucos, ele percebe que o apartamento espetacular de onde se vislumbra a cidade, os automóveis caros e a posição social não fazem de Clark e Cindy um casal feliz.

A despeito da frieza com que ela o trata, é Cindy que o surpreende quando, inadvertidamente atende uma chamada do irmão dentro do carro e este lhe pede dinheiro para pagar a mensalidade da escola dos filhos:

Quando ele deu a volta para abrir sua porta, ela o lembrou de pegá-la em duas horas e então, sem nenhum preâmbulo, tirou um cheque da bolsa e o entregou a ele. — Vamos manter isso entre nós, o.k.? — ela sussurrou junto ao seu ouvido. — Não quero que as pessoas fiquem pensando que tenho o hábito de dar dinheiro para ajudar suas famílias. — Ah, Deus Pai, madame! — Você pode descontá-lo e mandar para o seu irmão enquanto eu estiver almoçando. Eu odiaria ver aquelas pobres crianças perderem outro dia de aula por causa de pouco dinheiro (MBUE, 2016, p. 99).

O gesto de solidariedade, que para Cindy representa pouco em termos materiais, é mais fruto de uma evocação de tempos sombrios de sua própria história e não significa uma tentativa de transposição de barreiras.

Durante outra viagem, ele a ouve ao celular conversando com uma amiga sobre um casamento que se desfizera depois de trinta anos. A angústia que sente é evidente, pois revela o receio de que o mesmo possa acontecer com ela:

Trinta anos de casamento, e um dia você acorda e diz que está apaixonado por outra pessoa? Eu morreria... [...] Eu sinto que um dia vou ser eu, Cher. Vou acordar um dia e o Clark vai me dizer que encontrou alguém mais jovem e mais bonita, ah, Deus!... É, fora o velho, viva o novo... [...] Ontem à noite nós fomos jantar com os Stein, e a garçonete, decididamente ela não era tão bonita exceto por um simpático sotaque de algum lugar na Europa Oriental. Mas você precisava ver como o Clark olhava para ela... Talvez pouco mais de trinta... [...] é claro que ele ainda faz isso,

bem na minha frente... Sutil? Não na noite passada; eu tive que ir ao banheiro para me recompor... é isso aí, foi muito ruim. Humilhante... [...] Um grande lembrete para mim, sabe... Simplesmente não sei. (MBUE, 2016, p. 101).

Aos poucos, a personalidade de Cindy é delineada no romance, bem como os problemas que se interpõem entre ela e o marido.

Três meses após a sua contratação, Clark pergunta a Jende sobre sua cidade e este tece elogios a Limbe, o que leva o patrão a inquirir o motivo de ele ter vindo para os Estados Unidos. A resposta de Jende espelha a visão cristalizada do Sonho Americano:

— É porque o meu país não presta, senhor — disse. — Não é nada parecido com os Estados Unidos. Se tivesse ficado no meu país, não teria me tornado nada. Teria continuado a não ser nada. Meu filho ia crescer e ficar pobre como eu, assim como eu era pobre como o meu pai. Mas nos Estados Unidos, senhor? Posso me tornar alguma coisa. Posso até me tornar um homem respeitável. Meu filho pode se tornar um homem respeitável (MBUE, 2016, p. 47).

Para Clark a simplicidade de Jende chega a ser quase inocente e não consegue conter o riso quando este lhe conta como são os acertos de casamento em Camarões, bem como o motivo porque não poderia simplesmente viver maritalmente com Neni sem estar casado:

— Porque não mostra respeito pela mulher, senhor. O homem precisa ir até a família e pagar o dote, senhor. E então sair com ela pela porta da frente. Eu tinha que mostrar que sou um homem de verdade, senhor. E não levá-la de graça como se ela fosse... como se ela fosse alguma coisa que peguei na rua. — Certo — disse Clark, contendo o riso de novo.

— Então você pagou pela sua esposa?

— Ah, sim, senhor — Jende disse com orgulho. — Depois que vim para a América e mandei para o meu sogro uma bela transferência pela Western Union, ele viu que talvez eu me torne um homem rico algum dia, e mudou de ideia.

— Sei que é engraçado, senhor. Mas eu tinha que conseguir a minha esposa. Durante dois anos depois de vir para Nova York, economizei um bom dinheiro para pagar o dote e trazê-la para cá junto com meu filho. Mande dinheiro para a minha mãe e o meu pai, e eles compraram tudo o que o meu sogro quis com o dote. As cabras. Os porcos. As galinhas. O óleo de palma, as sacas de arroz. O sal. Os tecidos, as garrafas de vinhos. Eles compraram tudo. Eu dei até um envelope de dinheiro vivo, o dobro do que ele pediu, senhor. (MBUE, 2016, p. 52).

Clark é um homem para quem o poder e o sucesso econômico estão acima de tudo e vê as ambições de Jende como uma piada. Exasperado por Vince, o filho mais velho, ter rejeitado um estágio em uma firma importante para fazer um retiro no Arizona, Clark diz a Jende que espera que este entenda a oportunidade que lhe está sendo dada. A resposta é, novamente, um espelhamento do Sonho Americano:

— Agradeço a Deus e acredito que trabalho duro, e que algum dia terei uma vida boa aqui. Meus pais, eles também terão uma vida boa em Camarões. E o meu filho

vai crescer para ser alguém, seja lá o que ele queira ser. Acredito que qualquer coisa é possível para alguém que seja americano. De verdade, senhor. E na realidade, senhor, espero que algum dia meu filho cresça para ser um grande homem como o senhor. (MBUE, 2016, p.55).

Cumprindo o contrato de sigilo, Jende busca não prestar atenção às conversas de Clark ao telefone no carro, até mesmo porque seus conhecimentos são precários e muitas coisas são totalmente desconhecidas para ele. Todavia, não lhe escapa a frequente tensão do chefe, que é corroborada pela secretária Leah, em um dia em que precisa levar ao escritório uma pasta de Clark esquecera:

— Faz tempo que você é secretária dele? — Quinze anos, docinho — respondeu Leah —, só não sei se ainda tenho muitos pela frente, do jeito que a empresa vai... Tudo está uma bela de uma grande bagunça [...] — Desde que a unidade de subprime desmoronou — Leah prosseguiu, batendo as cinzas do cigarro — todo mundo tem estado nervoso feito louco. E eu detesto ficar nervosa. A vida é curta demais. Jende pensou em lhe perguntar o que era uma unidade de subprime e por que ela tinha desmoronado, mas concluiu que seria melhor não perguntar sobre coisas que com toda certeza não entenderia, mesmo que alguém desenhasse. (MBUE, 2016, p. 59).

É Leah quem, pela primeira vez, verbaliza que há irregularidades na empresa que estão sendo escondidas de todos os funcionários: “Estão mentindo para nós, dizendo que tudo vai acabar bem, mas às vezes eu vejo os e-mails de Clark, e, bem, perdoe mon français, mas tem muita merda que eles estão escondendo” (MBUE, 2016, p. 60). Desde esse dia, Leah passa a atormentar Jende tentando saber detalhes das conversas de Clark no carro. Ainda sem juntar totalmente as peças do jogo, Jende entende que é melhor ouvir e calar. Assim, continua em sua rotina atendendo à família Edwards e, cada dia mais, se tornando ciente da complexidade das relações entre seus membros.

Isso não significa, obviamente, que entre os seus familiares não há instabilidades. Quando Wiston decide comemorar seu aniversário no bar de um hotel ao invés de optar por seu apartamento, que é grande e bem localizado, Neni se mostra surpresa e, pela primeira vez desde que chegaram, reage negativamente:

As pessoas agem como se as coisas nos Estados Unidos têm que ser melhores do que as coisas em todo outro lugar. Os Estados Unidos não têm o melhor em tudo, e quando se trata de onde se pode ir para curtir uma boa bebida, não pode mesmo se comparar a Camarões. (MBUE, 2016, p. 104).

Ao chegarem ao local, sentem-se completamente fora de lugar, não apenas porque Winston tem muito mais amigos brancos do que supunham, mas principalmente porque se dão conta da imensa lacuna cultural:

Winston tinha amigos de todas as raças, ela sabia, mas não tinha ideia de que fossem tantos amigos brancos — ela não tinha uma única amiga de fora da África e não chegara nem perto de fazer amizade com uma branca. Uma coisa era estar na mesma classe que eles, trabalhar para eles, sorrir para eles no ônibus; outra coisa totalmente diferente era rir e bater papo com eles durante horas, assegurando-se de enunciar cada palavra para não dizerem que o seu sotaque era difícil demais de entender. Não havia como ela passar um tempo com uma mulher branca e ser ela mesma [...] (MBUE, 2016, p. 105).

No início do romance, Winston é um solteiro com poucas responsabilidades, que se envolve com mulheres de diferentes culturas sem firmar um relacionamento sério com nenhuma delas. Quando Jenny, a nova namorada de Winston, se aproxima de Neni e fala de suas aspirações de conhecer Camarões, esta não consegue evitar um pensamento negativo, derivado de preconceito:

Neni olhou para Jenny, sorrindo e dando um gole no coquetel, e não conseguiu concluir se devia rir ou sentir pena dela. O que é que ela estava pensando? Winston nunca se casaria com uma mulher branca. Ele nem se dava ao trabalho de apresentar para a família aquelas com quem dormia, porque as trocava como quem troca de cueca. Tudo que Neni e Jende sabiam nesse momento era que ele estava indo para a cama com uma das outras associadas da firma: aparentemente era ela. Coitadinha. A maneira como seus olhos brilhavam quando dizia o nome dele. Ela não parecia ter mais de vinte e seis anos, mas não jovem demais para ter notado que rapazes camaroneses bem-sucedidos como Winston dificilmente se casavam com mulheres de fora daquele país. Eles curtiam todos os tipos o máximo que podiam: brancas, filipinas, mexicanas, iranianas, chinesas, qualquer mulher de qualquer cor que se mostrasse disponível por causa de paixão ou inegável amor ou mera curiosidade. Mas quando chegava a hora de escolher uma esposa, quantos deles se casavam com uma dessas mulheres? Pouquíssimos. E Winston jamais seria um desses poucos[...]um homem como ele necessitava de uma mulher que entendesse o seu coração, compartilhasse os seus valores e interesses, soubesse como lhe dar as coisas que precisava, aceitasse que seus filhos deviam ser criados da mesma maneira que seus pais o tinham criado, e só uma mulher da sua terra natal podia fazer isso. (MBUE, 2016, p. 108).

Curiosamente, nesse ponto, o romance aborda uma questão não muito presente na literatura contemporânea: a discriminação do negro em relação aos brancos, germinada provavelmente nos séculos de dominação colonial. Para Winston, a ascensão social— que, de certa forma, o romance não explica bem, deixando margem para a interpretação de que se origina de negócios escusos— leva ao contato com os brancos, o que lhe dá uma sensação de igualdade. A relação com Jenny parece ser parte desse processo.

Ao saírem do bar, Neni e Jende se sentam no Columbus Circle e ela observa algo que lhe faz pensar:

A maioria das pessoas se apegava a gente do seu próprio tipo. Até mesmo em Nova York, até mesmo num lugar de muitas nações e culturas, homens e mulheres, jovens e velhos, ricos e pobres, preferiam sua própria espécie quando se tratava de se manter próximo. E por que não? Era muito mais fácil fazer isso do que gastar a própria e limitada energia tentando fundir-se num mundo do qual não se esperava jamais fazer parte. Era isso que tornava Nova York tão maravilhosa: havia um mundo para todo mundo. **Ela tinha seu mundo no Harlem e nunca mais tentaria forçar caminho num mundo no centro, nem mesmo por uma única hora.** (MBUE, 2016, p. 110, grifos nossos).

Essa passagem do texto aponta para uma tendência dos imigrantes a buscarem tecer uma rede de relacionamentos com pessoas da mesma origem, de modo a manter o elo com a cultura do país natal.

Muitas vezes, sentado nesse mesmo local, alguns anos antes, Jende telefonara para casa, para saber notícias dela e do filho, e perguntara a si mesmo se deixar a casa em busca de algo tão fugaz quanto a fortuna realmente valia a pena. Sempre que Jende levava Vince, o filho mais velho de Clark, a algum lugar, este tentava mostrar-lhe a falácia do Sonho Americano:

— Não há nada que você possa dizer, Vince. Nada que você ou qualquer um possa dizer que me faça deixar de acreditar que os Estados Unidos são o melhor país do mundo e que Barack Obama vai ganhar a eleição e se tornar um dos maiores presidentes na história do país.

— Maravilha. Não vou discutir muito sobre isso. Mas eu se eu disser que os Estados Unidos mataram o revolucionário africano Patrice Lumumba no seu empenho de impedir a propagação do comunismo e intensificar seu controle ao redor do mundo? [...]As pessoas não querem abrir os olhos e ver a Verdade porque a ilusão é conveniente. Enquanto engolirem todas as mentiras que querem ouvir, estarão felizes, porque a Verdade não significa nada para elas. Veja os meus pais, eles estão lutando sob o peso de tantas pressões sem sentido, mas se pudessem se libertar dessa opressão autoinflingida encontrariam a verdadeira felicidade. Em vez disso, continuam a percorrer um caminho de realizações e conquistas e sucesso material e toda essa merda que não significa nada porque é isso que os Estados Unidos são, e agora estão presos numa armadilha. E não percebem! (MBUE, 2016, p. 120).

Mesmo sem compreender bem o discurso de Vince, em sua simplicidade, Jende percebe que o problema não é só a faculdade de Direito que o rapaz deseja abandonar, “tratava-se mais de Vince querendo deixar o seu mundo e tudo que os pais queriam para ele; era Vince querendo se tornar uma pessoa inteiramente nova” (MBUE, 2016, p. 122).

As férias de verão dão a Neni a oportunidade de substituir a empregada dos Edwards e ver de perto como os ricos vivem:

Cindy precisava sim de alguém, e Neni precisava de um intervalo no serviço muitas vezes tenebroso de alimentar e banhar cidadãos idosos incapacitados, embora a perspectiva de ganhar mais dinheiro em quatro semanas do que ela ganhava em três meses fez com que ela e Jende discutissem a oferta por cinco minutos apenas antes de concordar que ela pularia o segundo semestre de verão (já que seu visto de estudante lhe permitia fazê-lo) e iria para Southampton. Ela ligou naquela noite para Cindy Edwards — depois de Jende orientá-la sobre o que dizer, o que não dizer, como dizer direito as coisas certas — apresentou-se, e disse que se interessava pelo serviço [...]manter impecavelmente limpa uma casa de cinco quartos, compras de mercado de itens específicos que precisavam estar corretos, lavar roupa diariamente, preparar receitas de cozinha específicas, servir os convidados de maneira digna, tomar conta de um menino de dez anos quando necessário, dias de trabalho de doze horas com muitas horas de inatividade. (MBUE, 2016, p. 126).

Encantada com a casa de verão da família, Neni dedica-se aos seus afazeres e aos cuidados com Mighty. O contato com Cindy faz com que veja a patroa como uma mulher sempre preocupada com o bem-estar e a felicidade dos filhos, porém com uma “óbvia necessidade de ter uma sensação de pertencer, uma necessidade absolutamente desesperada que ela parecia nunca conseguir extinguir” (MBUE, 2016, p. 133). Conquanto Cindy demonstrasse sempre altivez e superioridade em sua presença, essa necessidade de sentir especial traduzia-se em uma dor quase física quando se via excluída de algum evento ou não recebia algum convite que outros receberam.

As observações de Neni se concretizam quando um dia, ao entrar no quarto de hóspedes, vê Cindy caída sobre a cama “a sempre composta e elegante madame largada contra a cabeceira da cama, mechas de cabelo caindo sobre a face suada, os braços moles soltos de ambos os lados, a boca entreaberta com saliva escorrendo quase até o queixo” (MBUE, 2016, p.292). Ao lado, na mesa de cabeceira, um o frasco de pílulas ao lado do copo vazio e da garrafa de vinho tinto semicheia. Seguindo o conselho de uma amiga, para quem telefona desesperada, Neni a sacode e ela acorda, informando que o marido não vem, que Vince vai embora e que ela pode servir o jantar de Mighty quando ele quiser. No dia seguinte, ela narra a Neni a sua história:

Provavelmente acha que eu nasci com todo este dinheiro, certo? Neni não respondeu.

— Bem, não nasci — Cindy prosseguiu. Eu venho de uma família pobre. Uma família muito, muito pobre.

— Eu também, madame. Cindy balançou a cabeça.

— Não, você não entende — disse. — Ser pobre para vocês na África é tudo bem. Lá a maioria de vocês é pobre. A vergonha de ser pobre não é tão ruim para vocês [...]— Aqui, é vergonhoso, humilhante, muito doloroso — Cindy continuou olhando ao longe, para além das árvores.

— Esperar junto com os sem-teto para entrar nas filas de sopão. Morar numa casa mal aquecida no inverno. Comer arroz e carne enlatada em quase toda refeição. As pessoas tratando você como se fosse uma espécie de... — Uma lágrima solitária escorreu por sua bochecha direita. Ela a limpou com o indicador.

— Você não tem ideia de tudo que eu já aguentei [...].
 — Eu nunca vou esquecer a noite em que disse à minha mãe que queria camarão com legumes para o jantar. Tamanho luxo, como é que eu me atrevia a pedir? Ela me deu um tapa e me mandou para a cama com fome. Esse era o jeito dela. Um tapa ou um lembrete de que eu não passava de um pedaço de merda [...].
 — Mas eu saí daquilo tudo, como você pode ver. Eu batalhei, fiz faculdade, consegui um emprego, meu próprio apartamento, aprendi a me comportar bem e me encaixar sem esforço nesse mundo novo, para que nunca mais fosse olhada de cima para baixo, ou vista como um pedaço de merda. Porque eu sei o que sou, e ninguém pode jamais tirar as coisas que consegui por mim mesma [...].
 — Estou lhe contando isso porque quero que você saiba de onde eu vim e por que luto todo dia para permanecer aqui. Para manter a minha família unida. Para ter tudo isto [...] — porque quero que você nunca conte a ninguém o que aconteceu ontem. (MBUE, 2016, p. 142).

Em troca, Neni recebe sorrisos afáveis, roupas de estilista que seriam doadas, roupas e brinquedos para o filho e uma gratificação. “Tinham encontrado uma solução em que todo mundo saía ganhando” (MBUE, 2016, p. 143).

Quando Clark finalmente chega, Neni presencia uma briga séria do casal, decorrente da insistência de Cindy para que eles voltem à terapia. Aos gritos, o patrão sai, deixando a esposa aos prantos. Mais uma vez, ela desabafa com Neni:

— Todo mundo... eles acreditam que podem me tratar... de qualquer jeito... de qualquer maneira... Neni assentiu novamente, a caixa de lenços de papel nas mãos.
 — Primeiro foi o meu pai... ele achava que tinha o direito, sabe? — Cindy disse. — Arrastar a minha mãe até aquela casa abandonada... forçá-la... fazer com ela à força... não dar a mínima para... não se preocupar um segundo com o que aconteceria com a criança [...] — E o governo... o nosso governo [...] — Eles tinham o direito, também. Obrigar a minha mãe a carregar o bebê de um estranho. Obrigá-la a dar à luz a essa criança porque... porque... eu não sei por quê [...] — Eu odiava ela..., mas quem poderia culpá-la? Ela também achava que tinha direito... era direito dela. De me bater, e me xingar, e me chamar de gorda... porque toda vez que olhava para mim, era lembrada... eu era um lembrete... do que ele tinha feito com ela... Mas por quê? O que foi que eu fiz? Nunca é culpa da criança... nunca é culpa de um inocente [...] O que ela devia dizer a Cindy agora? [...] Mas o que podia dizer em relação a uma confissão embriagada sobre o insuportável jogo de uma vida concebida em violência? O que podia dizer acerca de coisas sobre as quais nunca refletira? (MBUE, 2016, p.155).

Neni demora a perceber quem é a criança e se sente impotente e surpresa ao descobrir o que a face aparente do sucesso esconde. Ao retornar a casa, depois de quatro meses com a família em Southhampton, Neni traz uma mala cheia de presentes dados por Cindy. Em conversa com a amiga Betty, com quem troca confidências, ela afirma que tem plena consciência de que tudo aquilo fora uma troca: “— Ela não gostou de mim coisa nenhuma — disse enquanto dobrava os vestidos e as blusas. — Eu fiz o que ela queria que eu fizesse, e me pagou com dinheiro e roupas” (MBUE, 2016, p. 160). Betty a alerta também para a mistura de remédios e álcool que Cindy vem fazendo como algo potencialmente perigoso.

Pressionado por Leah, que, estando a cinco anos de obter a aposentadoria, teme que a situação piore apesar dos memorandos enviados aos funcionários buscando acalmá-los, Jende procura desconversar:

Incomodava-o que ela não pudesse lagar o emprego ainda que sua pressão sanguínea estivesse subindo e o cabelo caindo e ela só tivesse três horas de sono por noite, mas não era sua função contar a ela qualquer coisa que Clark dissesse. Ou fizesse. Não podia lhe contar que Clark às vezes dormia no escritório, ou algumas noites ia ao Chelsea Hotel para compromissos que muitas vezes não duravam mais do que uma hora. Não podia lhe contar que depois desses compromissos Jende geralmente levava o patrão de volta para o escritório, onde Clark provavelmente continuava trabalhando mais algumas horas, tendo liberado a sua tensão. Seu dever, ele sempre lembrava a si mesmo, era proteger Clark, não Leah. (MBUE, 2016, p.166).

As relações de Clark com outras mulheres é um segredo que faz parte do seu contrato, assim como o silêncio sobre as conversas que ouve.

O romance apresenta, assim, várias crises, identitárias, de relacionamento e financeiras, que não estão apenas ligadas à questão da imigração, mas a toda uma conjuntura que é o pilar do Sonho Americano e que exige dos sujeitos uma aderência, voluntária ou não, a padrões pré-estabelecidos, que incluem a assimilação cultural e uma *performance* associada ao *American way of life*.

Os imigrantes africanos interagem com os estadunidenses brancos e, diante das desventuras dos membros de cada grupo social, há atitudes solidárias de parte a parte, porém as barreiras permanecem.

2.2.5 A dissolução do sonho e o retorno

Aqui estão os sonhadores inicia sua narrativa com o olhar esperançoso e inocente que os protagonistas lançam ao novo país. Para os Jongas, por trás de cada nova experiência se encontra uma promessa de prosperidade e felicidade. Na América, acreditam que todos os sonhos são realizáveis.

Como Agboh e Guelly (2021) apontam, os Jongas optam por entrar nos Estados Unidos com vistos provisórios e a insistência do casal em conquistar o *status* de imigrante legal no país demonstra seu comprometimento com a conquista do Sonho Americano, além da crença de que conseguirão obter uma vida melhor, pois estão dispostos a se esforçar e trabalhar honestamente e “Os Estados Unidos têm alguma coisa para todo mundo” (MBUE,

2016, p. 48). Porém, logo percebem que a realidade é diferente do esperado e que a honestidade e o trabalho árduo não são o bastante para realizar suas ambições: “—Você acha que um negro consegue um bom emprego neste país sentado na frente dos brancos dizendo a verdade? Por favor, não me faça rir.” (MBUE, 2016, p. 22).

Quando o pedido de asilo de Jende é negado ele se desespera. A notícia chega pouco depois de ter começado a trabalhar como chofer para os Edwards e ele não tem dinheiro suficiente para recorrer da decisão do Departamento de Imigração. Com a notícia, Jende passa a ser assombrado pela vergonha que associa à ideia de retorno. Como aponta Menezes (2013), os retornados com histórias de sucesso são celebrados, no entanto, os indivíduos que falham na tarefa de prosperar na terra das oportunidades são culpabilizados por sua falha, julgados como preguiçosos ou descuidados, quando a realidade de um imigrante é pavimentada por uma sequência de obstáculos que fogem ao seu controle e não se relacionam à sua vontade ou esforço:

Não havia nada que alguém pudesse fazer. Ninguém podia salvá-lo da Imigração Americana. Ele teria de voltar para casa. Teria de regressar a um país onde perspectivas de uma vida melhor eram direito de nascença de poucos abençoados, a uma cidade da qual sonhadores como ele fugiam diariamente. Ele e sua família teriam de retornar a New Town de mãos vazias, sem nada além de relatos sobre o que tinham visto e feito nos Estados Unidos, e quando as pessoas perguntassem por que haviam retornado e se mudado de volta para a casa caindo aos pedaços de seus pais, teriam de contar uma mentira, uma mentira muito boa, porque seria o único jeito de escapar da vergonha e da indignidade. Com a vergonha era capaz de conviver, mas com seu fracasso como marido e pai... (MBUE, 2016, p. 72).

Em sua terra natal, Jende vivia resignado com a vida de estagnação e a sentença de um futuro sem esperança de melhora. Filho de agricultores, o protagonista sabe que, em Camarões, a pobreza é transmitida como uma herança, que seria herdada por seus filhos se continuasse a viver lá. Para Jende, seu país o decepcionara pela primeira vez ao enviá-lo à prisão quando adolescente por engravidar a filha de um homem rico. Durante os meses na cadeia, enquanto seu pai se esforçava para levantar um montante de dinheiro suficiente para que o pai de Neni concordasse em retirar as queixas, ele tomou a decisão de abandonar o país:

Foi durante as noites de doença que ele pensou na vida, o que faria com ela assim que fosse solto. Não conseguia pensar em nada que quisesse mais do que sair de Camarões, se mudar para um país onde rapazes decentes não eram jogados na cadeia por crimes pequenos, e onde, em vez disso, tivessem oportunidades de fazer alguma coisa da vida. (MBUE, 2016, p. 271).

Jende constantemente expressa seu descontentamento com seu país de nascença, deixando claro seu motivo para migrar. Os Estados Unidos foram o destino escolhido por ele em virtude das ilusões vendidas por *sitcoms* estadunidenses que assistia, que esboçavam promessas de vida próspera, diferente da realidade vivida em Camarões:

Os afro-americanos que ela via na tv em Camarões eram felizes e bem-sucedidos, bem-educados e respeitáveis, e ela viera a acreditar que se eles podiam florescer nos Estados Unidos, ela certamente também poderia. Os Estados Unidos davam a todos, negros ou brancos, uma oportunidade igual de ser o que cada um desejava ser. Mesmo depois de assistir a filmes como *Os donos da rua* e *Faça a coisa certa*, não podia ser convencida de que aquele tipo de vida negra representava apenas uma pequena porcentagem da vida negra, exatamente como os americanos provavelmente entendiam que as imagens que viam de guerra e fome na África não passavam de uma pequena porcentagem da vida africana. (MBUE, 2016, p. 344).

Além da mídia, Winston, o primo de Jende tem uma história de sucesso na América e influencia o protagonista a buscar o mesmo, muitas vezes até de forma fraudulenta, usando seus contatos para forjar referências e ajudar Jende a conquistar o emprego de chofer. Aos poucos, a visão que os Jongas têm dos Estados Unidos e as suas identidades sofrem grande impacto conforme as experiências vividas em outra cultura trazem sabores e sua permanência no país é ameaçada.

O racismo é uma questão bastante internalizada na cultura estadunidense, e é indiscutível que a experiência dos protagonistas como imigrantes negros é afetada pelo preconceito enraizado na sociedade. Um exemplo disso é a passagem o primeiro encontro de Jende com Leah, a secretária de Clark. Embora sem intenção, ela enuncia uma visão preconceituosa, conforme é possível observar na citação a seguir:

-É claro que ia saber que era você – respondeu Leah. -Você tem uma aparência muito africana, e digo isso do jeito mais bacana possível, docinho. A maioria dos americanos não sabe distinguir africanos de caribenhos, mas eu sei diferenciar um africano de um jamaicano a qualquer hora. Simplesmente sei essas coisas. (MBUE, 2016, p. 58).

A ignorância e o preconceito fazem parte do dia a dia de Jende, que acaba por desenvolver estratégias para lidar com tais episódios:

[...] frequentemente elas diziam algo do tipo, ah, meu Deus, vi aquele programa muito doido sobre isso e aquilo na África. Ou, minha prima/ amiga/ vizinha namorava um africano, e ele era um cara realmente bacana. Ou, pior ainda, quando perguntavam de onde ele era na África, e ele dizia Camarões, ficavam lhe contando que a filha de uma amiga foi uma vez para a Tanzânia ou Uganda. Esse comentário costumava aborrecê-lo até que Winston sugeriu a resposta perfeita: diga a elas que o tio do seu amigo mora em Toronto. E era isso que ele agora fazia toda vez que

alguém mencionava outro país da África quando ele dizia que era de Camarões. Ah sim, ele dizia em resposta a algo dito sobre o Senegal, outro dia assisti a um programa sobre San Antonio. Ou, espero um dia visitar Montreal. Ou, ouvi dizer que Miami é uma bela cidade. E toda vez que fazia isso, ele morria de rir por dentro ao ver a careta confusa dos americanos, porque não podiam entender o que Toronto/ San Antonio/ Montreal/ Miami tinham a ver com Nova York. (MBUE, 2016, p. 58).

Quando o preconceito se expõe de modo mais agressivo, o protagonista demonstra que aprendizado o leva a manter vigilância sobre suas próprias ações, de modo a não atrair atenção indesejada. Ao consolar o filho mais novo dos Edwards, que presenciara uma das brigas dos pais, Jende se encontra dividido entre consolar a criança e se proteger do olhar malicioso dos passantes:

-Ah, Mighty – disse Jende, trazendo o menino para junto de seu peito. Pensou momentaneamente que alguém poderia vê-lo e chamar a polícia, um homem negro com um menino branco contra o peito, dentro de um carro de luxo, parado no meio-fio de uma rua no Upper East Side, mas esperava que ninguém visse, porque ele não ia afastar o garoto com as lágrimas jorrando abundantemente. (MBUE, 2016, p. 247).

Diferentemente de Jende, que passa os dias transportando os Edwards por Nova York, Neni é quem mais se desloca dentro da sociedade americana, pois divide seus dias entre cuidar da casa e da família, o emprego como cuidadora de idosos e os estudos. Apesar da rotina atarefada, a protagonista feminina do romance consegue encontrar tempo para interagir com as amigas Betty e Fatou, que também são imigrantes, e é de Fatou que vem o testemunho da dificuldade enfrentada por um imigrante, mesmo que legalizado:

— Um ano e meio? — repetiu Fatou, sacudindo a cabeça e revirando os olhos. — E também conta a metade do ano? E fala isso sem um tico de vergonha. — Ela riu. — Deixa eu falar uma coisa. Quando você tá no Estados Unidos vint-quatreans, e ainda é pobre, larga de contar. Você nem fala mais nada. Não. Você pega vergonha de tudo de falar, tô dizendo.
Neni soltou uma risadinha enquanto pegava uma bolsa Gucci tão determinada a passar por verdadeira que até reluzia. — Você tem vergonha de contar paras pessoas que já tá aqui faz vinte e quatro anos?
— Não, eu não tenho vergonha nenhuma. Pra que eu ia ter vergonha? Eu falo pras pessoas que acabei de chegar. Elas me ouvem falar. Dizem ah, ela não conhece inglês. Deve ter acabado de vir da África. (MBUE, 2016, p.18).

A princípio Neni opta por limitar seu círculo social à comunidade de apoio formada por imigrantes africanos da qual Betty e Fatou fazem parte. Quando tem contato com indivíduos fora desse círculo, reage sempre com desconfiança. Mesmo na faculdade de farmácia, onde Neni tem contato com diferentes tipos de alunos, entre eles imigrantes, a

personagem não consegue encontrar pontos em comum com os colegas. No fragmento abaixo ela descreve o fracasso de sua primeira e única experiência com um grupo de estudos:

Mal tinham se passado trinta minutos na primeira sessão de estudos do grupo (no salão dos alunos), um dos membros sugeriu que pedissem comida chinesa, pois não podiam deixar a fome esperando por duas horas. Neni estava certa de que os outros membros diriam que não estavam interessados, mas todos eles — duas moças brancas, uma jovem afro-americana, um rapaz com cara de adolescente de etnia indeterminada — concordaram que era uma ótima ideia. Ela não teve escolha a não ser pedir carne de porco *mu shu* e gastar dez dólares que não queria gastar, porque sabia que a visão dos outros comendo a deixaria faminta e, em última análise, consumiria sua concentração durante toda a sessão. O grupo tinha parado de estudar para fazer o pedido, e parou novamente para comer. Enquanto comiam, conversaram sobre American Idol. Quem era melhor que quem. Quem provavelmente ganharia. Quem decididamente não ganharia. A conversa não voltou para a prova durante uma hora inteira. Talvez para eles não fosse nada perder uma hora de estudo. Para ela era muita coisa. (MBUE, 2016, p. 64).

A rigidez quanto aos estudos se estende também ao filho do casal. Mesmo desejando que o Liomi cresça como um menino americano, ao saber que a amizade do filho com outra criança o distrai durante as aulas Neni se irrita e trata de relembrar o menino de suas obrigações:

— Liomi, escute! Abra seus ouvidos e me escute, porque eu vou dizer isto uma vez e não vou dizer de novo nunca mais. Você não vai à escola para brincar. Você não vai à escola para fazer amigos. Você vai à escola pra ficar sentado quieto e abrir os ouvidos como folha de gongo e escutar sua professora. Está me ouvindo? (MBUE, 2016, p. 79).

Após deixar Limbe, onde os dias pareciam repetir-se e não havia promessa de mudança, Neni tem a possibilidade de realizar suas ambições. Ela sonha em tornar-se uma farmacêutica e seu visto de estudante une seu desejo de completar o curso superior à sua necessidade de permanecer no país, razão pela qual diz ao filho: “a escola é tudo para gente como nós” (MBUE, 2016, p. 81). Neni acredita que os estudos são a chave para o crescimento econômico da família, e, sem as restrições sexistas que detinham sua ambição em Camarões, na América, suas limitações físicas e emocionais seriam o único obstáculo:

Ela se arrastava pela cidade, do trabalho para a escola, da escola para casa, porque precisava continuar vivendo como se nada tivesse mudado, como se suas vidas não tivessem recém-comçado a se esgarçar. Era incapaz de mobilizar um sorriso, cantar uma canção ou articular dois pensamentos seguidos sem a palavra “deportação” dar um jeito de participar, e mesmo assim impulsionou-se para diante na manhã seguinte à notícia, vestindo o uniforme rosa e os tênis brancos para o longo dia de trabalho, a mochila sobrecarregada presa aos ombros para poder estudar no serviço enquanto o cliente dormia. Fatigada, mas sem se deixar abater, viajou todos os dias daquela semana do Harlem para Park Slope e para Chambers Street, mesmo com uma dor de

cabeça tão forte que ela gemia nas plataformas do metrô toda vez que os trens guinchavam na sua direção. Uma das vezes, a caminho do trabalho, considerou saltar do trem e entrar num banheiro do Starbucks e dar uma boa chorada, mas resistiu à necessidade, porque de que tinham adiantado todas as lágrimas? (MBUE, 2016, p. 75).

Quando Neni descobre que está grávida, a notícia traz felicidade ao casal. Jende decide que ela terá de pedir uma licença médica no trabalho e na universidade. Neni fica desolada ao saber que não poderá estudar ou trabalhar durante a gestação. Como marido, Jende prioriza o cuidado com sua família, porém, por se sentir ameaçado pela possibilidade de deportação, ele busca consolo no que pode controlar, enquanto Neni vê-se confinada aos papéis de esposa e mãe. A decisão de seu marido faz com que ela se sinta mais uma vez limitada pelas circunstâncias:

Não posso acreditar que esteja fazendo isso comigo, ela chorou enquanto ele continuava zapeando, incapaz de encontrar algo interessante para assistir e sem se comover com as lágrimas dela. Por que eu não posso pelo menos pegar o número mínimo de aulas que preciso para o meu visto, como estou fazendo agora? Por que está sempre agindo como se fosse o meu dono?

Tendo antecipado sua reação, ele a ignorou, deixando claro que pensara sobre o assunto por dias e que não mudaria de opinião. Finalmente, ela se calou e foi para a cama derrotada, porque não havia nada que pudesse fazer. Ele a trouxera para a América. Ele pagava suas anuidades escolares. Ele era seu protetor e defensor. Ele tomava decisões para a família. Às vezes discutia com ela acerca de suas decisões. A maioria das vezes fazia o que julgava melhor. Ela nunca tinha escolha a não ser obedecer. (MBUE, 2016, p. 194).

A queda do Lehman Brothers é descrita no romance de Mbue como se uma praga houvesse caído sobre Nova York (MBUE, 2016). Em meio ao desespero, é através de Cindy, que Jende recebe a confirmação de que permanece empregado, porém ele percebe que seu futuro depende do que acontecerá com o seu empregador:

Jende pôs o celular sobre a mesa e sentou-se ao lado de Neni. Estava tonto, grato, porém atordoado. Acabara de lhe ocorrer o quanto seu destino estava intimamente ligado ao de outro homem. E se alguma coisa acontecesse com o sr. Edwards? Sua permissão de trabalho expiraria em março e ele talvez não conseguisse renová-la, dependendo de como corresse seu caso no tribunal. Sem documentos de trabalho, ele jamais poderia arranjar outro emprego que pagasse tanto. Como cuidaria de sua esposa e de dois filhos? Quantos empregos de lavador de pratos em restaurantes ele teria de arrumar para ter dinheiro? (MBUE, 2016, p. 197).

O casamento dos protagonistas passa por momentos de tensão provocados pela incerteza quanto ao visto de permanência de Jende. O casal passa a ter discussões frequentes, Jende se torna irritadiço, enquanto Neni decide buscar consolo em uma igreja local. Pela primeira vez, a imigrante se sente à vontade em meio aos estadunidenses, e, quando revela ao

marido a conversa que tivera com a pastora Natasha, Jende se sente traído e uma nova discussão acontece:

Apesar de sua vergonha, ela contara a Natasha sobre sua difícil condição porque acreditava que havia americanos desejosos de manter imigrantes bons e trabalhadores no país. Ela os vira no noticiário, americanos compassivos falando de como os Estados Unidos deveriam ser mais receptivos com pessoas que vinham em paz. Ela acreditava que essas pessoas de bom coração, como Natasha, jamais os trairiam, e queria dizer isso a Jende, que as pessoas da Judson Memorial adoravam imigrantes, que seu segredo estava a salvo com Natasha. Mas sabia também que seria em vão argumentar com um homem irado, então resolveu ficar quieta, de cabeça baixa, enquanto ele desferia suas chicotadas verbais, chamando-a de idiota estúpida e burra desgraçada. O homem que prometera sempre cuidar dela estava sobre ela vomitando um desfile de insultos, soltando um veneno que ela nunca pensou que existisse dentro dele. Pela primeira vez num longo caso de amor, Neni teve medo de que ele a surrassse. Ela estava quase certa de que Jende bateria nela. E se tivesse batido, ela teria sabido que não era o seu Jende quem a estava surrando, mas **um ser grotesco criado pelos sofrimentos de uma vida de imigrante nos Estados Unidos.**(MBUE, 2016, p. 264; grifo nosso).

Essa passagem evidencia o impacto da condição de imigrante na identidade de Jende.

Quando a infidelidade de Clark vem à tona, em um escândalo público, o preço pelo silêncio de Jende acaba por ser seu emprego. O imigrante atribui o desemprego ao seu próprio valor enquanto indivíduo: “Ficar sentado em casa, desempregado, parecia a pior punição de todas. O ócio. A indignidade.” (MBUE, 2016, p. 284). De volta à rotina de múltiplos subempregos mal remunerados, Jende tenta se consolar com o fato de ter pelo menos uma ocupação durante a recessão:

Na semana seguinte, após uma série de longas noites de inquietude, conseguiu um emprego lavando pratos em dois restaurantes. Num deles tinha trabalhado quando chegara a Nova York, muito antes de tirar a carteira de motorista e começar a dirigir um táxi. No primeiro dia do retorno, uma colega comentou sobre uma possibilidade em outro restaurante em Hell’s Kitchen. Jende pegou o metrô logo que seu turno acabou, e conseguiu também o outro emprego. Com os dois, trabalhava de manhã, de tarde e de noite. E também nos fins de semana. Durante seis dias da semana saía de casa antes de Liomi acordar e voltava quando ele já estava na cama. Pelo trabalho de todas essas horas, ganhava menos da metade do que costumava receber trabalhando para Clark Edwards. (MBUE, 2016, p. 284).

O orgulho de Jende o impede de permitir que a esposa trabalhe. A segunda renda seria bem-vinda, porém a ideia de que precisava que a esposa também trabalhasse para assegurar o sustento da família lhe é insuportável. Segundo Nsamenang (2000), na sociedade camaronesa o papel do homem enquanto chefe de família é pouco definido, seu papel como único provedor tem perdido a importância através do tempo, fazendo com que o valor dos patriarcas seja reduzido. As mães camaronesas estão incumbidas de cuidar da casa, da criação dos filhos e

muitas passaram a ter empregos, tornando a função principal do homem, enquanto provedor, desvalorizada.

A tensão constante prejudica a sua saúde de Jende, provocando intensas dores e inchaço nos pés. Ao culpar sua ex-patroa pela situação em que a família se encontra, Neni decide tomar providências e recorre à chantagem. De posse de uma foto em que Cindy está visivelmente sob efeito de medicamentos, Neni consegue que a mulher pague dez mil dólares pela imagem: “Ela pensou que podia nos usar, africanos imbecis que não sabem se virar sozinhos.” (MBUE, 2016, p. 299). Embora Neni se sinta vingada, os problemas da família com a imigração continuam. Para os Jonga, a situação financeira se torna cada vez mais complicada e passa a ser difícil não comparar o custo de vida em Nova York com o de Limbe, quando percebem que compravam “meio quilo de camarão pelo equivalente a cinco mil francos camaroneses – o aluguel mensal de um quarto com banheiro externo compartilhado.” (MBUE, 2016, p. 304).

Apesar das dificuldades que enfrentam, o esforço de Neni é recompensado quando, de volta à universidade, consegue participar de uma irmandade de honra de seu campus estudantil, pois o *status* é acompanhado da possibilidade de obter uma bolsa de estudos, que aliviaria os problemas financeiros do casal. Entretanto, ao buscar mais informações com o professor responsável, ela é surpreendida com o tratamento recebido por parte do docente, que desvaloriza sua ambição e rejeita seu pedido:

– Estou simplesmente considerando, sra. Jonga, se talvez algum outro caminho profissional possa ser mais adequado para alguém como a senhora.
 –Eu quero ser farmacêutica – disse Neni, não tentando mais disfarçar sua raiva.
 - Isso é ótimo, e eu a cumprimento por isso. Mas a senhora veio aqui hoje porque está desesperada por dinheiro para terminar a escola. A senhora tem dois filhos, seu marido não ganha dinheiro suficiente, pelo visto, estão tendo dificuldades de fazer as contas baterem. A faculdade de farmácia é muito cara, sra. Jonga, e a senhora é uma estudante internacional. A não ser que mude sua situação legal, será muito difícil para a senhora conseguir empréstimos para se graduar, isso se conseguir uma maneira de se formar na BMCC em primeiro lugar. (MBUE, 2016, p. 327).

Nesse meio tempo, Jende recebe a notícia da morte do pai. Ao, finalmente, conseguir uma consulta médica, o médico lhe diz que seus problemas de saúde são provocados por estresse. O diagnóstico dá ao protagonista a certeza de que deve retornar ao seu país, e a decisão lhe proporciona um sentimento de libertação:

Se eu estou enfrentando algum grande fator de estresse na minha vida? Jende pensou em dizer. Sim, doutor, acontece que estou. Em poucas semanas devo comparecer perante um juiz de imigração para continuar implorando que ele, por favor, não me deporte. Meu pai acabou de morrer e eu não pude enterrá-lo. Que vergonha maior

poderia haver para um primogênito? Minha mãe está ficando velha demais para continuar criando porcos e lavrando a terra e vendendo no mercado, então tenho que começar a mandar dinheiro para ela com mais frequência. Tenho uma mulher e dois filhos que preciso alimentar e vestir e abrigar todo dia. Minha mulher deveria voltar à escola para manter seu visto de estudante, e eu não sei se serei capaz de pagar as mensalidades lavando pratos em restaurantes. Ela talvez tenha que largar a escola e viver sem nenhum tipo de documento. Talvez ela também acabe diante de um juiz de imigração, implorando para, por favor, permanecer no país para poder achar um jeito de terminar a escola. Esqueça a escola, há dias em que nós nem temos o suficiente para uma boa refeição com frango. Eu estou poupando as minhas economias ao máximo para estar pronto para o dia em que chegar o pior, mas agora eu me pergunto para que estou economizando? O pior já chegou, e as minhas costas estão arrebatando. Então, sim, doutor, eu tenho muitos grandes fatores de estresse na minha vida. (MBUE, 2016, p. 335).

Embora Jende estivesse decidido a retornar a Limbe, Neni se mantinha firme em sua vontade de permanecer nos Estados Unidos, chegando ao extremo de pensar em entregar seu filho Liomi para adoção, para que ele pudesse crescer nos Estados Unidos, e até mesmo em se casar com o primo de uma amiga para conseguir o *green card*. Quando ela lhe fala dessas possibilidades, Jende se descontrola:

Ele a afastou de suas costas com um empurrão e se levantou, fitando-a com raiva enquanto tentava massagear seus próprios ombros.

— Só estou dizendo...

— Você me ouviu dizer para calar a boca?

— Essa dor nunca vai sumir se...

Ela não viu o tapa chegando. Simplesmente viu-se cambaleando para trás e caindo no chão pela força e pelo choque, a bochecha ardendo com se alguém tivesse esfregado alcatrão quente nela. Ele estava parado acima dela, os punhos cerrados, berrando na voz mais horrorosa que ela já tinha ouvido. Chamava-a de inútil, idiota, estúpida, egoísta, que ficaria feliz em ver seu marido morrer de dor para poder viver em Nova York. Ela se levantou de um pulo, a bochecha ainda latejando.

— Você acabou de me bater? — ela soltou um grito agudo, a mão na bochecha esquerda. — Você me bateu?

-Sim -disse ele, os olhos arregalados. - E se você ousar abrir sua boca mais uma vez, bato de novo!

— Então bata de novo! Ele se virou para sair, mas ela o puxou de volta pela camisa. Ele tentou se desvencilhar, mas ela não o soltou, ficando na sua frente e berrando na sua cara até derramar lágrimas. — Foi para isso que você me trouxe para cá, hein? Para me matar e mandar meu cadáver de volta para Limbe. Vá em frente e bata, Jende... Estou implorando, me bata de novo! Ela o empurrava com as palmas das mãos, ganindo como um dos porcos de Ma Jonga antes de ser abatido. Por que você não vai em frente e me mata, ela exigia. Por que não? Me bata e me mate agora! — Não me faça bater em você de novo — ele grunhiu enquanto empurrava suas mãos e cerrava o punho. — Estou lhe avisando! — Ah, não, por favor, bata! — ela disse. — Levante a mão e me bata de novo! Os Estados Unidos lhe deram uma surra e você não sabe o que fazer e agora acha que me surrar vai melhorar as coisas. Por favor, vá em frente e bata... E ele bateu. E bateu forte. Um tapa terrível na cara. Depois outro. E mais outro. E um na orelha que a deixou surda. Os tapas acertaram seu rosto mesmo antes de ela ter acabado de pedir por eles. Ela gritou, atordoada e cheia de dor; caiu no chão aos prantos. (MBUE, 2016, p.369).

A tensão no casamento do casal chega ao ápice quando a discussão acerca do retorno se torna uma briga física intensa, porém os vizinhos decidem não intervir, como demonstra a citação abaixo:

Se ouviram alguma coisa, não fizeram nada. Não veio polícia nenhuma ao apartamento para interrogar Jende sobre abuso doméstico ou encorajar Neni a dar queixa. A ideia de dar queixa contra ele não era cogitada em sua cabeça, mesmo sabendo que era algo que as esposas americanas faziam quando seus maridos batiam nelas. Isso era uma coisa inimaginável para Neni; ela jamais poderia fazer algo assim com seu marido. Se ele batesse nela uma segunda vez, ela pediria a Winston para conversar com ele. Se fizesse uma terceira vez, ligaria para Ma Jonga. Entre seu primo e sua mãe ele voltaria a si. Uma briga conjugal não era algo para envolver a polícia — era uma questão familiar privada. (MBUE, 2016, p.370).

Como aponta Crenshaw, “as possibilidades de uma esposa agredida aproveitar a renúncia matrimonial são afetadas por sua identidade cultural e classe” (CRENSHAW, 1991, p. 34). Apesar do choque causado pela violência, Neni não cogita a possibilidade de denunciar o marido à polícia ou de se divorciar dele. Por fazer parte de uma cultura em que a mulher é vista como uma posse, pela qual inclusive se paga um dote, tanto Jende quando Neni acreditam que bater na mulher é um direito do marido, porém ambos reconhecem que a agressão física é um limite ao qual nenhum dos dois queria ter chegado.

Jende reflete sobre as dificuldades que enfrentou como imigrante nos Estados Unidos e, na passagem abaixo, ele explica à esposa que, mesmo que obtivessem a documentação para permanecerem no país, sua situação ainda seria incerta:

— Não é verdade — disse ele balançando triste a cabeça. — O papier não é tudo. Nos Estados Unidos hoje, ter documentos não basta. Veja quanta gente com documentos está tendo que batalhar. Veja como até mesmo alguns americanos estão sofrendo. Eles nasceram neste país. Eles têm passaporte americano, e mesmo assim estão dormindo na rua, indo para cama com fome, perdendo seus empregos e suas casas todo dia nesta... nesta crise econômica. (MBUE, 2016, p. 339).

Ao revelar que seu amigo Arkamo, de quem pretendiam seguir os passos, havia perdido a casa que comprara, Jende mostra que, mesmo que um indivíduo seja bem sucedido o bastante para conquistar o Sonho Americano, não há garantias de sua durabilidade:

Eu ficava aqui sentindo inveja de Arkano porque lá ele tem uma bela casa de quatro quartos, só para descobrir dois dias atrás que ele perdeu a casa. A loja de departamentos onde ele trabalhava fechou, ele não tem emprego, não consegue pagar o banco, o banco pegou a casa de volta. Você sabe onde ele e a família estão morando agora? No porão da irmã dele, que não tem janelas! É isso que você quer para nós, Neni? Acabar num porão em Phoenix? (MBUE, 2016, p.340).

Mesmo que a decisão de retornar tenha sido motivada pelo fracasso de suas ambições, o retorno em si é uma forma de recuperarem os laços com sua terra natal e familiares. Segundo Osman,

A possibilidade do retorno está presente para todo e qualquer migrante, como parte inerente ao próprio ato de emigrar. Encara-se a partida, a emigração, como um ato natural, mas o não retorno à terra natal, como traição, numa leitura mítica da imigração e do retorno. O retorno como possibilidade e, mais ainda, como obrigação, faz com que o migrante se sinta ligado à sua terra natal, a seus familiares, parentes e conterrâneos e que viva, portanto, a experiência da imigração e da ausência como uma carga intensa de dramaticidade expressa nas ideias da obrigação, da culpa, da deserção transmutadas nos sentimentos de saudade, de nostalgia e da ilusão do retorno. (OSMAN, 2008, p. 152).

O esforço dos Jongas durante o tempo vivido nos Estados Unidos é traduzido no que conseguiram poupar. O valor que, na América, não era suficiente para cobrir suas despesas é o bastante para uma vida confortável em Limbe. As mudanças identitárias sofridas pelos Jongas durante o processo de desterritorialização²⁰, ou seja, de abandono do território (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 224), são ressignificadas de modo a prepará-los para a nova vida na terra natal.

²⁰ Quando aplicado à geografia cultural, a desterritorialização significa a quebra do vínculo de territorialidade entre um povo, ou indivíduo, e o território que este ocupa.

3 A EXPERIÊNCIA DIASPÓRICA EM *AMERICANAH*

3.1 Chimamanda Adichie: literatura e ativismo

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em 1977, em Enugu, Nigéria. Filha de um professor universitário e da primeira mulher a se registrar na Universidade da Nigéria, a autora frequentou a escola da universidade, onde mais tarde, cursou medicina por um curto período até decidir mudar de curso. Emigrou para os Estados Unidos para estudar Comunicação na Drexel University, mas foi na Connecticut State University que conquistou o diploma de comunicação e ciência política. Além disso, cursou mestrado em escrita criativa na Johns Hopkins University e estudou História Africana na Yale University. Durante a graduação, Adichie escreveu diversos artigos para jornais universitários e, em 2003, publicou seu primeiro romance, *Hibisco roxo*, que venceu o prêmio Commonwealth Writers e o Hurston/Wright Legacy Award.

Seu segundo romance, *Meio sol amarelo* (2006), que tem como pano de fundo a guerra de Biafra, recebeu o prêmio Orange Broadband Prize for Fiction em 2007 e foi adaptado para o cinema em 2013. Em 2008, Adichie obteve a MacArthur Foundation Fellowship. O romance *Americanah*, considerado pelo New York Times como uma das dez melhores obras de 2013, recebeu o National Book Critics Circle Award e também teve seus direitos cinematográficos adquiridos. Primeiramente, o romance seria convertido em uma série, porém o projeto foi interrompido devido à pandemia do coronavírus.

Adichie é uma das autoras anglófonas mais populares e influentes da atualidade. Seus discursos na plataforma TED Talk acumulam milhões de visualizações online. *O perigo de uma história única* (2009) é o TED Talk mais acessado da plataforma, tendo, inclusive, sido convertido em um livro homônimo. Semelhantemente, a palestra: *Todos devemos ser feministas* (2012), também publicada, ganhou popularidade após ter um trecho utilizado pela cantora norte-americana Beyoncé em uma de suas canções. Com a publicação de *Para educar crianças feministas: um manifesto* (2017), Adichie se consolidou como uma das principais vozes do feminismo contemporâneo.

Em um ensaio intitulado “Literatura de autoria feminina”, Lúcia Osana Zolin (2009) se reporta à perspectiva de Elaine Showalter (1985) acerca das maneiras pelas quais a autoconsciência da mulher traduziu-se na literatura por ela produzida. Muito embora haja,

evidentemente, diferentes abordagens sobre a escrita de mulheres, interessa-nos aqui a divisão em fases que Showalter propõe e o posicionamento de Adichie em relação a elas. A produção literária feminina estaria, segundo Showalter, subdividida em três fases: feminina (*feminine*), em que há a internalização e imitação de valores e padrões vigentes; feminista (*feminist*), em que esses valores e padrões são contestados, e a fase fêmea (*female* em oposição a *male*), que é a da autodescoberta e da busca identitária. Em *Americanah*, há uma evidente filiação a essa última fase, conquanto essa classificação possa parecer datada.

A par do valor estético do romance, há indubitavelmente que evidenciar a sua representatividade em relação a questões que são caras às imigrantes negras, como a reafirmação de sua subjetividade ante o lugar comum canônico, de perfil WASP, ou seja, de branco, de origem anglo-saxã, protestante e masculino. Ao contextualizar as vivências do imigrante é possível reconhecer uma gama de fatores que se interseccionam.

Referindo-se a si mesma como uma contadora de histórias, Adichie prefere que suas falas, assim como suas obras, não sejam restringidas a apenas um assunto específico. Como mulher negra e imigrante, reconhece a influência de sua identidade em sua produção e ativismo, no entanto deseja manter a liberdade de não se limitar a apenas à esfera do feminismo. Tanto que, em *Hibisco Roxo*, ela aborda as marcas negativas que decorrem da herança colonial.

A autora reside atualmente nos Estados Unidos com sua família, porém tem grande influência na Nigéria, onde ministra cursos de escrita criativa e atua ativamente no apoio e divulgação de negócios locais.

3.1.1 A escrita de Adichie no panorama literário contemporâneo

Chimamanda Adichie faz parte de uma nova geração de escritores migrantes cujas obras, embora não autobiográficas, refletem as suas próprias experiências decorrentes dos deslocamentos espaciais, que, via de regra, resultam em deslocamentos identitários.

Americanah tem sido frequentemente citado como um romance que espelha os sujeitos da diáspora africana contemporânea, que migram por razões profissionais ou para aperfeiçoarem a formação educacional. No discurso intitulado “O perigo de uma história única”, Adichie expressa sua preocupação com os estereótipos africanos criados pelo imaginário ocidental, geralmente centrados em uma história de miséria, guerras e

subdesenvolvimento, que ela busca desconstruir em seus romances. Ao criar personagens capazes de vencer as visões estereotipadas da mulher africana, a autora faz da sua escrita um ato político.

Alguns críticos, como Delphine Fongang (2018), alinham esse posicionamento da autora ao conceito de Afropolitanismo, cunhado pela escritora Taiye Selasi (2005) e teoricamente proposto por Achille Mbembe (2015), que define os imigrantes africanos jovens do mundo contemporâneo que, tendo uma ligação afetiva com a África, se veem como cidadãos do mundo. Há que ressaltar, também, o fato de que os afropolitanos recusam, por princípio, “toda forma de identidade vitimizadora” (MBEMBE, 2015, p.70-71). São sujeitos de novas gerações de africanos em diáspora, com experiências transculturais e bem-sucedidos profissionalmente. Para Fongang (2018), as tensões raciais que eles vivenciam não os impedem de atingir seu potencial no Ocidente.

Segundo Gloria Ore Eke e Anthony Njoku (2020, p.152, tradução nossa), o feminismo afropolitano pode ser considerado, “um ramo do feminismo africano” que focaliza “a história de mulheres africanas em sua terra natal e na diáspora tentando assumir o *status* de cidadãs do mundo (metropolitanas) para desenfatizar suas origens”²¹. Ainda conforme a perspectiva de Eke e Njoku, o afropolitanismo feminino tem por características: a) a combinação de atributos feministas e ideais afropolitanos, b) a composição de personagens africanas nascidas na diáspora ou que se deslocaram para o centro imperial em busca de uma vida melhor.

Diversamente, outros críticos, como Katherine Hallemeier (2016), argumentam que Adichie caracteriza apenas uma pequena parcela da população da Nigéria, formada por sujeitos urbanos e educados, não levando em conta outras realidades.

3.2 A representação do Sonho Americano em *Americanah*

3.2.1 *Americanah*: breve sinopse

O romance *Americanah* narra de forma não linear a trajetória de Ifemelu, uma jovem nigeriana que, após anos vivendo nos Estados Unidos, decide retornar para a Nigéria. Ao

²¹ No original em inglês: “Afropolitan Feminism”, a branch of African feminism conceived in this research to deal with the story of African women in the homeland and the Diaspora trying to assume the status of world citizens (Metropolitans) to de-emphasize their origins”.

longo da narrativa, conduzida por um narrador onisciente, o passado da protagonista é revisitado de modo a fazer com que o leitor possa reconhecer as transformações identitárias sofridas pela personagem assim como as motivações por trás de sua decisão de retornar a seu país natal.

A obra se passa em três espaços distintos: a Nigéria pós-colonial da adolescência de Ifemelu, os Estados Unidos, para onde Ifemelu emigrou, e a Inglaterra, onde Obinze, que foi seu namorado na adolescência, viveu como imigrante ilegal até ser deportado.

A decisão de emigrar deveu-se aos conflitos políticos em seu país e às sucessivas greves na universidade que ela frequentava, afetando sua expectativa de progresso nos estudos.

As greves agora eram comuns. Nos jornais, os professores da universidade listavam suas reivindicações e os acordos que eram destruídos por membros do governo cujos filhos estudavam no exterior. As universidades ficaram vazias, as salas de aula sem vida. Os alunos torciam por greves curtas, pois sabiam que seria impossível não haver greve nenhuma. Todos estavam falando em ir embora do país. (ADICHIE, 2014, p. 109).

Desejosa de oportunidades melhores e impulsionada por Obinze, Ifemelu aceita a sugestão da Tia Uju – que já vivia nos Estados Unidos há algum tempo – de que fosse estudar na América e lhe ajudasse a cuidar de seu primo Dike, como mostra a seguinte passagem:

Ifemelu não compreendia exatamente o que tudo aquilo significava, mas pareceu-lhe correto porque vinha dele, o especialista nos Estados Unidos. Assim, ela começou a sonhar. Via-se numa casa como a do *Cosby Show*, numa faculdade com alunos segurando cadernos que, milagrosamente, não tinham vincos nem sinais de uso. Ela fez os exames para as faculdades norte-americanas num centro de Lagos lotado de gente comichando com suas ambições americanas. Ginika, que havia acabado de se formar na faculdade, se inscrevia em universidades em seu nome, ligando para dizer “Queria que você soubesse que vou focar na região da Filadélfia, que já conheço”, como se Ifemelu soubesse onde ficava a Filadélfia. Para ela, os Estados Unidos eram os Estados Unidos. (ADICHIE, 2014, p. 110).

Desde o início, a experiência da protagonista se mostra muito diferente de suas aspirações, uma vez que, ao contrário do que imaginava, sua tia não tem como acolhê-la e ajudá-la financeiramente. Após inúmeras tentativas, ela finalmente consegue um emprego de *baby sitter* e começa um relacionamento com Curt, um jovem branco. Frustrada com a incapacidade dele de compreender as dificuldades que enfrenta por questões raciais, ela o trai e eles se separam. Aos poucos, Ifemelu se adapta à cultura do país, sem, no entanto, deixar de

questionar as assimetrias sociais derivadas do preconceito racial, o que faz por meio de um *blog* que lhe permite alcançar independência financeira e êxito pessoal.

Ao fim de treze anos, ela é movida por uma sensação de incompletude, como demonstra a passagem a seguir:

[...] tinha cimento na alma. Estava lá havia algum tempo, numa fadiga matutina, algo sombrio e sem contornos nítidos. E trouxe consigo anseios amorfos, desejos indistintos, vislumbres breves e imaginários de outras vidas que ela poderia estar vivendo, que ao longo dos meses se transformaram numa lancinante saudade de seu país. Ifemelu lia avidamente sites nigerianos, perfis nigerianos no Facebook, blogs nigerianos, e cada clique levava a mais uma história de um jovem que havia pouco voltara para casa, brandindo diplomas americanos ou britânicos, para fundar uma financeira, uma produtora de música, um a marca de roupas, uma revista, uma rede de fast-food. Ela olhava para as fotos desses homens e mulheres e sentia uma dor surda de perda, como se tivessem aberto sua mão à força e pegado algo que lhe pertencia. Eles estavam vivendo a vida dela. A Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra. E, é claro, também havia Obinze. O primeiro homem que ela amou, o primeiro com quem fez amor, a única pessoa para quem nunca tinha sentido necessidade de se explicar. Ele agora era casado e tinha uma filha, e os dois não se falavam havia anos, mas Ifemelu não podia fingir que ele não era parte dessa saudade do país, ou que não pensava nele com frequência, revirando o passado, procurando por presságios de algo sem nome. (ADICHIE, 2014, p. 8-9).

É esse sentimento de nostalgia que a impele a retornar à Nigéria e tentar reatar seu relacionamento com Obinze. Retomando a discussão da crítica acerca do afropolitanismo na obra de Adichie, parece-nos que a protagonista de *Americanah* não apresenta uma aderência ao perfil do afropolitano, porque, ainda que tenha experimentado uma reconfiguração identitária, compreensível após mais de uma década nos Estados Unidos, ela ainda mantém um forte vínculo com sua cultura e seu país, para o qual retorna no final.

3.2.2 A representação dos imigrantes em *Americanah*

Imigrante

Eles nem imaginam o que é
perder seu lar e talvez
nunca mais encontrar outro
ter sua vida inteira

dividida entre duas terras e se tornar a ponte entre dois continentes.

Rupi Kaur (2017)

Em *Americanah*, é possível observar que a experiência da migração não é idêntica para todos os indivíduos, ainda que possam ter uma origem comum, ou seja, que tenham nascido em um mesmo local e que compartilhem experiências e práticas culturais.

Muito embora os Estados Unidos não sejam o único país para o qual os personagens do romance migram, o que os move é a esperança de um futuro melhor em uma terra promissora. No caso de Ifemelu, essa esperança está associada ao Sonho Americano.

O romance é narrado *in medias res*, começando com a protagonista já decidida a retornar ao seu país natal. No primeiro capítulo, há várias representações de indivíduos em trânsito, bem como dos meios de enfrentamento das condições adversas decorrentes da imigração. A título de exemplificação, reportamo-nos à passagem quando Ifemelu, preparando-se para retornar a Lagos, desloca-se para um bairro distante em busca de um salão especializado em tranças. Seu destino é o Salão Especializado em Tranças Africanas da Mariama, e, no percurso, ao tomar um taxi para o salão, Ifemelu teme que o motorista seja um nigeriano, porque eles sempre reconheciam o seu sotaque:

Ifemelu entrou na fila do ponto de táxi que havia perto da estação. Torceu para que o motorista não fosse nigeriano, pois, uma vez que ouvisse seu sotaque, ou se mostraria agressivamente ansioso em lhe contar que fizera mestrado, que o táxi era apenas um segundo emprego e que sua filha era uma das melhores alunas da Universidade Rutgers, ou continuaria a dirigir num silêncio emburrado, dando seu troco e ignorando o seu “obrigada”, o tempo todo mergulhado na humilhação porque achava que uma nigeriana como ele, uma jovem ainda por cima, que talvez fosse enfermeira, contadora ou mesmo médica, estava olhando-o com desprezo. Os motoristas de táxi nigerianos nos Estados Unidos tinham certeza de que, no fundo, não eram motoristas de táxi. (ADICHIE, 2014, p. 15)

Essa passagem da narrativa mostra o desconforto do imigrante ao ser obrigado a exercer funções diversas da formação que tem. Após mais de uma década no país, Ifemelu conhece bem os desafios enfrentados pelos imigrantes que vão para os Estados Unidos com a esperança e a ilusão de que serão bem-sucedidos e obterão um melhor padrão de vida. Para os desafortunados, exemplificados na passagem pelos motoristas de táxi nigerianos, é difícil encontrar um compatriota que aparentemente obteve sucesso, pois isso evidencia seu fracasso.

Os perfis de imigrantes delineados no romance são diversos. Assim, os mais relevantes serão abordados separadamente, em ordem crescente de importância no contexto do romance.

3.2.2.1 Ginika

Ginika é uma das amigas de escola de Ifemelu que migraram para os Estados Unidos durante a adolescência. Filha de mãe norte-americana e pai nigeriano, ela era considerada uma das meninas mais bonitas da escola de Ifemelu por ter uma pele mais clara que os demais. Esse dado é relevante no romance para a constatação da existência do “colorismo”²² na Nigéria.

Ao saber que a família deixaria o país em busca de melhores condições de vida, Ginika pensou que teria “uma vida triste e sem amigos na estranha América” (ADICHIE, 2014, p. 74). Entretanto, pelo fato de ser ainda muito jovem, adaptou-se facilmente ao *American way of life*.

É Ginika quem auxilia Ifemelu em suas primeiras semanas nos Estados Unidos, alertando-a, inclusive, para certas armadilhas da linguagem, como, por exemplo, o fato de “que ‘gordo’, nos Estados Unidos, era uma palavra horrível, carregada de preconceito, assim como ‘idiota’ ou ‘cretino’, e não uma simples descrição, como ‘alto’ ou ‘baixo’” (ADICHIE, 2014, p. 12).

Apesar de ter conseguido se integrar à cultura estadunidense com facilidade, o processo de adaptação cultural de Ginika não foi indolor, pois, devido ao preconceito que sofrera por estar acima do peso, esteve prestes a desenvolver anorexia. Quando se reencontra com Ifemelu a personagem relata as dificuldades que enfrentou na chegada aos Estados Unidos:

Se você tivesse visto como eles riram de mim no colégio quando eu disse que alguém estava pagando pau para mim. Porque aqui ninguém fala assim, já que pau quer dizer pênis! E eu tive que explicar várias vezes que na Nigéria pagar pau era estar a fim. E você sabia que ‘mestiço’ aqui é uma palavra feia? [...] Eu não sabia nem que deveria ter problemas até vir para os Estados Unidos. (ADICHIE, 2014, p. 135).

Ifemelu observa, no entanto, que para manter o tom amigável do relacionamento entre ambas, Ginika usa o inglês nigeriano e gírias da época em que eram colegas de escola, numa óbvia tentativa de reafirmar sua identidade nigeriana:

²² Termo cunhado pela escritora Alice Walker em 1982, na obra *If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?*, para designar uma forma de preconceito com pessoas da mesma raça, que são tratadas diferentemente com base na tonalidade de sua pele.

“Estamos entrando na Cidade Universitária e é lá que fica o campus da Wellson, shay, sabe? Podemos passar lá, para você ver a universidade primeiro, depois vamos para minha casa no subúrbio e à noite podemos ir para a casa de uma amiga. Vai ter uma reuniãozinha lá.” Ginika havia passado a usar o inglês nigeriano, uma versão datada e afetada, ansiosa por provar que continuava a mesma. (ADICHIE, 2014, p. 134)

Essa necessidade de reafirmar-se segundo os critérios da sua cultura de origem mostra claramente que a personagem deseja ocultar o quanto efetivamente mudara. Entretanto, ao ser apresentada ao grupo de amigos de Ginika, Ifemelu logo percebe que, apesar da aparente integração da amiga à cultura estadunidense, ela parece esforçar-se constantemente para garantir a aceitação social (ALVES, 2021). Sua identidade depende de quem está ao seu redor, pois ela mimetiza os traços culturais do outro para assegurar algum nível de pertencimento.

3.2.2.2 Tia Uju

Assim como Ginika, Tia Uju se esforça para se adaptar aos Estados Unidos. Durante a infância e adolescência de Ifemelu, ela atuara como uma mentora para a protagonista, aconselhando-a e ensinando-a sobre o mundo feminino. Formada em medicina na Nigéria, Uju era perfeitamente capaz de ter uma vida independente, mas optou por ser amante de um general, um homem mais velho e casado, em troca de conforto e luxo:

Vivemos numa economia de puxa-saquismo, sabia? O maior problema deste país não é a corrupção. O problema é que há muitas pessoas qualificadas que não estão onde deveriam estar porque não puxam o saco de ninguém, ou porque não sabem que saco puxar ou porque nem sabem como puxar um saco. Eu tenho sorte, estou puxando o saco certo.” Ela sorriu. “É sorte, só isso. Oga disse que fui bem-criada, que não fui como todas essas meninas de Lagos que transam com ele na primeira noite e, na manhã seguinte, lhe dão uma lista do que querem ganhar. Transei com ele na primeira noite, mas não pedi nada, o que pensando bem foi idiota da minha parte, mas não transei com ele porque queria alguma coisa. Ah, essa coisa chamada poder... Senti atração por ele, mesmo com aqueles dentes de vampiro. Senti atração por seu poder. (ADICHIE, 2014, p. 87).

Uju engravidou do General e decidiu ter a criança nos Estados Unidos, garantindo, assim, não apenas a cidadania do filho, mas a sua própria. Quando o filho de ambos completou um ano de idade, o general morreu em um acidente, que para muitos havia sido, na

realidade, um atentado. Como o imóvel em que vivia não estava em seu nome, Uju foi expulsa pela família do amante e obrigada a deixar a Nigéria.

Seus familiares e amigos imaginavam que Uju tinha alcançado um alto padrão de vida após emigrar, mas, ao chegar aos Estados Unidos, Ifemelu encontra uma mulher completamente diferente. Uju e Dike sofrem uma série de restrições de todas as ordens, inclusive alimentar, pois ela “nunca comprava o que precisava; comprava o que estava em promoção e se obrigava a precisar daquilo” (ADICHIE, 2014, p. 119). Com tristeza, Ifemelu percebe a mudança:

Havia algo de diferente nela. Ifemelu notara no primeiro instante no aeroporto, o cabelo mal trançado, as orelhas sem brincos, o abraço rápido e casual, como se fizesse semanas, e não anos, desde que tinham se visto pela última vez. (ADICHIE, 2014, p. 115).

No novo país, Tia Uju é uma mãe solteira que precisa conciliar as contas da casa, a criação de seu filho e os estudos. Como seu diploma não é válido nos Estados Unidos, precisa de uma licença para exercer sua profissão, o que só consegue após várias tentativas. Acostumada à vida confortável que o general lhe proporcionara, Uju enfrenta com tristeza sua condição atual, que implica morar em um apartamento de um quarto localizado em uma rua mal iluminada na área do Brooklin denominada Flatlands. Quando, finalmente, consegue a licença para clinicar, a personagem se apressa a desfazer as tranças e a aplicar relaxamento no cabelo, porque, nos Estados Unidos, “eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado” (ADICHIE, 2014, p.130).

A mudança de comportamento de Uju causa estranhamento a Ifemelu, que a interpreta como submissão ao sistema. Causa-lhe espanto, por exemplo, saber que Uju passara a pronunciar seu próprio nome como os estadunidenses o faziam, ao invés de corrigi-los e insistir na pronúncia correta:

O celular de tia Uju tocou. “Sim, é Uju.” Ela pronunciou iu-ju, como os americanos faziam.
 “É assim que você pronuncia seu nome agora?”, perguntou Ifemelu depois.
 “É assim que eles dizem.”
 Ifemelu quis dizer “Bom, esse não é seu nome”, mas engoliu as palavras.
 (ADICHIE, 2014, p. 116)

Devido às dificuldades que enfrenta para sobreviver, Uju se esforça para que seu filho não passe por situação similar, procurando dar-lhe uma boa educação e adaptá-lo à cultura estadunidense, o que a leva a proibir que Ifemelu fale em igbo na frente do menino, sob a

alegação de que isso iria confundi-lo. A decisão da personagem decorre de um ponto de vista assimilacionista, pois ela busca superar sua invisibilidade e falta de identificação por meio de estratégias que a aproximem da cultura estadunidense.

A rejeição que enfrenta diariamente exige resiliência da personagem e a leva ao sentimento de frustração e à exaustão. De modo a encontrar algum suporte, Uju passa a se relacionar com outro imigrante, Bartholomew, um nigeriano grosseiro, com quem se casa posteriormente.

Ao apresentar o pretendente à sobrinha, Uju pede sua opinião: “Na Nigéria, um homem como ele não teria nem coragem de falar com você.” “Não estamos na Nigéria, Ifem.” (ADICHIE, 2014, p. 129). A resposta de Uju confirma a opinião de Ifemelu; no entanto, ao pontuar o fato de que já não estão na Nigéria, a personagem demonstra entender que, na condição de imigrantes na qual se encontram, há um nivelamento de suas posições sociais, tornando um homem desagradável em um parceiro a ser valorizado.

Com o novo companheiro, Uju muda-se para Massachussetts e passa a exercer sua profissão como médica em uma cidade pequena que, segundo o marido, lhes ofereceria melhores condições de vida, porém, por serem os únicos negros nas redondezas, eles se tornam alvo de preconceito, e Uju não encontra consolo algum no relacionamento com Bartholomew. Diferente do General que, apesar do controle que exercia, lhe oferecia uma boa vida e a sensação de poder, o atual companheiro a explora financeiramente e sequer tenta construir uma relação parental com Dike.

Ao se tornar economicamente independente, ela se separa de Bartholomew. Anos depois, Uju passa a trabalhar no programa Médicos Africanos pela África, muda-se para um bom condomínio e inicia um relacionamento com um médico ganense, porém ainda precisa enfrentar desafios, pois tem de lidar com as consequências graves da crise identitária enfrentada pelo filho.

3.2.2.3 Obinze

Obinze, o primeiro amor de Ifemelu, é apresentado ao leitor no segundo capítulo. Nesse ponto da narrativa, ele já retornou da Inglaterra, onde viveu uma frustrante experiência migratória, está casado com Kosi e tem uma filha.

Desde muito jovem, motivado pelo Sonho Americano, ele sempre alimentara a vontade de ir para os Estados Unidos. Essa quase idolatria pelo país se mostrava presente até mesmo quando queria elogiar a namorada:

“Você está parecendo uma negra americana” era o maior elogio que ele podia fazer, era o que dizia para ela quando usava um vestido bonito ou fazia tranças grossas no cabelo. Manhattan era o seu zênite. Muitas vezes ele dizia “Isto aqui não é nenhuma Manhattan”, ou “Vá ver em Manhattan como são as coisas”. (ADICHIE, 2014 , p. 76)

Como aponta Ianni (2001), após a Guerra Fria os Estados Unidos se destacam como uma espécie de novo colonizador, cujo imperialismo cultural exerce ação mais simbólica do que violenta, visando à ocidentalização e à homogeneização cultural através de ideologias capitalistas.

Quando a Tia Uju convidou Ifemelu para ir morar com ela nos Estados Unidos, Obinze a incentivou e disse-lhe que assim que terminasse a graduação iria encontrar-se com ela, pois havia a possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos para a pós-graduação em uma universidade americana. Entretanto, ele não esperava ter o pedido de visto negado:

Dias depois de se formar na faculdade, inchado de conhecimento sobre os Estados Unidos, Obinze pediu um visto na embaixada americana de Lagos. Ele já sabia que o melhor entrevistador era o homem louro de barba e, conforme avançava na fila, torceu para não cair nas mãos do grande horror, uma mulher branca e bonita que era famosa por berrar no microfone e insultar até velhinhas. Finalmente chegou sua vez e o homem louro de barba disse: “Próximo!”. Obinze se aproximou e deslizou seus formulários por baixo do vidro. O homem deu uma olhada rápida nos formulários e disse, com uma voz gentil: “Desculpe, você não se qualifica. Próximo!”. Obinze ficou atônito. Ele foi mais três vezes ao longo dos meses seguintes. Toda vez lhe diziam, sem nem olhar seus documentos: “Desculpe, você não se qualifica”, e toda vez ele saía do frescor refrigerado do prédio da embaixada e sentia a luz cruel do sol, atônito e incrédulo. (ADICHIE, 2014, p.254).

Após ser recusado pela embaixada norte-americana por quatro vezes, o jovem se encontra desempregado e frustrado, assim como outros jovens de sua geração, enxergando em cada conhecido cuja vida não se encontrava estagnada a reafirmação de seu fracasso pessoal. Sua mãe decide então ajudá-lo, inscrevendo-o como seu assistente na solicitação de um visto para a Inglaterra. Seu plano é que o filho se hospede com o primo Nicholas e, durante os seis meses da validade do visto, consiga alguma oportunidade que o tire do marasmo em que vive. Para Obinze a atitude da mãe, que sempre fora uma mulher honesta e ética, o decepciona, e após passar três anos na Inglaterra sem conseguir nenhuma oportunidade, a relação com sua mãe fica estremecida:

Aquilo ia contra tudo o que ela ensinara a Obinze, mas ele sabia que a verdade, nas circunstâncias deles, se tornara um luxo. Sua mãe mentiria por ele. Se qualquer outra pessoa mentisse por ele, não teria muita, ou nenhuma, importância, mas ela mentiu por ele e ele conseguiu o visto de seis meses para o Reino Unido e, mesmo antes de partir, sentiu-se um fracassado. Passou meses sem entrar em contato com ela. Não entrou em contato porque não havia nada a contar. Passou três anos na Inglaterra e falou com a mãe apenas algumas vezes, conversas tensas durante as quais imaginava que ela devia estar se perguntando por que ele não realizara nada. (ADICHIE, 2014, p. 255).

Obinze passa a viver ilegalmente após a expiração de seu visto, de um modo que contrariava todas as expectativas que tinha alimentado. Assim como Tia Uju, ele tem um diploma de curso superior, no entanto, precisa enfrentar humilhações em múltiplos subempregos. O primeiro emprego que obtém em Londres é de faxineiro, limpando banheiros em um escritório, e encara com ironia o fato de viver a vida como o estereótipo de um imigrante:

Todo mundo falava rindo das pessoas que iam para o exterior para limpar privada, por isso Obinze encarou seu primeiro emprego com ironia: ele de fato estava no exterior limpando privadas, usando luvas de borracha e carregando uma pá, no escritório de uma imobiliária no segundo andar de um prédio de Londres. A cada vez que abria a porta de uma cabine, ela parecia suspirar. (ADICHIE, 2014, p. 256).

O máximo de evolução que consegue em Londres é trocar o trabalho de limpador de privadas para um de limpador de corredores e, posteriormente, para o de entregador. Como aponta Braga (2019), o romance também apresenta a exploração de um grupo diaspórico por outro, circunstância em que imigrantes se aproveitam de outros imigrantes justamente por conhecer os desafios que lhes são impostos. Para conseguir um emprego com melhor remuneração, Obinze passa a pagar pelo cartão de seguridade social de um rapaz que exige parte de seus ganhos como pagamento pelo documento:

“Estamos fazendo um negócio, mas estou te ajudando. Você pode usar meu número da Seguridade Social e me pagar quarenta por cento do que ganhar”, disse Vincent. “É um negócio. Se eu não ganhar o que a gente combinou, denuncio você.”
 “Meu irmão”, disse Obinze. “Isso é um pouco demais. Você sabe qual é a minha situação. Não tenho nada. Por favor, peça menos.”
 “Trinta e cinco por cento é o melhor que posso fazer. Isso é um negócio.” Ele tinha perdido o sotaque e agora falava em inglês nigeriano. “Preste atenção, tem muita gente na sua situação.”
 Iloba interrompeu em igbo. “Vincent, meu irmão aqui está tentando economizar para conseguir seus documentos. Trinta e cinco é demais, o rika, biko. Por favor, nos ajude.”
 “Você sabe que algumas pessoas pedem cinquenta por cento. Sim, ele está numa situação ruim, mas todo mundo está numa situação ruim. Vou ajudar, mas isso é um negócio.” [...] quando a noite caiu, com a cor do céu se suavizando e virando um violeta pálido, Obinze tinha se tornado Vincent. (ADICHIE, 2014, p. 271).

Com o documento, Obinze consegue um emprego, porém Vincent passa a exigir cada vez mais dinheiro sob constante ameaça de denunciá-lo à imigração. Desesperado, Obinze recorre a um casamento arranjado, porém, no dia da cerimônia, é detido por oficiais da imigração e, derrotado, aceita a deportação:

“Estou disposto a voltar para a Nigéria”, disse Obinze. Seu último caco de dignidade era como um pano que escorregava do corpo e que ele estava desesperado para amarrar.

O advogado pareceu surpreso. “Então, tudo bem”, disse, levantando-se com um pouco depressa demais, como quem estava grato por seu trabalho ter ficado mais fácil. Obinze observou-o ir embora. Ia fazer um xis num formulário ao lado da opção que dizia que seu cliente estava disposto a ser removido. “Removido.” A palavra fez Obinze se sentir inanimado. Uma coisa a ser removida. Uma coisa sem vida ou mente. Uma coisa. (ADICHIE, 2014, p. 303).

De volta à Nigéria, Obinze é apresentado por uma prima a um homem que faz negócios imobiliários de maneira escusa. Com a ajuda dele, afirma-se profissionalmente, enriquece e se casa com Kosi. Apesar de rico e influente, Obinze não se sente satisfeito com a vida que leva. Perto do fim do romance, em uma conversa com Ifemelu, Obinze revela como a sua idolatria pelos Estados Unidos terminou:

Percebi que podia comprar os Estados Unidos e o país perdeu o brilho. Quando tudo o que eu tinha era minha paixão, eles não me deram um visto, mas, com minha nova conta bancária, tirar um visto foi muito fácil. Já fui lá algumas vezes. Estava pensando em comprar uma propriedade em Miami.(ADICHIE, 2014, p. 467).

O personagem representa de forma objetiva a frustração dos imigrantes que são obrigados a retornar ao país natal contra a vontade.

3.2.2.4 Ifemelu

A experiência migratória de Ifemelu tem um início frustrante, causado em parte pela percepção da real condição de vida da Tia Uju. Quando ainda estava na Nigéria e as cartas de aceitação e ofertas de bolsas de estudos de faculdades nos Estados Unidos começaram a chegar, a jovem imaginava que seu maior problema seria obter o visto de estudante, como ocorrera com sua amiga Ranyinudo, que havia sido rejeitada pela imigração sem um motivo aparente:

Ranyinudo, que tinha um primo nos Estados Unidos, pediu um visto, mais foi rejeitada na embaixada por um negro americano que, segundo ela, estava resfriado e mais interessado em assoar o nariz do que em olhar para seus documentos. (ADICHIE, 2014, p. 109).

A notícia de que obtivera o visto seguiu-se de uma espécie de ritual de passagem, em que suas amigas se reuniram em seu quarto para dividir roupas que ela não poderia levar na viagem, acreditando que “na América” compraria roupas novas e melhores. O Sonho Americano estava no horizonte de muitos jovens nigerianos e era alimentado pelos filmes e series que assistiam, fazendo com que tivessem uma imagem romantizada dos Estados Unidos; imagem que se desfaz quase que imediatamente quando Ifemelu chega ao país:

Era verão nos Estados Unidos, ela sabia, mas a vida toda pensara no “exterior” como um lugar de casacos de lã e neve, e como os Estados Unidos eram no “exterior” e suas ilusões eram tão fortes que não podiam ser abaladas pela razão, comprou o suéter mais grosso que encontrou no mercado Tejuosho para levar. Usou-o na viagem, fechando o zíper até em cima no interior murmurante do avião e abrindo-o quando saiu do aeroporto com tia Uju. O calor abrasador alarmou-a, assim como o velho Toyota hatch de tia Uju, que tinha uma mancha de ferrugem na lateral e o tecido dos bancos descascado. Olhou com atenção para os prédios, carros e letreiros, todos opacos, decepcionantemente opacos; na paisagem de sua imaginação, as coisas mundanas dos Estados Unidos eram cobertas por um esmalte brilhante. (ADICHIE, 2014, p. 115).

Ao contrário de Uju, que já tinha completado a sua formação universitária ao emigrar, Ifemelu necessita concluir seus estudos. A bolsa que obtivera era parcial, o que a obriga a arcar com o aluguel de um quarto e as despesas de alimentação em Filadélfia. Como seu visto não lhe dá o direito de trabalhar, a jovem concorda em assumir temporariamente a identidade de Ngozi Okonkwo, uma conhecida de Uju que lhe cede o cartão da Seguridade Social e a carteira de motorista, não sem questionar a absoluta falta de semelhança entre as duas:

Tinha no mínimo dez anos a mais do que Ifemelu, um rosto fino, sobrancelhas que começavam em bolinhas e se transformavam em arcos e um maxilar em forma de V. “Eu não pareço nada com ela”, dissera Ifemelu quando tia Uju lhe dera o cartão. “Os brancos acham que nós todos somos parecidos.”
 “Ahn-hã, tia!”
 “Não estou brincando. A prima de Amara veio para cá no ano passado e ainda não tem um visto, por isso começou a trabalhar com a identidade de Amara. Você se lembra dela? A prima é magra e tem a pele clara. Elas não se parecem nem um pouco. Ninguém notou. Trabalha como cuidadora domiciliar na Virgínia. Só não se esqueça do seu novo nome. Tenho uma amiga que esqueceu e uma colega ficou chamando, chamando, e ela não respondeu. Então desconfiaram e denunciaram para a Imigração.” (ADICHIE, 2014, p. 132).

Ifemelu aluga um quarto em “um apartamento com o carpete mofado que ficava em cima de uma pizzaria na Powelton Avenue, na esquina onde drogados às vezes largavam o cachimbo de crack, pedaços horríveis de metal retorcido que brilhavam ao sol” (ADICHIE, 2014, p. 139). As jovens com quem o divide têm hábitos e comportamentos que parecem estranhos aos olhos da protagonista e o convívio é bastante complicado.

Assim como Jende, no romance de Mbue, Ifemelu busca desesperadamente um emprego que lhe permita continuar nos Estados Unidos. Apesar de aparentemente ter sido bem sucedida nas várias entrevistas a que comparece, não surgem oportunidades. Nem mesmo quando há uma indicação, como quando se candidatara a um emprego de *baby sitter*, por intermédio de Ginika.

Com as contas se acumulando e as sucessivas cobranças por parte das jovens com quem divide o apartamento, Ifemelu recorre a uma oportunidade de trabalho degradante que lhe permite pagar suas dívidas. Um professor de tênis havia oferecido cem dólares para ajudá-lo a relaxar. Para cumprir a tarefa Ifemelu deve se deitar ao lado do homem fornecendo contato físico até que ele adormeça. As carícias do homem e a situação em si são humilhantes. Depois disso, Ifemelu encerra o contato que mantinha com seu namorado, Obinze, na Nigéria e cai em uma espiral depressiva:

Ifemelu acordava entorpecida todas as manhãs, debilitada pela tristeza, assustada pelo dia interminável que tinha pela frente. Tudo tinha se tornado mais espesso. Fora engolida, estava perdida numa névoa viscosa, envolta em uma sopa de nada. Havia um abismo entre ela e o que deveria sentir. Não ligava para nada. Queria ligar, mas não sabia mais como[...] Não ia mais às aulas. Seus dias ficaram imóveis de silêncio e neve. (ADICHIE, 2014, p. 170).

A ruptura com Obinze resulta da vergonha que sente de si mesma por ter sido obrigada a usar seu corpo para poder se manter:

A princípio, decidiu que ia esperar um mês. Um mês para permitir que o ódio que sentia de si mesma se dissipasse, e então ligaria para Obinze. Mas um mês se passou e ainda assim Ifemelu o manteve lacrado no silêncio, amordaçado em sua mente para que pudesse pensar o mínimo possível nele. Ainda apagava seus e-mails sem ler. Começou a responder-lhe muitas vezes, fazendo rascunhos, mas então parava e apagava-os. Ela teria de lhe contar o que acontecera e não podia suportar a ideia de fazer isso. Sentia vergonha. Sentia que fracassara. Ginika não parava de perguntar qual era o problema, por que havia cortado o contato com Obinze, e Ifemelu dizia que não era nada, só queria um pouco de espaço. (ADICHIE, 2014, p. 175).

Quando consegue um emprego como babá, a vida de Ifemelu começa a melhorar e ela inicia um relacionamento com o primo de Kimberly, sua patroa. Curt é um jovem branco, de classe média, que abre diversas portas para Ifemelu. Com sua ajuda, ela consegue um

emprego melhor, e, por consequência, um *green card*. O relacionamento facilita a adaptação da imigrante, pois a afeição do rapaz a faz sentir acolhida, permitindo-lhe também, experimentar privilégios que, antes de migrar, acreditava que eram comuns a todos nos Estados Unidos.

Muito embora Curt jamais tenha expressado nenhum tipo de preconceito em relação a ela, Ifemelu se sente sempre inferiorizada pelos olhares de outras pessoas ao verem os dois juntos. As constantes tentativas de Curt para amenizar essas situações acabam por interferir no relacionamento, conforme podemos observar na passagem a seguir:

Quando a mulher com cabelos cor de morango que era dona de uma pousada em Montreal se recusou a demonstrar que tinha registrado a presença de Ifemelu enquanto eles faziam o check-in, numa cegueira determinada, sorrindo e olhando apenas para Curt, ela quis lhe dizer o quanto se sentia negligenciada, mais ainda porque não sabia se a mulher não gostava de negros ou se gostava de Curt. Mas não disse, pois Curt lhe diria que ela estava se ofendendo por nada, ou que estava cansada, ou ambos. Era simples: havia momentos em que ele via e momento sem que não conseguia ver. Ifemelu sabia que devia mencionar esses pensamentos, que não contar lançava uma sombra sobre eles dois. Ainda assim, escolhia o silêncio. (ADICHIE, 2014, p. 319).

A crise identitária de Ifemelu não se dá apenas pela dificuldade de aceitação por ser imigrante, mas principalmente pelos obstáculos impostos ao negro em uma sociedade que busca a todo custo ocultar o racismo.

O desgaste do relacionamento culmina no envolvimento de Ifemelu com um músico que mora no mesmo prédio, levando ao rompimento. É nessa fase que a protagonista cria o *blog*, incentivada por Wambui, uma de suas amigas. Mais tarde, ela se envolve com Blaine, um professor de ciência política afro-americano.

Nas próximas seções, abordaremos o impacto das questões de gênero e de raça no romance, bem como o papel da escrita como uma atividade emancipatória.

3.2.3 Gênero e raça como categorias de análise da desigualdade social

Muito embora as questões de gênero e raça não sejam o foco principal desta dissertação, é necessário que sejam abordadas, ainda que brevemente, por estarem intimamente ligadas não apenas à trajetória de personagens de *Americanah*, mas também à própria perspectiva da autora. O romance demonstra que essas questões constituem fatores

que incrementam a desigualdade social nos Estados Unidos, na medida em que envolvem não apenas a dicotomia branco/negro, mas também as relações entre africanos e afro-americanos.

A questão racial é explorada em vários vieses, mas principalmente por meio da relação entre a protagonista e o personagem Curt, que, na perspectiva de Ifemelu, corresponde às aspirações de qualquer mulher: “ela era a namorada de Curt, um papel que vestiu como quem usava o vestido preferido, de caimento perfeito” (ADICHIE, 2014, p. 214). A par do seu enlevo, Ifemelu não ignora o fato de que, juntos, eles despertam, além da curiosidade alheia, uma sensação de estranhamento:

Quando Curt dizia: “Essa é minha namorada, Ifemelu”, elas a olhavam com surpresa, uma surpresa que algumas disfarçavam e outras não, e em sua expressão surgia a pergunta: “Por que ela?”. Aquilo divertia Ifemelu. Ela já vira aquele olhar antes, no rosto de mulheres brancas, estranhas por quem passavam na rua, que viam sua mão na de Curt e imediatamente tinham o rosto anuviado por aquele olhar. Era o olhar de pessoas encarando uma imensa perda da tribo. Não era apenas por Curt ser branco, mas pelo tipo de branco que era, com os cabelos dourados e revoltos e o rosto bonito, o corpo de atleta, o charme solar, exalando dinheiro. Se ele fosse gordo, mais velho, pobre, feio, excêntrico ou tivesse dreads, aquilo seria menos espantoso e as guardiãs da tribo seriam amansadas. E não ajudava o fato de que, embora Ifemelu fosse uma mulher negra bonita, não era o tipo de mulher negra que elas, com algum esforço, conseguiriam imaginar com alguém como ele: não tinha a pele clara, não era mulata. Naquela festa, Curt continuou segurando sua mão, beijou-a diversas vezes e apresentou-a para todo mundo. Seu divertimento foi azedando e se transformando em exaustão. Os olhares haviam começado a penetrar sua pele. Ela estava cansada até da proteção de Curt, cansada de precisar dela. (ADICHIE, 2014, p. 317).

A mãe de Curt, por exemplo, o vê como um aventureiro, “aquele que lhe trazia espécies exóticas — já namorara uma japonesa e uma venezuelana —, mas que um dia se casaria com uma moça adequada” (ADICHIE, 2014, p. 215).

Curt ajuda Ifemelu a conseguir o emprego almejado e, atendendo à recomendação de sua consultora de carreira, ela desfaz suas tranças e submete-se a um relaxamento que fere por completo o seu couro cabeludo. Só então ela compreende porque Uju havia feito o mesmo antes de começar a clinicar. O alisamento é “uma tentativa de o negro sair do lugar da inferioridade ou introjeção” (GOMES, 2019, p. 21).

Muito embora Curt não estivesse de acordo com o que ela fizera, mostrando-se preocupado com as feridas inflamadas em sua cabeça, Ifemelu tinha certeza de que o resultado da entrevista teria sido outro se mantivesse o penteado afro natural. Em seu *blog*, ela registra:

[...] a branquira é algo a que se aspira. Nem todo mundo é assim, claro [...], mas muitas minorias têm um anseio conflituoso pela branquira dos wasps ou, para ser

mais exata, pelos privilégios da brancura dos wasps. Eles não devem gostar de pele branca, mas certamente gostam de entrar numa loja sem que um segurança os acompanhe.(ADICHIE, 2014, p. 223).

Quando seu cabelo começa a cair e é obrigada a cortá-lo bem curto, ela depara com fotos das ex-namoradas de Curt, todas com belos cabelos longos e se sente feia. Conforme Kabengele Munanga explicita no prefácio da obra de Gomes (2019, p. 23),

Desde a construção da ideologia racista, a cor branca com seus atributos nunca deixou de ser considerada como referencial de beleza humana. Por uma pressão psicológica visando à manutenção e à reprodução dessa ideologia [...] os negros introjetaram e internalizaram a feiura do seu corpo forjada contra eles, enquanto os brancos internalizavam a beleza do seu corpo forjada em seu favor.

O cabelo, no romance, assume uma função metafórica e está intimamente relacionado à definição identitária da protagonista. Na infância, Ifemelu admirava os cabelos de sua mãe, que eram chamados de “coroa de glória” por seu pai. Ao converter-se a uma religião mais rígida, a mãe de Ifemelu havia cortado o cabelo, pois o cabelo alisado era considerado uma ofensa ao seu novo Deus. A cena causou um choque em Ifemelu, que, “naquela tarde, viu a essência da mãe se esvaír” (ADICHIE, 2014, p. 50), e o relacionamento das duas nunca mais foi o mesmo desde então.

O segundo referencial feminino de Ifemelu era Tia Uju, cujo cabelo era cuidado nos melhores salões de Lagos, sempre usando os melhores produtos e seguindo as tendências mais modernas disponíveis. Após a mudança para os Estados Unidos, com as dificuldades financeiras, sua aparência, assim como seu cabelo, deixou de ser bem cuidada. Para ser aceita em um emprego, Uju foi obrigada a alisar o cabelo. Como aponta Braga (2019), o processo de alisamento químico ao qual o cabelo é submetido para que esteja dentro dos padrões considerados adequados à sociedade estadunidense é tão agressivo e traumático quanto o processo de assimilação cultural pode ser.

Quando, anos mais tarde, Ifemelu corta o cabelo alisado e assume sua textura capilar natural, não só inicia um processo de autoaceitação em uma sociedade que a rejeita, como também se conecta com uma nova comunidade de suporte através do *blog* de dicas para cabelos crespos FelizComEnroladoCrespo.com. Como apontam Rayane e Muniz (2020):

É nesse momento de desespero que a personagem passa a se conectar com outras mulheres, que a ajudam a tomar a decisão de usar o cabelo natural. Na trama, a transição capilar é uma experiência íntima, porém coletiva, que traz à tona lembranças da infância, padrões sociais nigerianos e estadunidenses a serem seguidos sem muita consideração. Nesse momento revelador para a vida de Ifemelu, que reconhece sua beleza e força ao decidir assumir sua negritude frente a uma

sociedade repleta de preconceitos de raça e etnia, a Internet ocupa um lugar de grande importância. Através dos *blogs* em que outras mulheres de cabelos cacheados e crespos falam sobre a transição, ela encontra uma comunidade a que realmente pertence, em que é assídua e que entende a importância desse processo. (RAYANE; MUNIZ, 2020, p.11).

Na postagem que mais tarde Ifemelu faz no seu *blog*, intitulada “Um agradecimento público a Michelle Obama e o cabelo como metáfora da raça”, Ifemelu aborda com objetividade a relação entre o cabelo e o racismo:

A Amiga Branca e eu somos fãs de Michelle Obama. Por isso, outro dia, eu disse à ela: “Será que Michelle Obama pôs mega-hair? O cabelo dela está mais cheio hoje e fazer escova todos os dias deve danificá-lo.” E ela disse: “Quer dizer que o cabelo dela não é daquele jeito naturalmente?” Só eu que acho, ou isso aí é a metáfora perfeita para a raça nos Estados Unidos? Cabelo. Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa, as mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, pixaim) na foto feia do “antes” e como, na foto bonita do “depois”, alguém pegou um pedaço de metal quente e queimou o cabelo delas para ficar liso? Algumas mulheres negras, tanto americanas como não americanas preferem sair peladas na rua a aparece em público com seu cabelo natural. Porque, veja bem, não é profissional, sofisticado, sei lá, simplesmente não é normal. (Por favor, pessoal dos comentários, não diga que é a mesma coisa que uma mulher branca que não tingem o cabelo.) Quando você TEM cabelo natural de negro, as pessoas acham que você “fez” alguma coisa com ele. Na verdade, as pessoas com os afros e os dreads são as que não “fizeram” nada com o cabelo. Você devia era perguntar à Beyoncé o que ela fez. (Nós todos amamos Bey, mas que tal ela mostrar, só uma vez, como é o cabelo que sai natural de seu couro cabeludo?) Eu tenho cabelo crespo natural. Que uso em afros, tranças, trança de raiz. Não, não é uma coisa política. Não, eu não sou artista plástica, poeta ou cantora. Também não sou natureba. Só não quero relaxar o cabelo – já estou em contato com muitas substâncias cancerígenas no meu cotidiano [...] Imagine se Michelle Obama se cansasse de toda aquela escova, decidisse usar o cabelo natural e aparecesse na televisão com o cabelo parecendo algodão, ou com ele bem crespo? [...] Ela ia ficar linda, mas o pobre do Obama sem dúvida ia perder o voto dos independentes e até dos democratas indecisos. (ADICHIE, 2014, p.321).

Ao fim do relacionamento com Curt, em um jantar, Ifemelu expõe sua opinião sobre o racismo nos Estados Unidos e a complexidade das relações inter-raciais:

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. (ADICHIE, 2014, p. 315)

Dentre as múltiplas abordagens da questão racial no romance, há a passagem em que Ginika leva Ifemelu para comprar roupas, e, ao se dirigirem ao caixa, ela não se recorda do

nome da vendedora que a atendera e a funcionária do caixa demonstra relutância em usar a cor da pele como traço distintivo de identificação:

No caixa, a funcionária loura perguntou: “Alguém atendeu você?”.

“Sim”, disse Ginika.

“Chelcy ou Jennifer?”

“Desculpe, não lembro o nome dela.” Ginika olhou em torno para apontar a vendedora, mas ambas as jovens haviam sumido nos vestiários dos fundos.

“Foi a de cabelo comprido?”

“Bom, as duas tinham cabelo comprido.”

“Foi a de cabelo preto?”

As duas tinham cabelo preto.

Ginika sorriu e olhou para a caixa, que sorriu e olhou para Ginika, e dois segundos flácidos se arrastaram até que a segunda disse, num tom alegre: “Não tem problema, eu descubro depois e garanto a comissão dela”.

Quando saíram da loja, Ifemelu disse: “Eu estava vendo a hora que ela ia perguntar: ‘Foi a que tinha dois olhos ou a que tinha duas pernas?’. Por que ela não perguntou se tinha sido a negra ou a branca?”.

Ginika riu. “Porque aqui é a América. A gente tem que **fingir** que não nota certas coisas”. (ADICHIE, 2014, p. 138, grifo nosso).

A citação ilustra um comportamento em que há uma clara intenção de simular uma igualdade racial que é, na realidade, inexistente. Em outra circunstância, Ginika relata as dificuldades enfrentadas por africanos e afrodescendentes cuja pele é mais clara:

No primeiro ano de faculdade, eu estava contando para uns amigos meus sobre como fui votada a menina mais bonita da escola no meu país. Lembra? Não devia ter ganhado. Era Zainab. Foi só porque sou mestiça. Isso é mais forte ainda aqui. Você vai ouvir umas merdas dos brancos daqui que eu não ouço. Mas, então, eu estava contando sobre como era lá na Nigéria e sobre como todos os meninos ficavam atrás de mim porque eu era mestiça, e elas disseram que eu estava me insultando. Por isso agora digo que sou birracial e devo me sentir ofendida quando alguém fala em mestiça. Eu conheci muita gente aqui cuja mãe é branca e eles são tão cheios de problemas, ê. Eu não sabia nem que deveria ter problemas até vir para os Estados Unidos. Sinceramente, se alguém quiser criar filhos birraciais, é melhor fazer isso na Nigéria. (ADICHIE, 2014, p. 135).

Como afirma Devulsky (2021), a imagem do colonizador é a régua e a regra, conferindo superioridade àqueles que mais se assemelham a ele e atribuindo uma condição subalterna àqueles cuja aparência detém mais traços do colonizado. Assim, embora indivíduos de pele mais clara gozem de mais privilégios comparados a indivíduos com pele mais escura, eles continuam negros e sofrem racismo, porém ocupando um espaço ambíguo, de tensão dialética.

O primo de Ifemelu, Dike enfrenta o racismo durante toda sua infância e adolescência. Por fazer parte da segunda geração de imigrantes e ter nascido nos Estados Unidos, ele tem mais facilidade para se integrar à cultura estadunidense, no entanto, ele sofre discriminação

por parte dos brancos. Uju busca distanciá-lo da cultura afro-americana, chegando a corrigir o filho quando ele se refere a si mesmo como negro: “Lembra quando Dike estava te contando algo e disse ‘nós, negros’ e você disse ‘não somos negros’?” (ADICHIE, 2014, p. 410).

Os episódios de racismo vivenciados por Dike são confidenciais a Ifemelu, porém não passam despercebidos à Uju, visto que resultam em uma falsa acusação por parte da direção da escola que o menino frequenta:

O diretor me ligou na segunda para me contar que Dike tinha invadido a rede de computadores da escola no sábado. Um menino que passou o sábado inteiro comigo. Fomos a Hartford visitar Ozavisa. Passamos o dia todo lá e o menino não chegou nem perto de um computador. Quando perguntei por que achavam que tinha sido ele, disseram que tinham informações sobre o caso. Imagine, o homem acorda e culpa meu filho. O menino nem é bom com computadores. Achei que tínhamos deixado essa gente para trás naquela cidade caipira. Kweku quer que a gente faça uma reclamação formal, mas acho que não vale a pena. Agora, eles disseram que não suspeitam mais dele. (ADICHIE, 2014, p. 378).

Dike é estigmatizado devido à cor de sua pele. Até mesmo entre os amigos, todos brancos, ele sofre um *bullying* velado. Na citação a seguir, Dike confidencia a brincadeira racista de seus amigos e o tratamento discriminatório que recebe da pastora em sua igreja:

Mais tarde, Dike contou que seus amigos sempre falavam “Ei, Dike, você tem um bagulho?” e achavam aquilo engraçado. Contou da pastora da igreja, uma mulher branca, que tinha dito oi para todos os outros meninos, mas, ao chegar nele, dissera: “E aí, mano?”. “Eu me sinto como se tivesse legumes no lugar das orelhas, imensos brócolis saindo da cabeça”, disse ele. “Então, é claro que tinha de ser eu a invadir a rede da escola.”(ADICHIE, 2014, p. 378).

A citação mostra que há, no imaginário dos amigos de Dike, uma cadeia associativa, derivada da estereotipia, que liga a imagem do jovem negro ao consumo e ao tráfico de drogas.

Além do racismo, o romance também focaliza as relações de gênero fundadas em uma perspectiva patriarcal, presentes não apenas na sociedade nigeriana e perpetuadas na medida em que personagens femininas acedem ao papel social que lhes é reservado. As relações amorosas de Uju exemplificam bem essa afirmação. A passagem a seguir demonstra que ela voluntariamente se sujeitou ao papel de amante do general e ao seu controle:

Recém-formada Uju passara a trabalhar em um hospital militar, ocupando um cargo conquistado através da influência de seu amante. Como o cargo não existia oficialmente, ela não recebia um salário. As despesas de Uju eram pagas pelo general, que a controlava comprando e pagando pelo que acreditava que Uju precisava, para que, assim, ela permanecesse dependente dele: “Oga nunca me dá

muito dinheiro. Ele paga todas as contas e prefere que eu peça tudo o que quiser. Alguns homens são assim.” (ADICHIE, 2014, p. 86).

O relacionamento com Bartholomew, por sua vez, representou para Uju a oportunidade de ter alguma segurança e apoio em uma fase difícil da vida. Desde o início, o novo parceiro se colocava em uma posição de superioridade em relação à personagem, e ela a aceitava, como anteriormente aceitara o controle que General exercia sobre ela, sem questionamentos, pois a relação reproduzia os moldes patriarcais de sua cultura de origem, em que os papéis sociais eram bem definidos. Entretanto, com o casamento, ela logo percebeu que cometera um erro, como mostra a citação abaixo:

“Nós dois trabalhamos. Nós dois chegamos em casa no mesmo horário. E você sabe o que Bartholomew faz? Senta na sala, liga a televisão e me pergunta o que vamos comer no jantar.” [...] “Ele quer que eu dê meu salário para ele. Imagine! Diz que é assim que os casamentos são e que ele é o chefe da família, que eu não devia mandar dinheiro para meu irmão sem pedir permissão a ele, que eu devia usar meu salário para pagar as prestações do carro dele. Quero dar uma olhada em escolas privadas para Dike, com todas essas maluquices acontecendo naquela escola pública, mas Bartholomew diz que é caro demais. Caro demais! Já os filhos dele estudaram em escolas particulares na Califórnia. Ele nem se incomoda com todas as coisas ruins que estão acontecendo na escola de Dike. [...] “Bartholomew nem se incomoda que Dike ainda o chama pelo nome. Eu lhe disse para encorajar o menino a chamá-lo de pai, mas ele não se incomoda. Tudo o que quer de mim é que entregue meu salário e faça moela apimentada aos sábados enquanto assiste ao futebol europeu. Por que eu deveria dar meu salário para ele? Por acaso ele pagava minhas mensalidades?(ADICHIE, 2014, p.236).

Nenhum dos planos que fizera para a relação havia se concretizado, e o casamento só havia dificultado sua vida. Passara a viver em uma cidade majoritariamente branca, onde os episódios de discriminação racial eram frequentes, para mostrar a Bartholomew seu comprometimento com o casamento, porém sofria injurias dos pacientes pelo fato de ser negra e era desrespeitada na escola do filho.

Em uma manhã, Uju tem uma epifania e decide abandonar o marido: “Eu tentei. Já chega.” (ADICHIE, 2014, p. 239). Nesse sentido, Uju e Ifemelu, de certa forma, rompem com a assimetria de gênero, na medida em que decidem dar um novo rumo às suas vidas. Nessa atitude das personagens, o viés feminista da autora é perceptível, posto que, sem negarem a si mesmas a oportunidade de uma vida amorosa plena, ambas as personagens assumem posições de empoderamento. No caso específico de Ifemelu, a escrita tem um papel preponderante, como demonstra a próxima seção.

3.2.4 *The immigrant writes back*²³: a escrita como instrumento de afirmação

Ao chegar aos Estados Unidos Ifemelu descobre-se negra. Algo que antes era apenas uma característica física torna-se um traço identitário que afeta seus relacionamentos, sua vida profissional e sua autoimagem. Como se o choque cultural e a descoberta de que a América que idealizou com Obinze não passava de uma ilusão não fossem experiências negativas o bastante, a xenofobia, o racismo e o silenciamento sofrido por Ifemelu são capazes de tornar amargos até mesmo os seus momentos de felicidade no novo território. Ao longo de mais de uma década, Ifemelu enfrenta situações desagradáveis recusando-se a aceitar o fato de que “está num país que não é o seu”(ADICHIE, 2014, p. 131), e, por isso, precisa aceitar as regras.

Seu primeiro contato com a experiência da escrita ocorre quando corta o cabelo e, prestes a comprar um aplique de cabelo liso, ela se lembra de um comentário que lera no *site* sobre cabelos naturais. Inspirada, faz sua primeira publicação na seção de comentários:

[...] saiu da loja, ansiosa por voltar, entrar no site e escrever sobre isso nos comentários. Ela escreveu: As palavras de Jamilah me fizeram lembrar que não há nada mais bonito do que o que Deus me deu. Outras mulheres responderam, postando sinais de polegar para cima, dizendo o quanto gostavam da foto que ela havia postado no site. Ifemelu nunca havia falado tanto em Deus. Comentar naquele site era como dar testemunho na igreja: suas palavras eram recebidas com um alarido de aprovação, e reviviam(ADICHIE, 2014, p. 232).

A experiência é comparada por Ifemelu ao ato de dar um testemunho na igreja, pois ela usa suas próprias palavras em um espaço destinado a dar voz e empoderar mulheres negras respeitando sua diversidade e individualidade. Encontrar um espaço em que sua beleza pode ser exaltada é reconfortante e torna possível a aceitação de seu cabelo natural:

Num dia comum do início da primavera — não havia nenhuma luz especial, nada de significativo aconteceu, e talvez fosse apenas porque o tempo havia transfigurado suas dúvidas, como muitas vezes acontece —, ela enfiou os dedos em seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito. Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo (ADICHIE, 2014, p. 232).

Desde que chegara aos Estados Unidos, Ifemelu carecia de espaço para expor seus pensamentos e interpretações sobre aquela nova cultura cheia de códigos e referências tão

²³ O título desta subseção parodia o título da obra seminal *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 1989), que aborda a literatura pós-colonial em diferentes culturas.

complicados que, para ela, muitas vezes pareciam sem sentido. Após o término do relacionamento com Curt, Ifemelu se sentiu perdida, embora soubesse que a relação estava fadada ao fracasso, pois estavam constantemente sob a pressão de ser um casal birracial.

A frustração e a solidão de Ifemelu transbordam em uma mensagem de *e-mail*, em tom de desabafo, enviada à sua amiga Wambui, que sugere a criação de um *blog* para expor aqueles pensamentos:

Os blogs eram algo novo, não familiar para Ifemelu. Mas dizer a Wambui o que tinha acontecido não fora satisfatório o suficiente; ela ansiava por ouvintes e ansiava por ouvir as histórias alheias. Quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? Quantas sentiam que seu mundo era envolto em gaze? Ifemelu terminou com Curt algumas semanas depois, fez um cadastro no WordPress e criou seu blog. Mais tarde ela mudaria o nome, mas no início ele chamava Raceteenth, ou Observações Curiosas de uma Negra Não Americana sobre a Questão da Negritude nos Estados Unidos. Seu primeiro post era uma versão do e-mail que tinha mandado para Wambui, só corrigindo a pontuação. Ela se referiu a Curt como “O Ex-Namorado Branco e Gostoso”. Algumas horas depois, foi ver as estatísticas do blog. Nove pessoas tinham lido. Em pânico, Ifemelu apagou o post. No dia seguinte, publicou-o de novo, modificado e editado, terminando-o com palavras das quais ainda se lembrava muito bem (ADICHIE, 2014, p. 321).

O namoro com Curt fez com que Ifemelu experimentasse a cultura estadunidense através do modo como ele a vivia. Assim, ela teve o vislumbre da vida privilegiada de um rapaz branco de classe média alta, e estar ao lado de Curt era como ser frequentemente lembrada de que não pertencia àquele mundo. Quando passa a escrever para tentar entender seu lugar na sociedade estadunidense, Ifemelu não apenas encontra sua voz, ela também a usa. Ifemelu se dirige diretamente ao seu leitor, às vezes em tom de crítica, às vezes, de conselho, de dúvida e até de desabafo.

No romance, as postagens do *blog* são destacadas do texto com fonte e formatação diferentes e, muitas vezes, contêm um título. Desta forma, o romance se revela híbrido na forma, projetando o tema no âmbito da narrativa.

O *blog* se torna um espaço onde a protagonista reage ao preconceito de raça, gênero, empoderando-se enquanto retoma o controle sobre sua identidade e concede a si mesma o direito de escolher como quer se definir enquanto indivíduo deslocado. Seu *blog* não é apenas uma expressão de resistência, mas principalmente um instrumento de desafio a um sistema racista e xenofóbico:

Eles nos dizem que raça é uma invenção, que existe mais variação genética entre duas pessoas negras do que entre um negro e um branco. Mas então dizem que as negras têm um tipo pior de câncer de mama e maior predisposição a tumores no

útero. E que os brancos têm mais fibrose cística e osteoporose. Então, qual é a verdade, médicos presentes? Raça é uma invenção ou não é?(ADICHIE, 2014, p. 327).

Como aponta Braga (2019), o *blog* aborda temas que refletem a tensão existente na condição pós-colonial, bem como o processo de negociação intercultural. Ao fazer as postagens, Ifemelu não revela sua origem, oportunizando o processo de autoidentificação a qualquer imigrante africano, conforme demonstra a citação a seguir:

Querido Negro Não Americano, quando você escolhe vir para os Estados Unidos, vira negro. Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga. E daí se você não era negro no seu país? Está nos Estados Unidos agora. Nós todos temos nosso momento de iniciação na Sociedade dos Ex-Crioulos. O meu foi numa aula da faculdade, quando me pediram para dar a visão negra de algo, só que eu não tinha ideia do que aquilo significava. Então, simplesmente inventei. Além do mais, admita: você diz “Eu não sou negro” só porque sabe que os negros são o último degrau da escada de raças americana. E você não quer estar ali. Não negue. E se ser negro trouxesse todos os privilégios de ser branco? Você ainda diria “Não me chame de negro, eu sou de Trinidad?”. É, eu sabia que não. Você é negro, baby. E essa é a questão de se tornar negro: você tem de se mostrar ofendido quando palavras como “farofeiro” e “tiziú” são usadas de brincadeira, mesmo que não tenha a menor ideia do que está sendo dito — e, como você é um Negro Não Americano, é provável que não saiba o que elas significam. (Na faculdade, um colega branco me perguntou se eu gostava de melancia, eu disse que sim e outra colega disse: “Meu Deus, que coisa racista”. Fiquei confusa e disse: “Espere, por quê?”.) Quando outro negro te cumprimenta com a cabeça num bairro de maioria branca, você tem de retribuir. Eles chamam isso de cumprimento negro. É uma maneira que os negros têm de dizer: “Você não está sozinho, eu estou aqui também” (ADICHIE, 2014, p. 240).

A narrativa do romance de Adichie não é linear, contendo *flashbacks* e textos do *blog* em pontos da narrativa em que ele ainda não existia, expondo assim as críticas de Ifemelu às situações de preconceito sofridas no passado e o seu comprometimento ao trazer os episódios à luz para debate:

Quando eu estava na faculdade, tivemos um palestrante convidado e uma colega sussurrou para outra: “Meu Deus, que cara de judeu ele tem”, e estremeceu, estremeceu de verdade. Como se ser judeu fosse uma coisa ruim. Não entendi. Para mim, o homem era branco, não muito diferente da menina que falara aquilo. Judeu, para mim, era algo vago, bíblico. Mas aprendi rápido. Entenda, na hierarquia das raças dos Estados Unidos, os judeus são brancos, mas ficam um degrau abaixo dos brancos. Era um pouco confuso, porque eu conhecia uma menina de cabelo cor de palha e sardas que dizia ser judia. Como os americanos sabiam quem era judeu? Como minha colega sabia que aquele homem era judeu? Li em algum lugar que as faculdades americanas costumavam perguntar aos candidatos qual era o sobrenome de sua mãe, para ter certeza de que não eram judeus, porque não os aceitavam. Era assim que se sabia? Pelo sobrenome das pessoas? Quanto mais tempo você passar aqui, mais vai entender (ADICHIE, 2014, p. 202).

Ifemelu mantém sua identidade oculta, assim como sua nacionalidade, para poder usar sua vivência diária como pauta para seu *blog* sem constrangimentos. Ela escreve livremente sobre seus medos, amores, tristezas, e, na seção de comentários, há sempre uma troca entre Ifemelu e seus leitores que aproveitam o espaço criado:

Discussão aberta: para todos os negros enrustidos
Isto é para todos os negros enrustidos, os negros americanos e não americanos que estão vencendo na vida e não gostam de falar sobre experiências de vida que têm exclusivamente a ver com o fato de serem negros, pois não querem deixar ninguém constrangido. Conte sua história aqui. Se desenrusta. Este é um lugar seguro.(ADICHIE, 2014, p. 332).

Quando o *blog* passa a crescer exponencialmente Ifemelu o compara com uma criança perdendo seus dentes de leite. Ele faz com que ela se sinta orgulhosa, muito embora seu propósito inicial tivesse sido outro:

O *blog* havia se mostrado para o mundo e perdido os dentes de leite; ele alternadamente a surpreendia, dava-lhe prazer e a deixava perplexa. Seus leitores cresceram, chegando a milhares em todo o mundo, de forma tão rápida que ela resistia ao impulso de conferir as estatísticas, relutando em saber quantas pessoas novas tinham clicado na página para lê-la naquele dia, porque isso a amedrontava. E a encantava. Quando via seus posts republicados em outro site, corava com a sensação de ter realizado algo importante, mas não havia imaginado nada disso, não havia acalentado nenhuma ambição definida (ADICHIE, 2014, p. 328).

Ifemelu não é a única que usa o *blog* como ferramenta para encontrar um espaço de resistência dentro do *mainstream*. Os *blogs* e *sites* sobre cabelos crespos e cacheados são exemplos do uso da ferramenta para a propagação e confluência das vozes das mulheres negras que não se adéquam ao padrão de beleza propagado pelas mídias:

O site FelizComEnroladoCrespo.com tinha um fundo amarelo-gema e muita gente comentando, pessoas cujas fotos de identificação eram de mulheres negras piscando. Elas tinham longos dreads, afros curtos, afros grandes, cabelos torcidos, tranças, cachos imensos e chamativos. Chamavam relaxante de “crack cremoso”. Estavam cansadas de fingir que seu cabelo não era o que era, cansadas de correr da chuva e fugir do suor. Elogiavam as fotos umas das outras e terminavam os comentários mandando “abraços”. Reclamavam que as revistas feitas para os negros nunca tinham mulheres de cabelo natural em suas páginas, falavam de produtos de farmácia tão contaminados de óleo mineral que não conseguiam aumentar a umidade dos cabelos naturais. Trocavam receitas. Esculpiam para si mesmas um mundo virtual onde seu cabelo enrolado, crespo, pixaim e lanudo era normal. E Ifemelu caiu nesse mundo transbordando gratidão. (ADICHIE, 2014, p. 231)

Ifemelu não apenas tece críticas à cultura estadunidense, como também fala sobre suas experiências e dissabores com a própria cultura. Aos poucos, ela atrai leitores assíduos, fãs e

patrocinadores dispostos a fornecer suporte financeiro para que continue sua escrita, possibilitando o seu sustento e independência econômica. Com a crescente fama, ela passa a receber convites para dar palestras em empresas. No entanto, é com decepção que Ifemelu percebe que muitos dos anfitriões a convidam por seu *status* de blogueira, sem interesse real no que ela tem a dizer:

Não tinham lido seu blog, apenas ouvido falar que ela era uma “blogueira famosa” que escrevia sobre questões raciais. Assim, ao longo das semanas seguintes, conforme Ifemelu foi dando mais palestras em empresas e escolas, começou a dizer o que eles queriam ouvir, sendo que jamais escreveria nada daquilo em seu blog, pois sabia que as pessoas que o liam não eram as mesmas que iam a workshops sobre diversidade. Durante suas palestras, Ifemelu dizia: “Os Estados Unidos já progrediram muito e devemos nos orgulhar disso”. Em seu blog, escrevia: O racismo nunca devia ter acontecido, então você não ganha um doce por ele ter diminuído (ADICHIE, 2014, p. 330-331).

Essa incompatibilidade de discursos demonstra a divergência entre o que a personagem realmente sente e o que precisa dizer para obter aceitação social.

Por meio de um convite para uma conferência de blogueiros, Ifemelu reencontra Blaine, um jovem negro por quem estivera interessada anteriormente, que a apresenta ao mundo teórico e político do ativismo acadêmico negro, porém sua posição como negra não americana difere da visão política do rapaz e dos seus amigos, distanciando-os, como mostra a citação:

“Você sabe que não basta escrever um blog, tem de viver como se acreditasse nisso. Aquele blog é um jogo que você não leva a sério de verdade, é como escolher uma optativa noturna interessante para completar seus créditos.” Ifemelu reconheceu, no tom de Blaine, uma acusação sutil, não apenas de preguiça, de falta de zelo e convicção, mas também de africanidade; ela não tinha ficado furiosa o suficiente porque era africana, não afro-americana. (ADICHIE, 2014, p. 374).

Esse argumento de Blaine tem papel importante na conscientização da personagem em relação ao seu papel social.

O *blog* de Ifemelu reflete um ato de empoderamento. Quando ela deixa os Estados Unidos, não abandona a escrita e sua sinceridade afiada. Como aponta Anzaldúa (2000), é comum que mulheres não brancas encontrem muitos obstáculos ao tentarem ganhar a vida com sua escrita: há um medo de serem descredibilizadas ou impedidas de usarem sua voz, pois ocupam uma posição subalterna que lhes impõe silenciamento, e é por esta razão que o ato da escrita é transgressor. Ifemelu não só enfrenta os obstáculos que se apresentam em sua

experiência como imigrante, mas os usa como combustível para sua escrita ao expressar o seu ponto de vista.

3.2.5 O retorno como recomeço

No início do romance *Americanah*, Ifemelu reflete sobre como se sente morando em Princeton e declara que o que mais gosta no lugar é poder “fingir ser outra pessoa, alguém que tivera acesso a esse sagrado clube americano, alguém com adornos da certeza” (ADICHIE, 2014, p. 9). A declaração mostra que, após mais de uma década vivendo nos Estados Unidos, Ifemelu ainda não se sente aceita, pois ela precisa fingir que pertence àquela sociedade para que possa seguir com sua vida ali e não há certeza ou segurança em seu futuro.

Ifemelu conquistou tudo o que poderia querer nos quinze anos que passou nos Estados Unidos, mas ainda assim sentia falta de algo. Tinha um trabalho que a satisfazia, um apartamento próprio, uma bolsa em Princeton e um relacionamento afetivo com o jovem Blaine, que a amava. Estava, portanto, em um momento da vida em que poderia começar a desfrutar o resultado do esforço que fizera nos últimos anos. O tempo extra lhe permitia, inclusive, deixar sua mente vagar por possibilidades e imaginar novos rumos. Ao percorrer as redes sociais, ela constantemente via perfis de conterrâneos retornando à Nigéria e a alegria revelada nos rostos estranhos provocava-lhe uma saudade dolorosa. Ifemelu percebeu, aos poucos, que o que lhe faltava nos Estados Unidos podia estar em sua terra natal:

Seu blog estava indo bem, com milhares de visitantes por mês, ela ganhava bastante para dar palestras, tinha uma bolsa de estudos em Princeton e estava com Blaine — “Você é o amor da minha vida”, havia escrito ele em seu último cartão de aniversário. No entanto, tinha cimento na alma. Estava lá havia algum tempo, numa fadiga matutina, algo sombrio e sem contornos nítidos. E trouxe consigo anseios amorfos, desejos indistintos, vislumbres breves e imaginários de outras vidas que ela poderia estar vivendo, que ao longo dos meses se transformaram numa lancinante saudade de seu país. Ifemelu lia avidamente sites nigerianos, perfis nigerianos no Facebook, blogs nigerianos, e cada clique levava a mais uma história de um jovem que havia pouco voltara para casa, brandindo diplomas americanos ou britânicos, para fundar uma financeira, uma produtora de música, uma marca de roupas, uma revista, uma rede de fast-food. Ela olhava para as fotos desses homens e mulheres e sentia uma dor surda de perda, como se tivessem aberto sua mão à força e pegado algo que lhe pertencia. Eles estavam vivendo a vida dela. A Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra. (ADICHIE, 2014, p. 13)

Ifemelu passou, assim, a sentir a dor do desterro. O sonho americano havia se realizado, mas ela queria poder criar raízes e ser aceita de fato, sem fingimentos. Mais do que ter seu próprio apartamento, ela desejava ter um lar e, nos Estados Unidos, ela sentia que isso não seria possível, pois a Nigéria, além de ser sua terra natal, era o lugar onde Obinze estava. Tinha um afeto genuíno por Blaine, mas nunca havia conseguido superar o término repentino do relacionamento com Obinze e o fim de todos os planos que haviam feito.

Muitos reagiram com espanto quando Ifemelu deu a notícia de que iria retornar à sua terra natal, pois ainda havia pessoas que almejavam sair da Nigéria e ir para os Estados Unidos e os que lá estavam se surpreendiam com o seu desejo de retornar. Na passagem em que fala de seus planos à trancista senegalesa Aisha, esta questiona se o motivo do retorno era o fim da validade de seu visto, pois não consegue imaginar outra situação que provocasse uma decisão tão drástica:

“Mas eu vou voltar para a Nigéria”, acrescentou Ifemelu, sentindo um remorso súbito. “Vou semana que vem.”
 “Para ver a família.”
 “Não. Vou voltar a morar lá. A morar na Nigéria.”
 “Por quê?”
 “Como assim por quê? Por que não?”
 “É melhor você mandar dinheiro para eles. A não ser que seu pai seja homem grande. Você conhece gente graúda?”
 “Arrumei um emprego lá”, disse Ifemelu.
 “Você ficou aqui quinze anos e vai voltar só para trabalhar?” Aisha deu um sorrisinho superior.
 “Você pode ficar aqui se quiser?” (ADICHIE, 2014, p. 24).

Ifemelu não consegue justificar seu retorno de forma que ele possa fazer sentido para a mulher e opta por uma mentira mais plausível, encontrar-se com um pretendente:

“Também vou voltar para a Nigéria para ver meu homem”, disse Ifemelu, surpreendendo-se. Meu homem. Como era fácil mentir para estranhos, criar para eles a versão da nossa vida como a imaginamos.(ADICHIE, 2014, p. 25).

A história inventada possuía um fundo de verdade, pois Ifemelu tinha, de fato, a intenção de rever Obinze. A reação dos seus pais e a de Uju não foi diferente, pois creditavam o retorno da protagonista a um capricho, pensando que logo ela se arrependeria de sua escolha, pois, já era uma cidadã estadunidense:

— Você vai aguentar? —, e a sugestão de que ela havia sido irrevogavelmente mudada pelos Estados Unidos a fez sentir como se sua pele estivesse cheia de espinhos. Seus pais também achavam que ela talvez não fosse capaz de “aguentar” a

Nigéria. “Pelo menos você é uma cidadã americana agora, então sempre vai poder voltar para os Estados Unidos”, o pai lhe dissera. (ADICHIE, 2014, p. 24).

Essa passagem demonstra claramente duas questões relevantes: a ótica dos que permanecem na Nigéria em relação aos Estados Unidos e a dificuldade de Ifemelu em reconhecer uma mudança identitária.

Quando recebe a notícia da tentativa de suicídio de Dike, Ifemelu fica desorientada e adia seus planos, porém, em uma conversa com o primo, este a incentiva a retornar. Apesar de poder se considerar bem-sucedida, ela não pode esquecer toda forma de violência simbólica que sofreu, desde sua forma mais sutil até a mais explícita. A decisão de retornar equivale a uma busca de si mesma, desfazendo-se dos rótulos impostos pela cultura estadunidense.

O retorno não é uma experiência simples, pois, ao chegar à Nigéria, Ifemelu passa por um processo de estranhamento e sente-se perdida:

No início, Lagos agrediu-a; a pressa aturdida pelo sol, os ônibus amarelos repletos de corpos amassados, os ambulantes suados correndo atrás dos carros, os anúncios em cartazes gigantescos (e outros rabiscados nas paredes — BOMBEIRO LIGUE 080177777) e as pilhas de lixo que se amontoavam à beira da estrada como uma provocação. O comércio pulsava de forma desafiadora demais. E o ar era denso de exageros, as conversas, cheias de declarações excessivas. Numa manhã, havia o cadáver de um homem na Awolowo Road. Em outra, a Ilha de Lagos inundou e os carros se tornaram barcos afundando. Ali, sentia ela, qualquer coisa podia acontecer, uma pedra sólida de repente podia se tornar um tomate maduro. Assim, Ifemelu teve a sensação estonteante de que caía, caía dentro dessa nova pessoa que se tornara, caía no estranho familiar. Será que sempre tinha sido daquele jeito ou tinha mudado tanto em sua ausência? (ADICHIE, 2014, p. 415)

Como afirma Braga (2018), é uma experiência complexa na qual a protagonista busca as raízes culturais, ao mesmo tempo em que tenta reposicionar-se como sujeito culturalmente híbrido. A Lagos que a protagonista guardava na lembrança era uma terra natal imaginada, e ela, por sua vez, não é mais a mesma pessoa que partiu.

Ifemelu passa a trabalhar na revista *Zoe*, cuja dona contrata indivíduos que haviam se formado no exterior para elevar o *status* da empresa entre seus concorrentes, classificando como “ralé que não sabe pontuar uma frase” (ADICHIE, 2014, p. 432) aqueles com formação local, e disseminando uma mentalidade colonial de inferioridade ou incapacidade de produzir educação adequada fora da metrópole.

O próprio *blog* de Ifemelu se torna um conceito confuso para suas colegas de trabalho, pois não entendem o debate acerca das questões raciais. Ao saberem que seu namorado americano é negro, uma das colegas questiona Ifemelu: “Por que só os negros são bandidos lá?” (ADICHIE, 2014, p. 436), deixando a protagonista sem saber como responder.

Em sua condição de “retornada”, ela também é convidada a fazer parte do Clube Nigerpolita, um grupo de jovens nigerianos que haviam voltado do exterior recentemente. O clube tem um ar pretensioso e seus participantes forçam a pronúncia para soarem como estrangeiros. Ifemelu percebe, a contragosto, que desfruta daquele sentimento de superioridade compartilhado pelo grupo: “ela percebeu a superioridade em sua voz, na voz deles todos. Eram os santificados, os que tinham voltado, aqueles que haviam chegado com uma camada de brilho extra.” (ADICHIE, 2014, p. 438).

Ifemelu havia abandonado o inglês americano anos antes, não falava como os membros do Clube Nigerpolita, mas estava se tornando uma *americanah*, uma nigeriana que volta para casa transformada pela diáspora, com sotaque e costumes que a diferem dos demais. No clube, podia desfrutar da nostalgia e a saudade de pequenos detalhes da vida fora do país, mas temia se tornar arrogante e desconectada das raízes que buscava com o retorno. Para Ifemelu, aceitar o rótulo de *americanah* era aceitar sua identidade como híbrida e ainda estava se readaptando à nova realidade:

Ela crescera conhecendo todos os pontos de ônibus e ruas laterais, compreendendo o código secreto dos motoristas e a linguagem corporal dos ambulantes de rua. Agora, lutava para entender o que não era dito. Quando os donos de loja tinham ficado tão grosseiros? Os prédios de Lagos sempre tiveram aquela camada de podridão em cima? E quando aquela se tornara uma cidade de pessoas que pediam por tudo e se apaixonavam pelo que era de graça? “Americanah!”, brincava Ranyinudo sempre. “Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma americanah de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações!” (ADICHIE, 2014, p. 416)

Ao comparar a sua função na revista *Zoe* à independência e à liberdade que tinha em suas postagens quando estava nos Estados Unidos, Ifemelu pede demissão e cria um novo *blog*, intitulado “As Pequenas redenções de Lagos”, por meio do qual adquire força para dar continuidade ao seu processo de readaptação, conquistando um espaço para si.

Antes de voltar à Nigéria, Ifemelu conseguia enxergar o lado positivo de sua vida nos Estados Unidos tão claramente quando enxergava o lado negativo. Sabia que sua decisão de retornar era pessoal e não tentava olhar a Nigéria através de uma lente de positividade. Pelo contrário, para ela, reconhecer os pontos negativos e os aspectos desagradáveis daquela sociedade era importante para sua adaptação, assim, seus *posts* tanto exaltavam quanto criticavam a sociedade de Lagos.

Em um de seus primeiros *posts*, Ifemelu fez uma crítica ao relacionamento de jovens solteiras e homens ricos e casados, tomando como exemplo sua amiga Ranyinudo:

Existem muitas jovens em Lagos com Fontes Desconhecidas de Riqueza. Elas vivem uma vida pela qual não podem pagar. Só viajaram para a Europa de classe executiva, mas têm um emprego cujo salário não paga nem uma passagem de classe econômica. Uma delas é minha amiga, uma mulher linda e brilhante que trabalha com publicidade. Ela mora na Ilha de Lagos e está namorando um banqueiro importante. Temo que vá acabar como muitas mulheres de Lagos que definem sua vida pelos homens que jamais poderão realmente ter, tolhidas por sua cultura de dependência, com desespero nos olhos e bolsas de marca nos braços (ADICHIE, 2014, p. 454-455).

Ironicamente, Ifemelu acaba por se encontrar em uma situação semelhante à da amiga quando reencontra Obinze. O antigo namorado havia se tornado um homem rico e casado, no entanto, a situação não é um impedimento para que ambos voltem a se relacionar. O reencontro proporciona ao casal a oportunidade de esclarecer a forma como se deu o término de seu relacionamento há uma década, quando ela, enfim, confessa a razão para ter encerrado o contato entre os dois:

“Não penso muito nisso”, acrescentou Ifemelu. “Eu lembro, mas isso não me absorve, não permito que me absorva. É tão estranho falar sobre isso agora. Parece um motivo idiota para jogar fora o que tínhamos, mas foi por isso, e, conforme mais tempo foi passando, cada vez sabia menos como consertar a situação.”

Obinze ainda estava em silêncio. Ifemelu olhou a caricatura emoldurada de Dike que estava pendurada em sua parede, mostrando as orelhas dele exageradamente pontudas, e se perguntou o que Obinze estava sentindo.

Finalmente, ele disse: “Nem consigo imaginar como você deve ter se sentido mal e como deve ter se sentido sozinha. Devia ter me contado. Queria tanto que tivesse me contado”.

Ifemelu ouviu as palavras dele como se fossem uma melodia e sentiu que estava com a respiração entrecortada, sorvendo o ar. Ela não ia chorar, era ridículo chorar depois de tanto tempo, mas seus olhos estavam se enchendo de lágrimas e havia uma pedra em seu peito e algo queimando sua garganta. As lágrimas faziam seus olhos coçarem. Ifemelu não emitiu nenhum som. Obinze pegou sua mão e eles ficaram de mãos dadas sobre a mesa. Entre eles, cresceu um silêncio, um silêncio ancestral que ambos conheciam. Ela estava dentro desse silêncio, e estava segura. (ADICHIE, 2014, p. 473-474).

A conversa com Obinze permite que Ifemelu supere seu passado e, enfim, se perdoe pelo ocorrido, fazendo as pazes consigo mesma. Conforme o relacionamento entre os dois se torna mais sério, Obinze decide se divorciar da esposa e, ao fim do romance, ele vai até o apartamento de Ifemelu. Sem pendências ou impedimentos, ela o convida para entrar e ambos podem, enfim, recomeçar suas vidas juntos.

4 REFLEXÕES SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO SONHO AMERICANO EM *AQUI ESTÃO OS SONHADORES E AMERICANAH*

Em uma obra intitulada *Decolonization and the decolonized*, Albert Memmi (2006) afirma, de modo bastante pessimista, que a condição em que se encontravam os países que foram outrora colonizados após a conquista da independência tornou-se responsável por uma evasão em massa, inclusive de intelectuais, na medida em que os povos recém-descolonizados, que almejavam liberdade e prosperidade, se deparavam com a pobreza, as guerras civis, as disputas internas de poder, a tirania de ditadores e um alto grau de violência. Memmi se reporta também às dificuldades enfrentadas pelos sujeitos diaspóricos que, após deixarem seus países, em terra alheia, se veem diante de um duplo fracasso: o da terra de origem e do da terra hospedeira.

Essas questões se apresentam de um modo bastante vívido na ficção escrita por imigrantes africanos. Os romances *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue, e *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie, ficcionalizam os desafios impostos aos sujeitos das novas diásporas africanas nos Estados Unidos. Oriundos de ex-colônias britânicas, os personagens das duas obras são impulsionados pelo ideal do Sonho Americano: a crença de que os Estados Unidos são uma espécie de Eldorado, onde os sonhos de pessoas advindas de países periféricos se materializam.

Ao propormos a análise de como essas duas obras abordam, além da imigração, questões cruciais no mundo hodierno, tais como a diversidade étnica, cultural e de classe, bem como o racismo, que concorrem para a corrosão desse ideal de sucesso, mostrando a face mais sombria e complexa da sociedade estadunidense, optamos por analisar cada romance individualmente e, neste capítulo, focalizaremos comparativamente aspectos relevantes para o alcance desse objetivo.

Um primeiro aspecto a ser considerado é o fato de que, embora não se configurem como autobiografias, os dois romances contêm reelaborações ficcionais das experiências das autoras como imigrantes, conforme elas mesmas atestam em várias entrevistas disponíveis na internet.

Na entrevista que Imbolo Mbue concedeu a alunos da Cornell SC Johnson College of Business²⁴, por exemplo, a autora menciona que teve a oportunidade de dar uma palestra na

²⁴ Cf. <https://business.cornell.edu/hub/2018/10/04/an-interview-with-imbolo-mbue-author-of-behold-the-dreamers-a-novel/>

escola em que estudou e se reporta à demonstração de surpresa de uma das professoras diante da honestidade de Mbue na sua representação de Camarões como um país pobre, do qual as pessoas tentam sair. A autora fez questão de enfatizar que descreveu o país que ela conhecia e onde cresceu.

Em outra entrevista, concedida a Oprah Winfrey, Mbue expressou seus sentimentos ao chegar aos Estados Unidos, que nos fazem recordar o modo como Neni vê a América: “Lembro-me de sussurrar para mim mesma: "Estou indo para a América! "Assisti muita televisão americana — The Cosby Show; Dinastia; Beverly Hills, 90210 - isso fez tudo parecer tão glorioso”.²⁵ Ainda se referindo à própria experiência, disse a autora:

É tão difícil ser um estranho em uma terra estranha. Acho que a maioria das pessoas não entende como é difícil deixar para trás o que você conhece e vir para um país onde tudo em você é considerado "diferente". Eu queria que os leitores apreciassem que parte da luta de Jende e Neni consiste em se adaptar sem esquecer quem eles são.²⁶

Chimamanda Adichie, por sua vez, em entrevista ao site *The Wire*, afirmou:

Americanah é um livro que eu queria escrever, e não queria seguir convenções. E de certa forma não vi nada parecido, ou seja: a história de imigrantes da África, mas que não escapam da guerra ou da pobreza. Que simplesmente querem mais. Que têm sonhos da forma que os seres humanos têm há séculos. E eu queria contar essa história, porque é uma história que eu conheço. Esse é o tipo de imigração que eu conheço.²⁷

As histórias narradas, portanto, se reportam a situações vivenciadas pelas autoras, com as quais muitos imigrantes se identificam.

O segundo aspecto diz respeito ao impacto do contexto histórico-cultural e das variáveis vinculadas às categorias de raça, gênero e classe social, que tem o retorno como resultante.

²⁵ Texto em inglês: “I remember whispering to myself, "I'm going to America!" I'd watched a lot of American television—The Cosby Show; Dynasty; Beverly Hills, 90210—that made it all seem so glorious.”

²⁶ Texto em inglês: “It's so hard to be a stranger in a strange land. I don't think most people understand how difficult it is to leave behind what you know and come to a country where everything about you is considered "different." I wanted readers to appreciate that part of Jende and Neni's struggle is to adapt without forgetting who they are.”

²⁷ Texto em inglês: “*Americanah* is a book that I wanted to write, and I didn't want to follow conventions. And in some ways I haven't seen anything like it, which is to say: The story of immigrants from Africa, but who are not escaping war or poverty. Who simply want more. Who have dreams in a way that human beings have had for centuries. And I wanted to tell that story, because it is a story I know. That's the kind of immigration that I am familiar with.”

O contexto histórico-cultural tem um papel preponderante nos romances que compõem o *corpus* deste trabalho, uma vez que os protagonistas são sujeitos diaspóricos que, devido às constantes crises políticas instauradas em seus países de origem desde a independência, tentam escapar da falta de oportunidades de crescimento tanto econômico quanto acadêmico. A estagnação leva à busca por melhores opções, e, a par das diferentes circunstâncias da imigração, os protagonistas buscam concretizar seus sonhos imbuídos da crença em uma ideologia que se traduz no Sonho Americano.

Em *Aqui estão os sonhadores*, Jende e Neni, que vivem sob um regime político autoritário em Camarões²⁸, um país com um alto índice de pobreza, apostam no Sonho Americano e buscam um futuro melhor do que o que teriam em sua terra natal. Para os sonhadores, não há alternativa senão acreditar na possibilidade de realização do sonho em solo estrangeiro. Em *Americanah*, entretanto, o que leva Ifemelu a migrar é a busca por formação. Advinda da classe média e filha única, ela vai para os Estados Unidos para completar o ensino superior, uma vez que na Nigéria, devido às greves constantes, seria impossível. As circunstâncias são diferentes, porém guiadas pela representação simbólica dos Estados Unidos no imaginário coletivo – compreendido aqui como um conjunto de símbolos e conceitos que tem um alcance global.

Entretanto, a vida no país anfitrião está sujeita a obstáculos, frustrações e fracassos que se tornam mais intensos devido às diferenças culturais, ao preconceito e à complexidade do processo de aculturação. Nas duas obras, as dificuldades surgidas expõem os imigrantes a situações constrangedoras e muitas vezes humilhantes.

Um aspecto relevante nos dois romances é o fato de que, a par das diferenças culturais e de classe – Ifemelu e Obinze, por exemplo, vêm de classes sociais privilegiadas em comparação com os Jongas – todos se veem expostos aos subempregos, às humilhações e ao preconceito. A subalternização do diferente, do diverso, está presente nas duas obras. O sujeito das diásporas contemporâneas (COHEN, 2008) enfrenta várias formas de discriminação, sobretudo se pertence a um grupo étnico minoritário, caso dos africanos nos romances de Mbue e Adichie, e é, também, exposto a um conjunto de regras sociais e valores de uma cultura diferente, cujo cumprimento é determinante para a sua aceitação no país anfitrião. A decisão de não aceitação de alguns desses códigos é o que resulta na falha da reterritorialização dos personagens.

²⁸ O país tem um regime semi-presidencialista, em que o presidente nomeia o primeiro-ministro, que por sua vez é o chefe de governo. Paul Byia é o presidente desde 1982.

A questão da raça tem um papel relevante em *Americanah*, perceptível na interação de Ifemelu com outros personagens, na metáfora do cabelo e no próprio título do *blog* que a personagem cria. A discriminação que a personagem sofre é preponderantemente baseada nas características físicas, embora as diferenças culturais sejam também mencionadas no romance. Entretanto, é digno de nota o fato de que, em suas postagens, ela mostra com clareza a diferença de tratamento dispensado aos afro-americanos e aos africanos, estes últimos vistos como menos problemáticos em relação ao legado da escravidão. Essa diferença, todavia, deixa de existir quando o foco é a cor da pele. Ifemelu se “descobre” negra ao emigrar e sua trajetória no romance também perpassa a questão da reconfiguração identitária. A personagem passa por uma crise de pertencimento que só se atenua quando opta por retornar a Nigéria.

Desde a chegada de Ifemelu aos Estados Unidos, sua visão do Sonho Americano começa a ser desconstruída aos poucos. Primeiramente, por ter de abrir mão de sua identidade, uma vez que, para trabalhar, necessita usar o cartão de identificação de outra pessoa, assumindo um novo nome. Isso leva à percepção de que a sociedade estadunidense não enxerga mais do que a cor de sua pele e o fato de ser estrangeira, apagando sua individualidade. O segundo traço identitário do qual ela abre mão é seu sotaque, quando passa a imitar o inglês americano para se adaptar. Em seguida, precisa desistir de suas tranças e alisar o cabelo quimicamente para se enquadrar ao padrão de beleza imposto pelo mercado de trabalho.

Há em *Americanah* uma abordagem interseccional muito mais evidente do que a existente no romance de Mbue. É possível perceber que, com o passar dos anos, Ifemelu assume diferentes posturas frente aos obstáculos. Se em um primeiro momento, o choque cultural e o racismo provocam uma sensação de estranhamento e inferioridade, logo ela desenvolve estratégias de aculturação e busca integrar-se socialmente. É a partir de uma nova posição de sujeito que ela passa a questionar discursos, valores e comportamentos racistas.

A questão racial está intrinsecamente ligada aos relacionamentos afetivos da protagonista, claramente identificáveis na diferença da percepção do racismo por parte dos seus parceiros, cujas divergências de opinião levam ao fim dos relacionamentos e à necessidade de reconectar-se com suas raízes.

O racismo atinge também outros personagens migrantes do romance, como Tia Uju, Ginika, Dike, Bartholomew e as funcionárias do salão que Ifemelu frequenta. Todos, em maior ou menor dimensão, têm suas trajetórias afetadas pelo preconceito racial. As respostas, no entanto, como o terceiro capítulo demonstra, são diferenciadas. Dentre todos os personagens, cabe à Ifemelu assumir um caráter transgressor.

Em *Aqui estão os sonhadores*, ao contrário do que ocorre em *Americanah*, o enfoque no preconceito racial é atenuado. Mbue não se furta a tratar do tema, mas o limita a breves situações, como quando Jende, durante uma entrevista, vislumbra a manchete do *The Wall Street Journal*, “A grande esperança dos brancos? Barack Obama e o sonho de uma América daltônica”, ou mais tarde, quando uma mulher branca lhe diz que é ilegal Liomi sentar no banco da frente e Jende responde que sim e agradece pela advertência. Outra situação relevante, mencionada no capítulo 3, ocorre na ocasião em que Jende teme ser mal interpretado ao consolar o filho de seu patrão.

Há que se considerar também que a família Jonga não está inserida o bastante na sociedade estadunidense para que a raça se torne uma questão que afete sua identidade. Em geral, Jende e Neni se relacionam com outros imigrantes. A posição periférica de trabalhador observador e anônimo em Nova Iorque não causa a Jende nenhum tipo de choque ou abalo identitário, visto que já se acostumara à invisibilidade e aos trabalhos subalternos em seu país natal. A frustração do protagonista masculino de Mbue se encontra no fato de a vida na diáspora não ser essencialmente diferente de sua vida em Camarões, resultando na sua decisão de retornar.

A situação de Neni é diferente. A classe social da personagem em Limbe era mais elevada do que a de Jende, e, apesar das imposições e do controle paterno, ela conseguiu estudar e obter um diploma. Sua intenção é se tornar uma farmacêutica nos Estados Unidos. Mesmo dedicando-se ao marido e aos filhos, ela não desiste de suas ambições e deseja se tornar uma cidadã estadunidense com plenos direitos. Ao desfrutar de uma liberdade que não tinha em seu país natal, seus valores se alteram. De certo modo, a perspectiva da personagem ecoa a ótica da própria autora. Evoco aqui as palavras de Mbue em uma das entrevistas já mencionadas e a proximidade entre a sua experiência pessoal e a perspectiva da personagem:

Houve um tempo em que estava realmente tendo dificuldades financeiras. Eu estava com uma amiga, chorando na rua. Eu disse a ela que queria voltar. Ela me disse: “Agunte um pouco mais.” Pensei no fato de que a América pode ser difícil, mas ainda há uma chance. Essa chance não existe na mesma medida de onde eu venho.²⁹

Apesar do racismo e preconceito recorrentes, Neni vê no país anfitrião um espaço para o crescimento e deseja permanecer lá. A decisão de retornar a Camarões não parte da

²⁹ Texto em inglês: “There was a time when I was really suffering financially. I was with a friend, crying my eyes out on the street. I told her I wanted to go back. She said, “Just stick it out a little longer.” I thought about the fact that America might be hard, but there's still a chance. That chance doesn't exist to the same extent where I come from.”

personagem, mas ela a aceita para manter a família unida. No entanto, Mbue deixa a porta aberta para Neni e sua filha retornarem aos Estados Unidos, pois Timba, a filha caçula do casal, é uma cidadã estadunidense, e Neni retorna à Nigéria voluntariamente antes do vencimento do seu visto de estudante.

A questão da classe social tem um papel relevante nos romances. O deslocamento dos personagens objetiva uma ascensão social; aspiração posta à prova com as dificuldades encontradas. Ifemelu e Obinze são mais jovens e possuem nível acadêmico mais elevado que o casal Jonga ao emigrar. Por terem uma vida confortável em seu país de origem, a mudança de classe social é um dos primeiros choques causados pelo deslocamento.

Assim como Jende, Obinze sofre um forte golpe em seu orgulho por não conseguir um emprego que lhe permita ter uma vida digna. Na condição de imigrante ilegal na Inglaterra, ele tem que lidar com aproveitadores que exploram suas fraquezas para extorquir o pouco dinheiro que consegue ganhar. A vida na diáspora para Obinze é difícil, mas apesar dos subempregos, do racismo e da xenofobia, a decisão do retorno não parte dele, mas da Imigração. Cansado de lutar, ele aceita a deportação. Com o tempo, a decisão de retornar lhe rende frutos e, por mais insatisfatória que sua vida possa ter se tornado, a elevação de classe social lhe garante a condição de visitar o país que lhe negara acesso tantas vezes antes, os Estados Unidos. A experiência frustrada da imigração o transforma, pois já não alimenta ilusões em relação à vida nas grandes metrópoles ocidentais.

Intelectualmente mais apta que os Jongas, Ifemelu vislumbra no *blog* que criou uma ponte para o alcance dos seus objetivos e, diferentemente dos demais personagens mencionados, alcança êxito. Ao compartilhar sua história e suas opiniões em seu *blog*, conquista seu espaço. Sua negritude e etnicidade, que, a princípio, eram indicativos de subalternização, assumem um caráter de empoderamento. O sucesso profissional, entretanto, não é suficiente para garantir um vínculo de pertencimento e o retorno se transfigura em uma busca por felicidade e autoaceitação.

Além de Ifemelu e Obinze, Adichie cria outros personagens imigrantes que, apesar de uma vida precária nos Estados Unidos, optam por não retornar à terra natal e até mesmo se surpreendem com a decisão de Ifemelu. Alguns, como Tia Uju, insistem na permanência, porém buscam manter um elo com a África.

As condições do retorno se diferenciam nos dois romances, uma vez que em *Aqui estão os sonhadores* os protagonistas não conseguem maximizar sua experiência no exterior.

A migração de retorno se tornou um campo de investigação profícuo e busca clarificar o modo como os imigrantes se relacionam com a terra natal. Em “Teorizando sobre a

migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno”, Jean-Pierre Cassarino (2013) discorre sobre as correntes teóricas que analisam esse fenômeno. Segundo o autor,

Dado que a abordagem neoclássica da migração internacional se fundamenta sobre a noção de diferenças salariais entre países de destino e aqueles de origem e sobre as expectativas dos migrantes a respeito de melhores ganhos nos países de acolhida, o retorno é percebido como o resultado do fracasso de uma experiência migratória que não produziu os resultados esperados [...]O regresso à pátria ocorre, portanto, como consequência de suas experiências de fracasso no exterior ou então porque seu capital humano não foi recompensado como esperado (CASSARINO, 2013, p.24).

O autor sinaliza, entretanto, que Francesco Cerase, desviando-se dessa perspectiva neoclássica, estabelece tipologias do retorno, duas das quais nos interessam nesta análise dos romances:

O “retorno do fracasso” (return of failure) diz respeito aos migrantes que não conseguiram integrar-se no país de acolhida por causa de preconceitos e de estereótipos com que se depararam no exterior. As dificuldades em assumir um papel ativo na sociedade de acolhida ou de adaptar-se à sociedade do país hospedeiro são suficientemente sérias para motivar o retorno [...] O “retorno inovador” (return of innovation) é, sem dúvida, a categoria mais dinâmica de migrantes de retorno segundo a tipologia proposta por Cerase. Refere-se aos atores “prontos a fazer uso de todos os meios e todas as novas competências adquiridas durante a própria experiência migratória”, com a finalidade de alcançar os próprios objetivos no país de origem que, segundo eles, oferece mais oportunidades de realização dos sonhos pessoais (CASSARINI, 2013, p. 27-28)

Nessa perspectiva, o retorno dos Jongas estaria associado ao fracasso, enquanto que o de Ifemelu se aproximaria do retorno de inovação. Há que ressaltar, no entanto, que a dissolução do Sonho Americano para Jende e Neni não constitui um fracasso completo, uma vez que o que conseguiram poupar lhes permite vislumbrar uma vida confortável em Camarões.

George Gmelch (GMELCH, 1980; RICHMOND, 1984, ROGERS, 1984), ao discorrer sobre a tipologia de Cerase, sublinha a necessidade de correlacionar as intenções de retorno expressas pelos migrantes com as motivações nas quais se baseiam.

Em uma passagem de *Americanah*, Ifemelu afirma que “A melhor coisa dos Estados Unidos é o espaço que o país nos dá. Gosto disso. Gosto do fato de acreditar no sonho. É uma mentira, mas você acredita e é tudo o que importa.” (ADICHIE, 2014, p. 478). O final do romance demonstra que o esforço para acreditar no sonho é insuficiente para estabelecer uma relação de pertencimento.

Cassarini reforça também o fato de que as abordagens acadêmicas para as motivações do retorno tornaram-se diversificadas, contemplando não apenas trabalhadores migrantes, estudantes migrantes, migrantes altamente qualificados, empresários retornados, mas também os refugiados e solicitantes de asilo, este último o argumento usado por Jende Jonga na esperança de permanecer nos Estados Unidos. A expansão do espectro da migração de retorno implica uma diversidade de motivos e uma variedade de padrões de mobilização de recursos. Indubitavelmente, Jende e Neni interpretam o retorno como fracasso, mas o esforço de ambos para obter recursos visando a uma futura moradia em solo americano é o que possibilita um retorno seguro a Camarões. Nessa perspectiva, uma simples oposição binária, fracasso/sucesso, não se aplicaria especificamente a esse caso.

Os personagens citados são vítimas do imperialismo cultural e seduzidos por promessas, sem garantias, de uma vida utópica. Em *Americanah*, o sucesso profissional de Ifemelu poderia até ser interpretado como a concretização do seu desejo pessoal e como prova de que o Sonho Americano é possível. Entretanto, como Cullen (2003) nos faz lembrar, o que sustenta o sonho são três pilares – o sonho de igualdade, o sonho de mobilidade social e o sonho de propriedade – e o romance demonstra claramente que a personagem não atingiu esse patamar.

Com a percepção de que o Sonho Americano é uma falácia, eles experimentam intensas negociações entre símbolos culturais a serem adotados, abandonados e reapropriados em uma tentativa de se posicionarem no cenário futuro que se descortina diante deles. Ao darem aos seus personagens a oportunidade do retorno, ainda que carregando as marcas do trânsito cultural, Mbue e Adichie permitem que eles ressignifiquem a experiência diaspórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, motivado pela constatação de uma recorrência da figura do imigrante africano na literatura contemporânea em língua inglesa e, mais especificamente, no contexto cultural estadunidense, analisamos os romances *Aqui estão os sonhadores*, de Imbolo Mbue, e *Americanah*, de Chimamanda Adichie, a partir de um *leitmotiv* que perpassa ambas as obras: o ideal do Sonho Americano. Se no romance de Mbue a busca de concretização do sonho está centrada no casal de protagonistas, no de Adichie, a questão da imigração se estende a vários personagens, ainda que seja a protagonista a condutora das reflexões propiciadas pela autora acerca dos desafios enfrentados pelos imigrantes africanos nos Estados Unidos.

Embora possa parecer um tanto incongruente o fato de que Mbue e Adichie, imigrantes bem-sucedidas no cenário editorial estadunidense e mundial, abordem a questão do retorno definitivo dos personagens à terra natal, a questão das motivações e circunstâncias desse retorno traz à baila o modo como uma ideologia que moldou a sociedade estadunidense obteve alcance mundial, tornando-se um objetivo inalcançável para muitos.

O ponto de partida da nossa análise foi o conceito tradicional de diáspora e a sua aplicabilidade aos intensos deslocamentos no mundo contemporâneo. Para tanto, expusemos os desdobramentos e a expansão do conceito até a concepção atual, que abrange as migrações transnacionais por motivações que vão além das que originaram as primeiras diásporas.

Buscamos também demonstrar que nenhum sujeito passa incólume pelo processo diaspórico. Por mais que haja apego à terra natal, às tradições e à ancestralidade, a necessidade de interagir com outros indivíduos no país anfitrião exige uma negociação de valores culturais, que afetam, em diferentes graus, a sua identidade. É no entre-lugar, onde se dá o encontro entre culturas, que sua identidade é reconfigurada, adotando um conjunto de características que o tornam culturalmente híbrido.

Considerando que tanto a identidade como a diferença são discursivamente construídas, discutimos também os modos de aculturação do imigrante, que é o sujeito diaspórico da contemporaneidade, tendo por parâmetro as perspectivas teóricas do psicólogo intercultural John Berry (2004), que desenvolveu a teoria bidimensional de aculturação, levando em consideração não apenas as estratégias de adaptação do imigrante, mas também a questão da receptividade da sociedade anfitriã.

Não seria possível discutir as implicações derivadas do Sonho Americano sem apresentar as circunstâncias em que ele surgiu e como, ao longo dos séculos, moldou o caráter de uma nação. Assim, abordamos o modo como, dos documentos oficiais às obras literárias, o *American Dream* se revelou como um modelo de meritocracia por meio de uma promessa de igualdade alcançável por meio da assimilação aos valores culturais estadunidenses.

Por tratarmos especificamente de personagens de origem africana, apresentamos também o modo como a aceitação ou não do imigrante depende em grande parte de fatores como raça, etnia, gênero e classe social, que não operam isoladamente, mas se interseccionam.

Devido às especificidades da trajetória das personagens e à necessidade de uma contextualização que extrapola a ficção, adentrando um cenário histórico, econômico e político, optamos por examinar, primeiramente, as obras separadamente. Assim, o segundo capítulo focalizou o romance *Aqui estão os sonhadores* segundo os objetivos propostos. A opção por apresentar a autora nesse capítulo deveu-se, principalmente, ao fato de que dados concretos da sua experiência pessoal desencadearam a escrita do romance, em especial o fato de ter sido ela mesma profundamente afetada pela crise econômica global que serve de pano de fundo ao romance.

Na subseção intitulada “O sistema político e econômico estadunidense como antagonista”, não apenas nos reportamos aos fatores geradores da crise como também aos seus efeitos no tecido social, visto que, além das dificuldades a que os imigrantes são normalmente expostos, o romance credita também o insucesso dos Jonga a um panorama econômico desfavorável. Ao longo da análise, esse fato é evidenciado por meio do fracasso econômico de outros personagens imigrantes que, até então, eram o modelo de sucesso para os protagonistas. A falência financeira e a angústia que ela produz destroem a física e a metafísica do sonho (KIMMAGE, 2011).

O preconceito racial e a hierarquia de classe foram também apresentados como elementos complicadores do processo de integração social (BERRY, 2004) dos protagonistas, exercendo forte impacto sobre suas relações.

A última seção do segundo capítulo focalizou a crise familiar desencadeada pela dissolução do Sonho Americano, os diferentes posicionamentos de Jende e Neni diante da iminência do retorno e as evidências de um processo de reconfiguração identitária desencadeado pela experiência da migração.

O terceiro capítulo não apenas apresenta Chimamanda Adichie como escritora e ativista, mas também busca situá-la no panorama literário, trazendo à baila uma possível articulação, identificada pela crítica, entre ela e o feminismo afropolitano.

A abordagem da representação do imigrante em *Americanah* exigiu que não apenas Ifemelu, a protagonista, mas também outros personagens tivessem suas histórias pessoais abordadas separadamente, visto que as experiências e as formas de enfrentamento dos obstáculos inerentes à adaptação à sociedade anfitriã se apresentam de modo diferenciado. Essa diferença assume especial relevância na configuração da protagonista, que, ao longo do romance, não apenas ultrapassa as barreiras econômicas e raciais advindas da sua condição de imigrante africana, mas encontra na escrita do *blog* um meio de empoderamento, que resulta em independência financeira e ideológica.

É nessa condição que a personagem se dá conta de que se apropriara do aspecto físico do Sonho Americano durante os anos vividos nos Estados Unidos, porém sem que o mesmo ocorresse no âmbito metafísico, visto que o sucesso econômico não correspondia a uma realização plena nem era suficiente para criar elos efetivos de pertencimento. O retorno de Ifemelu tem um caráter transgressor, uma vez que ela não se rende à versão materialista do sonho e, ao invés de permanecer no centro hegemônico, retorna às origens, porém carregando as marcas de uma reconfiguração identitária.

O último capítulo reflete brevemente e de modo comparativo sobre a representação do Sonho Americano nas duas obras e focaliza em especial a temática do retorno, de modo a demonstrar que a dissolução do sonho, total ou parcial, não implica o fracasso dos sujeitos, mas aponta para uma ressignificação de valores.

As narrativas construídas por Adichie e Mbue cumprem o propósito de combater visões estereotipadas dos imigrantes africanos nos Estados Unidos – as histórias únicas, tão fortemente contestadas por Adichie – ao dar voz a indivíduos cujas subjetividades são ignoradas pela sociedade. Ao optarem pelo retorno a sua terra natal, os protagonistas dos romances não apenas rompem com o discurso de inferioridade das ex-colônias, como também revelam a ilusão por trás do Sonho Americano.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, James T. *The Epic of America*. Boston: Little, Brown & Company, 1931.
- ADICHIE, Chimamanda N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- _____. *Americanah*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- AGBOH, Ebony K.; GUELLY, Koffitsè E. I. Immigration Myth Debunked in Imbolo Mbue's Behold the Dreamers. *Littérature, Langues et Linguistique*, n. 11, p.95-110, 2021. Disponível em: <<http://publication.lecames.org/index.php/lit/article/download/2507/1108>>. Acesso em: 22 mai. 2022.
- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Coleção Feminismos plurais, Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALVES, Luciane da Silva. *A escrita desfronteirizante em Chimamanda Ngozi Adichie e Najat El Hachmi*. 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/229727>>. Acesso em: 12 out. 2022.
- ANZALDÚA, Gloria *et al.* Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>>. Acesso em: 13 jun. 2021.
- ARAÚJO, Andrea V. *A Escala de Aculturação Integral: Um olhar Integral em aculturação e satisfação com a vida em imigrantes*. 2017. 189 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da PUC-Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, Goiânia, Go, 2017.
- ARNOLD, Stephen. Preface to a History of Cameroon Literature in English. *Research in African Literatures*, Vol. 14, No. 4, p. 498-515 Special Issue on African Literary History, Winter, 1983. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3819693>>. Acesso em: 05 fev.2022.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen, eds. *The Empire Writes Back*. London: Routledge, 1989.
- ASHUNTANTANG, Joyce. Anglophone Cameroon literature 1959-90: A brief overview. *Tydskrif Vir Letterkunde*, nº 53, p. 109-127, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0041-476X2016000100007> Acesso em: 16 mai. 2022.
- AUGÉ, Marc (1994). *Não-lugares*. Trad. Lúcia Muznic. Lisboa: Bertrand, 1994.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERRY, John W. Migração, aculturação e adaptação. In DE BIAGGI, Sylvia; PAIVA, Geraldo José de (orgs.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 29-45.

_____. Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46(1), p.5-34, 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/026999497378467>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Tradução Myriam Ávila, Gláucia Renate Gonçalves, Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOLAÑOS, Aimée G. Diáspora. In: Zilá Bernd (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 167-187.

BOLLEN, Christopher. *Has US literature woken from the American dream?* Disponível em:<<https://www.theguardian.com/books/booksblog/2015/apr/20/us-literature-the-american-dream>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas.; ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. PR.: EDUEM, 2009. p. 257-285.

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira. *A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora*. Brasília: Editora UnB, 2019.

_____. Neoliberalism in Behold the Dreamers, by Imbolo Mbue: The Latest Menace to the American Dream. In: GONÇALVES, Gláucia Renate; SANTOS, José de Paiva dos (Eds.). *Prospero and Caliban Revisited: Brazilian Critical Perspectives on World Literature Perspectives in English*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2020. p.36-54.

CARREIRA, Shirley de S. G. A reconfiguração de identidade cultural em *Precisamos de novos nomes*, de NoViolet Bulawayo. *Ilha do Desterro*, v.72, n.1, p.145-157, Florianópolis, jan./abr. 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ides/a/C5ZjJFBwPzWs3zmWSDvBvXK/?lang=pt>> Acesso em: 21 jan. 2021.

_____. Representações identitárias na literatura contemporânea: mobilidade, ficção e memória. In: OLIVEIRA, Paulo Cesar S. de; _____. *Estudos Literários na contemporaneidade: questões e tendências*. São Gonçalo: Faculdade de Formação de Professores - FFP/UERJ, 2017. p. 25-38.

_____ *et all*. *Travessias: estudos de literatura e imigração*. Belford Roxo, RJ: UNIABEU, 2015.

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. *REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum.*, Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 21-54, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/remhu/a/3BV7KhXPCvdcTryPh5SGc6n/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 12 jan. 2022.

CASTELLI, Francesco. Drivers of migration: why do people move? *Journal of travel medicine*, v. 25, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/jtm/tay040>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

CERASE, Francesco P. Expectations and Reality: A Case Study of Return Migration from the United States to Southern Italy. *International Migration Review*, v. 8, n. 2, p. 245-262, 1974. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3002783>> Acesso em: 11 abr. 2023.

CHOMSKY, Noam. *Réquiem para o sonho Americano*. Os 10 princípios de concentração de riqueza e poder. Tradução de Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

COHEN, Robin. *Global diasporas: an introduction*. New York, Routledge, 2008.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas identitárias e violência contra mulheres de cor. Tradução de Paula Granato e Gregório Benevides. In: MARTINS, Ana Cláudia Aymoré; VERAS, Elias F. *Corpos em aliança: diálogos interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade*. Curitiba: Appris, 2020. p. 23-98.

CRESSWELL, Tim. *On the move: mobility in the modern Western world*. New York: Routledge, 2006.

CUCHE, Denys. Cultura e Identidade. In: *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 175-202.

CUELLAR, Israel; ARNOLD, Bill; GONZÁLEZ, Genaro. Cognitive referents of acculturation: Assessment of cultural constructs in Mexican Americans. *Journal of Community Psychology*, 23, p.339–355, 1995. Disponível em: <[https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1520-6629\(199510\)23:4%3C339::AID-JCOP2290230406%3E3.0.CO;2-7](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1520-6629(199510)23:4%3C339::AID-JCOP2290230406%3E3.0.CO;2-7)>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CUELLAR, Israel.; HARRIS, Lorwen C.; Jasso, Ricardo. An acculturation scale for Mexican American normal and clinical populations. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 2, 199-217, 1980. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/07399863950173001>> Acesso em: 12 jun. 2022.

CULLEN, Jim. *American Dream: A Short History of an Idea That Shaped a Nation*. New York: Oxford University Press, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34.

DEVULSKY, Alessandra. *Colorismo*. Editora Jandaíra, 2021.

DOUGLASS, Frederick. *Self-made man*. Disponível em: <<https://monadnock.net/douglass/self-made-men.html>> Acesso em: 12 mai. 2022.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Tradução Catarina Matos. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

FONGANG, Delphine. *The Postcolonial Subject in Transit: Migration, Borders, and Subjectivity in Contemporary African Diaspora Literature*. Lanham, MD: Lexington Books, 2018.

FRY, Brian N. *Nativism and Immigration: regulating the American Dream*. New York: LFB Scholarly Pub, 2007.

GMELCH, George. Return Migration. *Annual Review of Anthropology*, v. 9, p. 135-159, 1980. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2155732>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 3ª.ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HAESBAERT, Rógerio; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. *GEOgrafia*, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13419>> Acesso em: 05 set. 2021.

HALLEMEIER, Katherine. 'To Be from the Country of People Who Gave': National Allegory and the United States of Adichie's *Americanah*. *Studies in the Novel* 47.2 (2015), p. 231-245, Web. 1 Mar. 2016.

HERSKOVITS, Melville J. *Acculturation: The study of culture contact*. Gloucester, MA: Peter Smith, 1958.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. SOVIC, Liv. (Org.). Tradução Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Claudia Alvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tadeu. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John. *Teorias da personalidade*. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese, Antônio Carlos Amador. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1989

HOCHSCHILD, Jennyfer L. *Facing up to the American Dream: Race, Class and the Soul of the Nation*. Princeton: Princeton University Press, 1995.

HOMELAND SECURITY. Refugees and Asylees. 03/17/2022. Disponível em: <<https://www.dhs.gov/immigration-statistics/refugees-asylees>>. Acesso em: 13 mai. 2022.

IANNI, Otavio. *Teorias da globalização*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.

IRELE, Augusta A. Dystopic Dissonance: Migration and Alienation in Imbolo Mbue's *Behold the Dreamers*. In: ROSE, Kate (Ed.) *Displaced literature of indigeneity, migration, and trauma*. New York: Taylor & Francis, 2020.

JEYIFO, Biodun. For Chinua Achebe: the resilience of Obierika. In: PETERSEN, Kirsten Holst; RUTHERFORD, Anna (eds.). *Chinua Achebe: a celebration*. Oxford: Heinemann, 1991. p. 51-70.

KENNY, Kevin. *Diaspora: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

KEARNEY, Michael. The local and the global: the anthropology of globalization and transnationalism. *Annual Review of Anthropology*, 24, p. 257-265, 1995. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2155949>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

KIMMAGE, Michael C. The Politics of the American Dream, 1980 to 2008. In: HANSON, Sandra L.; WHITE, John Kenneth. *The American Dream in the 21st Century*. Philadelphia, Pennsylvania: Temple University Press, 2011. p. 27-40.

HOOKS, Bell. *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism*. London: Pluto Press, 1990.

LIPOVETSKY, Gilles.; SERROY, Jean. *A Estetização do Mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LYONGA, Nalova. Le degre Zero. Deconstructing Victimhood. *Anglophone Cameroon Writing*. Eds. Lyonga, Nalova, Eckhard Breitingner and Bole Butake. Bayreuth: University of Bayreuth, 1993. p. 159-62.

MACVIBAN, Dzekashu. Anglophone literature: an appraisal. *Kamerun*. October 2014. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/cm/en/kul/mag/20822553.html>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

MARTINE, George. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/spp/a/ddmq64Q3LR7dwYJYcNR4pQf/?forma=pdf&lang=pt>> Acesso em: 03 jul. 2021.

MBEMBE, Achille. Afropolitanismo. Tradução Cleber Daniel Lambert da Silva. *Áskesis*, v. 4, n. 2, p. 68 – 71, jul/dez, 2015.

_____. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MBUE, Imbolo. *Aqui estão os sonhadores*. Trad. George Schlesinger. 1ª Ed. São Paulo: Globo livros, 2016.

MBUE, Imbolo. *Imbolo Mbue has been working toward this moment*. Entrevista a Adzanai Mhute. 19 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/02/19/books/imbolo-mbue-how-beautiful-we-were.html>>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MENDOZA, José Jorge. A "Nation" of Immigrants. *The Pluralist*, v. 5, n. 3, p. 41-48, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.5406/pluralist.5.3.0041>> Acesso em: 13 mai. 2022.

MENEZES, Lená Medeiros de. Imigrantes: histórias de fracassos no outro lado do Atlântico. Natal: ANPUH, n. 27, julho, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371306068_ARQUIVO_ArtigoANPUH LenaMedeirosdeMenezes.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2022.

MEMMI, Albert. *Decolonization and the Decolonized*. Translated by Robert Bononno. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

MERELMAN, Richard M.; STREICH, Greg; MARTIN, Paul. Unity and diversity in American political culture: An exploratory study of the National Conversation on American Pluralism and Identity. *Political Psychology*, v. 19, n. 4, p. 781-807, 1998. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3791875>>. Acesso em: 08 mai. 2022.

MESSADIÉ, Gerald. *A crise do mito americano: réquiem para o super-homem*. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Ática, 1989.

NSAMENANG, A. Bame. Fathers, Families, & Child Well-Being in Cameroon: A Review of the Literature. Pennsylvania: Pennsylvania University, p. 1-19, 2000. Disponível em: <<https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED454984.pdf>>. Acesso em: 12 de mai. 2022.

OSMAN, Samira Adel. Problemáticas da imigração e do retorno na comunidade líbano-brasileira. *Cadernos Ceru*, v. 19, n. 1, p. 151-164, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11850/13627>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

PARANHOS, Ana Lúcia S. Des(re)territorialização. In: BERND, Zilá. (org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p.147-157.

PARK, K. Money, Mortgages, and the Conquest of America. *Law & Social Inquiry*, 41(4), p. 1006-1035, 2016. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/lsi.12222>>. Acesso em: 13 mai. 2022.

RAYANE, Dayse; MUNIZ, Silva. Resistência decolonial e rearticulações identitárias em Americanah, de Chimamanda Ngozi Adichie. *Revista (Entre Parênteses)*, v. 9, n. 2, p. 1-16, 2020. Disponível em: <<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/1212>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

RICHMOND, Anthony H. Explaining Return Migration. In KUBAT, Daniel (ed.). *The Politics of Return*. International Return Migration in Europe. New York: Center for Migration Studies, 1984. p. 269-275.

RILEY, Rebecca. Profiles in Black History: Imbolo Mbue. *Oceanside Sanctuary*, 2021. Disponível em: <<https://www.oceansidesanctuary.org/blog/profiles-in-black-history-imbolo-mbue>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

ROGERS, Rosemarie. Return Migration in Comparative Perspective. In KUBAT, Daniel (ed.). *The Politics of Return*. International Return Migration in Europe. New York: Center for Migration Studies, 1984. p. 277-299.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. O retorno: Elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia- Revista do Migrante*, (Especial), 7–10, 2000. Disponível em: <<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/449>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SELASI, Taiye. Bye-Bye, Babar. *The LIP Magazine*. Diversity and Multiculturalism. March 3, 2005. Disponível em: <<https://thelip.robertsharp.co.uk/2005/03/03/bye-bye-barbar/>>. Acesso em 18 ago. 2021.

SHEFFER, Gabriel (Ed.) *Modern Diasporas in International Politics*. London: Croom Helm, 1986.

SHUVAL, Judith T. Diaspora Migration: Definitional Ambiguities and a Theoretical Paradigm. *International Migration*. v. 38, Issue 5, p. 41-56, December 2000. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-2435.00127>>. Acesso em: 01 jan. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2000.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? Trad. Patricia Silveira de Farias. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 189-205.

_____. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

_____. Diasporas old and new: Women in the transnational world. In: TRIFONAS, Peter Pericles (Ed.). *Revolutionary pedagogies*. Cultural Politics, Instituting Education, and the Discourse of Theory. New York: Routledge, 2000. p. 3-29.

WOODWARD, Katherine. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-68.

YANG, Mimi. The American Dream: Immigration and Formation of Cultural Identity in the United States. *Diálogos* (14159945), v. 24, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/download/51952/751375149628/>>. Acesso em: 18 mai. 2022.

ZANABAZAR, Altanchimeg; KHO, Nam Son; JIGJIDDORJ, Sarantuya. The push and pull factors affecting the migration of Mongolians to the Republic of South Korea. In: *SHS Web of Conferences*. EDP Sciences, 2021. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/1d4d/5a9fa8a0d9185fe9796b83f39ffa991de379.pdf?_ga=2.202007890.2121030602.1658703676-866232010.1656177405>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ZOLIN, Lucia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária*. Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 253-261.